

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA-NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA- D.G
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA-PPMG**

DOMINGAS LUCIENE FEITOSA SOUSA

ESPAÇO VIVIDO E MAPAS MENTAIS EM ESCOLA RIBEIRINHA.

**PORTO VELHO/RO
2009**

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA-NCT
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA-PPMG**

DOMINGAS LUCIENE FEITOSA SOUSA

ESPAÇO VIVIDO E MAPAS MENTAIS EM ESCOLA RIBEIRINHA

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

Área de Concentração: A Amazônia e Políticas de Gestão Territorial.

Linha de Pesquisa: Populações Amazônicas e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Nilson Santos

**PORTO VELHO/RO
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

S725e

Sousa, Domingas Luciene Feitosa

Espaço vivido e mapas mentais em escola ribeirinha / Domingas Luciene Feitosa. Porto Velho, Rondônia, 2009.
131f.: il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Profº. Drº. Nilson Santos.

1. Escola ribeirinha 2. Espaço vivido 3. Mapas mentais I. Santos, Nilson II. Título.

CDU: 574.37

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Ozelina Saldanha
Biblioteca Central / UNIR



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



NÚCLEO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

PPGG

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Domingas Luciene Feitosa Sousa

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Nilson Santos e constituída pelas examinadoras Profa. Dra. Maria Madalena Ferreira e pela Profa. Dra. Salete Teixeira Kozel, reuniu-se no dia 02 de julho de 2009, às 10:00 horas na sala Josué de Castro, prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada “*Espaço Vivido e Mapas Mentais em Escola Ribeirinha*” da mestranda *Domingas Luciene Feitosa Sousa*. Após a explanação da mestranda, e sua argüição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi _____

Porto Velho, 02 de julho de 2009

Prof. Dr. Nilson Santos
Orientador

Profa. Dra. Maria Madalena Ferreira
Examinadora

Profa. Dra. Salete Teixeira Kozel
Examinadora

Dedicatória

Dedico esta dissertação a minha rainha e mãe Domingas da Silva Feitosa Sousa que acreditou em mim e incentivou-me tentar a seleção do Mestrado em Geografia. A você minha mãe, que luta para melhorar a sua saúde, a minha eterna gratidão, pois se cheguei aqui é porque tive seu apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que me concedeu a vida, sabedoria para escrever e serenidade para pensar;

Ao meu orientador prof. Dr. Nilson Santos pela orientação serena, tranqüila, sábia, paciente e decisiva e que muito soube compreender meus momentos;

Ao professor Dr. Josué da Silva Costa Silva, pelas dicas de leitura e oportunidades de crescer na pesquisa;

A prof^a. Dr^a. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, pelas grandes oportunidades de participar de atividades no mestrado que levaram ao meu crescimento acadêmico;

A prof^a. Dr^a. Nair Gurgel e ao prof. Clarides Henrich de Barba pelo incentivo e pelas experiências na iniciação científica;

As minhas grandes amigas Sheila Ximenes de Souza, Terezinha Ferreira de Souza, Telma Fortes e Elaine Fachine pelas ótimas sugestões;

Ao meu esposo Expedito Sabino da Costa Filho e meu filho Samuel Isidoro Feitosa Costa que entenderam minhas ausências para estudar e ao apoio que me deram em todos os sentidos, nas idas à cachoeira e nas atividades de campo;

Ao professor Dr. Nelson Rego que gentilmente oportunizou-me importantes dicas e livro de sua autoria para meu trabalho;

Aos meus nobres professores do Mestrado Carlos Santos, Marco Antônio Domingues Teixeira, Maria Madalena Ferreira, Josué da Silva Costa, Maria das Graças, Ivonete Tamboril, Dorisvalder Dias Nunes e Nilson Santos que me oportunizaram a base para a construção teórica.

Aos meus colegas Denílson Amorim de Oliveira e Luiz Clodoaldo Cavalcante Filho, diretores da escola Padre Chiquinho, local onde trabalho, que muitas vezes entenderam minhas ausências para cumprir as programações do Mestrado;

A diretora Aparecida Veiga Costa da Escola Antônio Augusto Vasconcelos que me autorizou realizar a pesquisa, deu dicas preciosas e ainda disponibilizou informações importantes;

Ao Carlos Walmir Costa de Carvalho, Secretário da Escola, que cedeu dados importantes, além de momentos agradáveis de descontração;

A professora Klervina Maria Coimbra Tobias, titular da disciplina de Geografia, que disponibilizou tempo para nossas conversas, troca de idéias, sugestões e tanto contribuiu para tornar mais rica a pesquisa;

Aos alunos colaboradores que se revelaram grandes conhecedores da Geografia durante a elaboração dos mapas mentais, o meu muito obrigada;

A professora Jaqueline Gomes da Costa que ajudou muito na aplicação dos questionários , algumas entrevistas e com as fotografias;

A professora Maria Madalena Ferreira que oportunizou dicas maravilhosas para minhas análises dos mapas, olhando cada um deles e sugerindo novas possibilidades de tornar o trabalho mais rico;

Aos meus irmãos Carlos Adriano Feitosa Sousa, pelas ajudas acadêmicas; a Lucileyde Feitosa Sousa, que foi a primeira a incentivar-me a fazer a seleção do Mestrado; e Hemetéria Luciana Feitosa Sousa;

Ao meu amigo Alexandre Dourado Santos, pela atenção e colaboração no texto;

A Maria Rita Rodrigues Constâncio pela preciosa colaboração.
A minha amiga Iralice Batista Figueira, pelas correções.

RESUMO

Este trabalho é resultado das pesquisas desenvolvidas no período de 2007 a 2008, na escola municipalizada Antônio Augusto Vasconcelos na Vila do Teotônio com uma turma do 6º ano que teve como objetivo apontar elementos geográficos a partir dos mapas mentais desenvolvidos através da percepção dos alunos. Para desenvolver este trabalho foi necessário o uso do aporte teórico dentro da percepção fenomenológica, pois é a partir da essência dos fatos que o ser humano poderá analisar e compreender a importância do meio para o ser vivo, também sugere a realização de pesquisas que estudem a relação entre as pessoas e o meio ambiente. Como elas se dão? Quais sentimentos e idéias surgem a partir dessa relação? Irão afetar as atitudes e os valores individuais e do grupo?

Desta forma, os mapas mentais foram utilizados como procedimento metodológico para compreender e interpretar o meio ambiente. Refletir sobre o papel dos mapas mentais na representação do local, focalizando a sua importância no ensino da geografia. Além disso, os mapas mentais são fundamentais para a compreensão e representação do lugar. Os resultados apontam que os mapas mentais são importante como instrumento metodológico para análise do lugar ribeirinho.

Palavras chave: Escola ribeirinha, Espaço vivido, Mapas Mentais.

ABSTRACT

This book is the result of research conducted during the period 2007 to 2008, the municipal school Antônio Augusto Vasconcelos in the town of rapids with a group of 6th year that aimed to point out geographical features from the mental maps developed through the students' perceptions. To develop this work was necessary to use the theoretical framework within the phenomenological perception, it is from the essence of the facts that humans can analyze and understand the importance of the means to be alive, also suggests conducting research to examine the relation among the people and the environment. How do they give? What feelings and ideas arise from this relationship? Will affect the attitudes and values individual and group? Thus, the mental maps were used as a methodological procedure to understand and interpret the environment. Reflecting on the role of mental maps in the representation of local, focusing on its importance in the teaching of geography. Furthermore, mental maps are fundamental to the understanding and representation of place. The results show that the mental maps are important as a methodological tool to analyze the place riverside

Keywords: School riverside living space, Mental Maps.



Foto: Analton Alves ,em 2006, O percurso de casa a escola



Foto: Analton Alves . Em 2006. O percurso de Casa a escola

O espaço que se move constitui parte integrante de sua
vida cotidiana que de fato é o seu lugar

(Yi Fu Tuan)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
CAPITULO I - CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA: A ÁREA DA PESQUISA: A VILA DA CACHOEIRA DO TEOTÔNIO E A ESCOLA.....	22
1.1 A VILA DA CACHOEIRA DO TEOTÔNIO.....	22
1.2 Organização Social na Vila da Cachoeira do Teotônio.....	29
1.3 O Espaço da Escola.....	35
1.4 Caracterizando a Clientela atendida pela Escola.....	39
1.5 Transporte Utilizado pelos Alunos do 6º Ano A.....	42
1.5.1 Nossos colaboradores.....	42
1.6 Metodologia Utilizada.....	47
CAPITULO II - A GEOGRAFIA E A PERCEPÇÃO.....	50
2. 1 Espaço e Tempo no Mundo Vivido.....	57
CAPITULO III –O ENSINO DA GEOGRAFIA E OS MAPAS MENTAIS.....	61
3.1 A Proposta Pedagógica para o ensino da Geografia.....	64
3.2 A Geografia e a Vida dos Alunos.....	71
3.2.1 Estudar o Lugar.....	71
3.2.2 Tema: A maquete do Turismo na Cachoeira do Teotônio.....	87
3.2.3 Uma maquete da cachoeira, a vila com suas casas.....	89
3.2.4 Uma nova visão com relação às mudanças na vila.....	91
3.2.5 Mapa turístico da Vila do Teotônio, na visão dos alunos.....	92
3.3 As mudanças na Vila e os impactos Ambientais.....	94
3.4 O lixo e suas conseqüências para o Meio Ambiente.....	95
3.5 Materiais recicláveis.....	98
CAPÍTULO IV - O MAPA MENTAL COMO ELEMENTO DE ENTENDIMENTO DO MUNDO VIVIDO PELOS ALUNOS DO 6º ANO.....	103
4.1 Dos desenhos aos Mapas Mentais.....	103
4.2 Benefícios e Usos dos mapas mentais na aprendizagem.....	
4.3 As Percepções com Relação à turma.....	109
4.4 Construindo os Mapas Mentais: de casa à escola, nos Lugares, construímos nossa Vida.....	112
CAPITULO V - AS ANÁLISES E AS CONSIDERAÇÕES.....	126
REFERÊNCIAS.....	147
ANEXO 1 - Cronograma de atividades desenvolvidas em 2008.....	152
ANEXO 2 - OBSERVANDO O ESPAÇO PERCORRIDO.....	153
ANEXO 3 - REPORTAGEM DO JORNAL “O ESTADÃO DO NORTE”.....	154
ANEXO 4 – PREFEITURA AMPLIA ESCOLA DA CACHOEIRA.....	155
ANEXO 5- PROJETO DA UNIR BENEFICIA ESCOLAS RIBEIRINHAS	156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista da Cachoeira do Teotônio	p. 23
Figura 2: Vista da Cachoeira do Teotônio	p. 23
Figura 3: Travessia do Rio Madeira	p. 25
Figura 4: Travessia do Rio Madeira	p. 26
Figura 5: Vila em época de Cheia do Rio Madeira	p. 27
Figura 6: Vista da Escola Antônio Augusto Vasconcelos	p. 35
Figura 7: Vista da Escola Antônio Augusto Vasconcelos	p. 36
Figura 8: Mapa de Localização	p. 37
Figura 9 Principal Rua da Vila do Teotônio	p. 38
Figura 10 Principal Rua da Vila do Teotônio	p. 39
Figura 11: Fluxograma	p. 49
Figura 12: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila Princesa	p. 74
Figura 13: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila Princesa	p. 75
Figura 14: Mapa mental, elaborado por aluno da Cachoeira Morrinhos	p. 76
Figura 15: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila do Teotônio	p. 79
Figura 16: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila Princesa	p. 81
Figura 17: Mapa mental, elaborado por aluno da Cachoeira Morrinhos	p. 83
Figura 18: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila do Teotônio	p. 84
Figura 19: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila do Teotônio	p. 85
Figura 20: Mapa mental, elaborado por aluno da Vila Princesa	p. 86
Figura 21: Na feira de ciências: Maquete da Vila	p. 89
Figura 22: Na feira de ciências: Maquete da Vila	p. 90
Figura 23: Na feira de ciências: Vila do Teotônio	p. 91
Figura 24: Na feira de ciências: Modernidade	p. 91
Figura 25: Na feira de ciências: Vila do Teotônio	p. 92
Figura 26: Na feira de ciências: Cachoeira de Morrinhos	p. 92
Figura 27: Na feira de ciências: Mapa turístico	p. 93
Figura 28: Na feira de ciências: Mapa turístico	p. 94
Figura 29: Maquete: Os moradores da Vila	p. 95
Figura 30: Maquete: modernidade	p. 95
Figura 31: Maquete: O Lixo	p. 96
Figura 32: Lixo e meio ambiente: maquete do desmatamento	p.97

Figura 33: Lixo e meio ambiente: época de cheia do rio Madeira	p. 98
Figura 34: Meio ambiente: Época de cheia do rio Madeira	p. 98
Figura 35: Materiais Recicláveis	p. 100
Figura 36: Materiais Recicláveis	p. 108
Figura 37: Mapa mental - aluno do 6º ano, morador da Vila do Teotônio	p. 116
Figura 38: Mapa mental - aluno do 6º ano, morador do Igarapé Amazonas	p. 117
Figura 39: Igarapé Amazonas: vista aérea	p. 119
Figura 40: Mapa mental - aluna moradora da Vila Princesa	p. 119
Figura 41: Mapa mental - aluna morador do Igarapé Amazonas	p. 120
Figura 42: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 121
Figura 43: Mapa mental - aluno morador de Sítio	p. 121
Figura 44: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 122
Figura 45: Mapa mental - aluno morador da Cachoeira Morrinhos	p. 123
Figura 46: Mapa mental - aluno morador da Cachoeira Morrinhos	p. 124
Figura 47: Mapa mental - aluno morador da Igarapé Amazonas	p. 125
Figura 48: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 126
Figura 49: Mapa mental - aluno morador de Sítio	p. 127
Figura 50: Mapa mental – organizado por Domingas Luciene	p. 130
Figura 51: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 131
Figura 52: Mapa mental - aluno morador da Cachoeira Morrinhos	p. 133
Figura 53: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 134
Figura 54: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 135
Figura 55: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 136
Figura 56: Mapa mental - aluno morador do Igarapé Jatuarana	p. 137
Figura 57: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 138
Figura 58: Mapa mental - aluno morador da Cachoeira Morrinhos	p. 139
Figura 59: Mapa mental - aluno morador do Igarapé Amazonas	p. 140
Figura 60: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 141
Figura 61: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 142
Figura 62: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 143
Figura 63: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 144
Figura 64: Mapa mental - aluno morador da Vila Princesa	p. 145
Figura 65: Mapa mental - aluno morador da Vila do Teotônio	p. 146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Alunos matriculados do 1º ao 5º ano	p. 39
Tabela 2: Alunos matriculados do 6º ao 9ª ano	p. 40
Tabela 3: Transporte utilizado pelos alunos do 1º a 5º ano	p. 41
Tabela 4: Transporte utilizado pelos alunos de 6º a 9º ano	p. 42
Tabela 5: Transporte utilizado pelos alunos do 6º ano A	p. 43
Tabela 6: Alunos matriculados nos últimos 3 anos do 1º ao 5º ano	p. 44
Tabela 7: Alunos matriculados nos últimos 3 anos do 6º ao 9º ano	p. 45
Tabela 8: Alunos matriculados nos últimos 3 anos do 1º ao 9º ano	p. 46
Tabela 9: Ementa para o 6º ano	p. 70
Tabela 10: Termos mais utilizados (glossário)	p. 113
Tabela 11: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 132
Tabela 12: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 133
Tabela 13: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 134
Tabela 14: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 135
Tabela 15: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 136
Tabela 16: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 137
Tabela 17: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 138
Tabela 18: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 139
Tabela 19: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 140
Tabela 20: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 141
Tabela 21: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 142
Tabela 22: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 143
Tabela 23: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 144
Tabela 24: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 145
Tabela 25: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 146
Tabela 26: Aspectos Geográficos, representados no mapa mental	p. 149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Alunos matriculados do 1º ao 5º ano	p. 40
Gráfico 2: Alunos matriculados do 6º ao 9º ano	p. 40
Gráfico 3: Transportes utilizados pelos alunos de 1º a 5º ano	p. 41
Gráfico 4: Transportes utilizados pelos alunos de 6º a 9º ano	p. 42
Gráfico 5: Transportes utilizados pelos alunos do 6º ano A	p. 43
Gráfico 6: Alunos matriculados do 1º ao 5º ano em 2009	p. 44
Gráfico 7: Alunos matriculados do 6º ao 9º ano em 2009	p. 45
Gráfico 8: Dados da pesquisa de campo na secretaria da escola	p. 46

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada foi desenvolvida sob a perspectiva de construir uma reflexão acerca da importância de se utilizar os mapas mentais como maneira do aluno perceber o espaço vivido e aprender geografia de um modo particular, valorizando os aspectos geográficos do espaço ribeirinho, bem como não perder o foco da linha de pesquisa populações Amazônicas e Cidadania, que foi uma das bases para nortear nossas buscas.

Mas antes vamos fazer uma apresentação de como foi o percurso para chegarmos ao Mestrado e ao tema da nossa dissertação. Durante a graduação em Pedagogia, de 2002 a 2006, tivemos a disciplina de Fundamentos e Práticas do Ensino de Geografia que teve como proposta: as metodologias relativas ao estudo dos acontecimentos contextualizados no espaço por meio de mapas físicos, temáticos e históricos; assim como esquemas, quadros e descrições; o homem enquanto sujeito que constrói e reconstrói o espaço: conceitos de espaço, lugar e território. Foi nessa disciplina que tivemos uma orientação teórica para se trabalhar com mapas. Durante os seis meses que transcorreu a disciplina, realizamos muitas atividades práticas em sala de aula e a principal delas foi confeccionar mapas, para se trabalhar com crianças nas séries iniciais.

Na disciplina Educação com os Povos da Floresta, entendemos o estudo das formas e socialização presente nos modos de vida e de que forma as comunidades Amazônicas se organizam, percebemos os dilemas e os desafios da atividade de ensino e aprendizagem, nas áreas ribeirinhas e do saber escolar neste contexto. Nessa disciplina tivemos contato, através do referencial bibliográfico, com os livros, das geógrafas Livia de Oliveira e Berta Becker, além das atividades práticas que tornaram mais rica nossa vivência.

E, ainda no ano de 2004, vivenciamos experiências no PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, em que desenvolvemos atividades como monitora de professores na área de assentamentos, nessas idas a campo, o meio de transporte utilizado era sempre a voadeira ou rabeta¹, além de algumas caminhadas de cinco a seis quilômetros na mata, com duas professoras da localidade e dois jovens que iam à frente abrindo caminho para chegarmos mais

¹ Transporte fluvial movido à botija de gás, muito utilizado pelos ribeirinhos, não é reconhecido pela Marinha por oferecer riscos à vida de quem utiliza, porém os gastos com ele são menores em relação à voadeira.

rápido aos locais e voltarmos para casa antes do anoitecer. Desta forma, mais um contato com a natureza acontecia e conhecíamos novas paisagens.

No Projeto Fluvial Mirim: Experiência Cidadã nas Embarcações, em 2001 na Delegacia Fluvial de Porto Velho, trabalhamos com um grupo de dez crianças na faixa etária de 10 a 13 anos em situação de risco² que residiam às margens do rio Madeira. Inicialmente as crianças foram capacitadas por alguns professores, inclusive contribuimos nessa capacitação, trabalhando com noções de Meio Ambiente e Cidadania. Durante os trabalhos os alunos produziram mapas mentais que posteriormente foram incluídos na elaboração do material como exigência do Projeto. Nessa atividade, percebemos que os alunos organizavam de forma dinâmica os roteiros culminando em ótimos trabalhos.

A parte prática do projeto consistia em levar os Fluviais Mirins nas embarcações, denominadas de barco Recreio³ para orientar os passageiros quanto à utilização do colete salva vidas e apresentar noções de Meio Ambiente e Preservação dos Rios, novamente o contato com a natureza e com uma rica diversidade de elementos geográficos.

Já no Programa Alfabetização Solidária, no ano de 2000, tivemos uma experiência em Careiro da Várzea no Amazonas e Taguatinga no Tocantins. Nesse programa nosso trabalho era de capacitar e acompanhar os monitores. Nas atividades práticas, os monitores foram orientados a trabalhar com desenhos e artesanatos como forma de valorizar a paisagem e a cultura local, e estes trabalhos foram expostos na Agência Central dos Correios como forma de exaltá-los. Novamente essa experiência possibilitou o contato com a natureza, pois o percurso possibilitava conhecer novas paisagens, situações, aprendizagens e novas experiências que consideramos terem sido importantes para o ingresso no Programa de Pós-graduação, em nível de Mestrado, esses contatos nos levaram à primeira leitura da Amazônia Ribeirinha.

Com todas essas experiências, surgiu a proposta da dissertação “Espaço Vivido e mapas mentais em escola ribeirinha. A pesquisa aconteceu na Escola Municipalizada Antônio Augusto Vasconcelos, localizada na área ribeirinha”, de certo esse processo nos levou a buscar respostas para algumas de nossas inquietações,

² No projeto era considerada situação de risco as crianças que passavam o dia na rua, renda da família de um salário mínimo.

³ Embarcação de médio porte, com casco de até 30 metros que faz o transporte de passageiros e cargas.

relativa à forma de como o aluno percebe e compreende o espaço em que está inserido, como ele representa através dos mapas mentais o percurso de casa à escola, como também os demais ambientes que ele vive.

No Mestrado as disciplinas, da Teoria da Geografia, Educação Ambiental para a Amazônia, Cultura, Populações Amazônicas e Sustentabilidade, O Estado e Políticas Públicas na Amazônia, Gênero e Gestão de Políticas Sociais para a Amazônia, O Espaço Rural e Abordagens e Técnicas da Geografia Social e Cultural serviram para a construção da base teórica que possibilitou aprofundar nossas leituras e construir a parte escrita. Após a conclusão da primeira etapa partimos para apresentar os resultados de nossas pesquisas.

Nas idas a campo, surgiu à proposta de apresentar através dos desenhos dos alunos essas leituras, daí passamos a observar melhor o que poderíamos encontrar para subsidiar nosso trabalho na escola e o que os alunos percebem nesse percurso de ônibus ou de voadeira de casa à escola. Após esses contatos, conversas e observações surgiram à idéia de entender como é o dia a dia dos alunos, a vida, e como poderia ser expressa por meio dos mapas mentais com a finalidade de perceber essa relação do aluno com o seu ambiente e leva-los a compreenderem melhor a geografia local.

A estrada para a escola é cheia de obstáculos, não tem asfalto, tem dias que encontramos algum veículo no caminho e dias que não. São 13 quilômetros em estrada de chão e o motorista do ônibus escolar gasta em média uma hora para chegar ao seu destino. Alguns alunos andam em média cerca de 8 km até o local da espera do ônibus.

Para entendermos os mapas mentais⁴ e a importância da sua utilização em sala de aula, foi necessário fazer uma relação com o ensino de Geografia e Geografia da percepção. Também buscamos o plano de aula, a proposta da escola que, de forma geral, é realizado através de aulas expositivas ou leitura dos textos do livro didático.

Porém, percebemos ao longo das atividades de campo que é possível trabalhar com essa área do conhecimento de forma mais dinâmica e investigativa para os alunos, por meio de situações que problematizem os diferentes espaços geográficos, os lugares, regiões e territórios e que possibilitem a compreensão entre

⁴ Para os geógrafos da percepção e do comportamento o mapa mental é uma representação do real, do que fora apreendido e registrado.

o presente e o passado, as ações individuais e as coletivas; e que promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos ler, detalhar, analisar, formar opiniões e explicar o que está localizado no seu espaço.

No decorrer das idas à escola, percebemos uma carência de discussões e uma necessidade de ampliar mais os debates com relação à produção de atividades práticas que contemplassem a geografia, as atividades como mapas, exercícios que mostrassem uma ampliação em meio a uma realidade que insere a Vila do Teotônio. Uma carência que, em menor proporção, também pode ser referida em relação às demais escolas em área ribeirinha. Isto nos revelava, pois, a dificuldade de elaborarmos uma dissertação sobre esta temática. Assim, para além dos geógrafos, tivemos que buscar uma bibliografia entre sociólogos e educadores.

Por outro lado, considerando que o trabalho com mapas mentais destacando elementos da natureza, e elementos geográficos específicos de uma região, revela a importância deste tema, notadamente porque diante das grandes e inúmeras dificuldades de trabalhar-se em área ribeirinha, essa metodologia de trabalho se mostrou importante, no sentido de dinamizar as aulas de geografia.

Visando contribuir com a escola, buscamos investigar de que forma os alunos representam, através dos desenhos os locais onde estão as suas residências e o que percebem nas localidades onde residem. Além disso, buscamos uma reflexão acerca das práticas pedagógicas relacionadas à Geografia e o projeto político pedagógico, que, em se tratando de uma escola ribeirinha, a natureza do ensino, as abordagens referentes à disciplina, considerando a diversidade de elementos geográficos, tornam-se um ponto de partida para muitas atividades práticas. Como exemplo, destacamos a feira de ciências onde os alunos fizeram várias apresentações interdisciplinares em que o foco foi o de localização, bem como o histórico da vila e a questão do turismo.

Atuar junto à escola ribeirinha, investigá-la, buscando um fundamento na cultura local e também valorizando as necessidades dos ribeirinhos, justifica a presente dissertação, em razão da sua grande importância de conhecer profundamente uma proposta de trabalho com aspectos geográficos na formação cultural desse grupo de alunos que fazem parte da população específica da comunidade Amazônica. Caracterizada pelos aspectos das análises reflexivas que se apresentam no cotidiano da realidade estudada. Dada à importância de

estabelecer o processo reflexivo é importante estabelecer uma análise qualitativa das referências dos sujeitos analisados nesta dissertação.

A problemática que se apresenta é que os estudos de percepção, sob um viés humanista-cultural, devem ser utilizados para o entendimento do mundo vivido dos alunos que residem em área ribeirinha, principalmente porque se encontram vivendo e alguns trabalhando numa área que começa a ser reordenada devido à construção de duas usinas hidrelétricas do rio Madeira.

Nesse sentido, dar-se-á início à execução deste projeto, destacando as questões que nos guiarão nesta investigação e a serem aprofundadas durante o desenrolar da pesquisa. É importante saber como a Geografia de certa forma contribui para o entendimento do modo de vida amazônico? Os mapas mentais colaboram para o conhecimento cultural e social, considerando a questão cultural, a linguagem e o mundo vivido deles. Como os alunos constroem e recriam o seu espaço vivido? Qual o grau de credibilidade que os alunos dão aos mapas mentais no processo de orientação durante o percurso de casa a escola? Como se forma o saber dos alunos? Que importância tal saber tem para o modo de vida das comunidades ribeirinhas? O que representa as percepções dos alunos numa região de grandes extensões ribeirinhas?

Este trabalho está subdividido em cinco capítulos. O primeiro deles apresenta a caracterização do local pesquisado, apontando os aspectos geográficos do espaço, a importância da Vila do Teotônio para o município, os modos de vida dos moradores daquela comunidade ribeirinha e a metodologia utilizada.

O segundo capítulo trata do resgate dos fundamentos da Geografia da percepção que tem suas bases teóricas na Geografia Humanística-cultural. A tarefa básica foi mostrar como são espaço e lugar, por meio de uma estrutura coerente, com a valorização da compreensão da área ribeirinha.

No terceiro capítulo destacamos o Ensino da Geografia e fizemos algumas reflexões sobre a proposta pedagógica da escola e de que forma é trabalhada a disciplina.

No quarto capítulo apresentamos a pesquisa de campo, nele se abriu um espaço para pensarmos a vida local, a dinâmica da percepção dos alunos com relação ao seu espaço de casa à escola. Um olhar que é apresentado por meio da escrita do aluno, bem como das fotografias registradas por nós, no decorrer desta

investigação. Pelas fotografias, poderá ser percebido como foi a nossa ida a campo e nessas experiências, fomos construindo uma leitura sobre a Vila do Teotônio e a escola.

No quinto capítulo fizemos as análises dos mapas mentais elaborados pelos alunos, para isso utilizamos uma tabela destacando os principais aspectos geográficos do espaço percebidos pelos alunos, utilizando a metodologia Kozel .

CAPITULO I - CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA: A ÁREA DA PESQUISA: A VILA DA CACHOEIRA DO TEOTÔNIO E A ESCOLA

1.1 A VILA DA CACHOEIRA DO TEOTÔNIO

Em 1983, meu pai aceitou o desafio proposto por um amigo de tentar a vida na Amazônia, eu, minha mãe e meus irmãos ficamos em Teresina-PI, até que meu pai organizasse a casa, o trabalho para minha mãe e demais amigos que acompanhavam o nosso grupo, que se deslocava para Porto Velho. Quando chegamos à cidade fui estudar em uma escola estadual, onde, pela primeira vez, na disciplina de Estudos Sociais, a professora falou das Cachoeiras que existiam em nossa cidade.

As cachoeiras eram as de Santo Antônio e Teotônio. Durante a sua fala percebi certa emoção ao citar as belezas das águas, e as histórias que giravam em torno dela. Quando se falava nas cachoeiras do Teotônio e Santo Antônio, logo se falava nos peixes nobres daquelas águas barrentas. Mas os anos se passaram e a curiosidade em conhecer a cachoeira foi ficando de lado, pois faltava oportunidade para conhecer esse lugar encantador, conforme relatado pela professora.

Porém depois de alguns anos percebia que se fazia necessário conhecer a cachoeira de Teotônio para reconhecer que há várias “amazônias” dentro da Amazônia. Que para compreendê-la como totalidade não se pode suprimir as suas tão variadas diversidades. Que na “cultura amazônica” existem várias culturas. Os moradores da vila são Seres humanos, que produzem cultura porque são capazes de estabelecer normas e convenções quando vivem em sociedade.

Ao chegamos à vila do Teotônio verificamos que algo muito presente na cultura dessa comunidade é a relação íntima com o rio, onde o rio constitui a base de vida para os indivíduos dessa localidade. Está no cotidiano, no imaginário, no passado e dúvidas para o futuro.



Somente no ano de 2004, pude conhecer a famosa Vila da Cachoeira do Teotônio, a qual a professora se referia em sua aula de Estudos Sociais. Conhecer a cachoeira deu-se em um momento importante, foi no decorrer da minha graduação em Pedagogia, onde fui realizar um estudo da cultura local e sua influência no ambiente escolar, foi o momento para conhecer a Cultura Ribeirinha, os seus valores e os significados, ou seja, esse cenário que oferece uma pluralidade para reflexão.

Durante os meses da realização da pesquisa na escola, soubemos que as histórias da Cachoeira do Teotônio estão repletas de mitos e lendas como também ao processo de ocupação desta região. É relatado que os Portugueses preocupados com os desvios de ouro das minas dos vales do Guaporé Madeira – Mamoré solicitou ao governador Antônio Rolim de Moura Tavares (1751 a 1764) a fundação de uma feitoria na Cachoeira do Salto grande que ficou denominada de Arraial de Nossa Senhora de Boa Viagem às margens da cachoeira do Salto Grande, aliás, o local era também conhecido como laguerite, Gamon e Natal, e passou, mais tarde, ser chamada cachoeira do Teotônio em homenagem ao magistrado Teotônio da Silva Gusmão.

A cachoeira do Teotônio é uma queda formada por violentas corredeiras, em razão dos fortes turbilhões e redemoinhos no trecho onde o Rio Madeira se alarga. A vila localiza-se em frente à cachoeira. Conforme pode ser visto nas figuras 1 e 2.

Figura 2



Fonte: Domingas Luciene em 3/8/2008 - Vista da Cachoeira de Teotônio na Época de cheia do rio Madeira

Figura 3

Fonte: Domingas Luciene em 3/8/2008 - Vista da Cachoeira do Teotônio. Época da cheia

Em termos geográficos a cachoeira tem uma extensão de mais de 2.000 metros, as águas despencam-se de uma altura de mais de oito metros, passando em alta velocidade por quatro canais com desníveis entre 8 a 10 metros, formados por uma série de pedras de grandes tamanhos que se acumulam atravessando o rio de um lado para outro, o que torna as quedas violentíssimas e perigosas em qualquer época do ano. Desta forma a cachoeira é formada por terrenos cristalinos da era primária que constituem a Encosta Setentrional do Planalto Brasileiro, na qual se encaixa o alto curso do citado rio.

Na vila do Teotônio, onde está a cachoeira, também, ora chamada, de Salto com este mesmo nome, possui 62 casas, 63 famílias, sendo 31 adultos, 17 jovens e 107 crianças, com um total 255 moradores.

Na vila, encontram-se estabelecimentos comerciais misto de bar, restaurante e mercearia. Esses comércios vendem para moradores locais e famílias vizinhas, residentes no “beiradão⁵” (comunidade Betel, Igarapés dos Macacos, Jatuarana e Amazonas e Trata Sério) e para garimpeiros que vêm buscar o peixe no local. As compras são feitas em Porto Velho, para atender aos clientes que não têm condições de dirigirem-se à cidade.

Na Vila do Teotônio, existe apenas uma escola de ensino fundamental: “Antônio Augusto Vasconcelos”, um posto de saúde, que só oferece vacinação, em alguns casos pequenos curativos; e uma vez por mês conta com atendimento médico, e uma associação de pescadores. Um dos objetivos da escola, por estar na Vila de pescadores, é proporcionar a troca de saberes, fortalecendo e valorizando a cultura na comunidade, portanto, é importante que os alunos e moradores saibam dos valores e da importância da comunidade, bem como, a consciência da cultura que carregam desde o berço até a convivência no dia a dia.

A Vila faz parte da zona rural da cidade de Porto Velho e tem um clima equatorial quente-úmido ou tropical úmido, variando de acordo com a altitude, com a temperatura variando entre 30 e 40 graus. A estação chuvosa vai de outubro a março e o período de seca, de maio a setembro.

No período das cheias dos rios, as águas avançam sobre as margens, provocando um belo espetáculo na região de várzea. As áreas inundadas da floresta são muito férteis pela irrigação natural com nutrientes trazidos pelos rios. Nas águas da cachoeira, pudemos presenciar um momento em que as águas tinham uma tonalidade verde e era possível ver alguns peixes.

Em decorrência da natureza do relevo, predomina um rio de planalto, que apresenta, em seu leito, rupturas de declive, entre outras características, que conferem a ele um alto potencial para a geração de energia elétrica. A navegabilidade nesse trecho do rio, dado o seu perfil não regularizado, fica um tanto prejudicada.

Durante nossas pesquisas, tivemos a curiosidade de conhecer um pouco mais a respeito dos alunos colaboradores de nossa pesquisa, bem como seus familiares, sem que eles tivessem conhecimento da nossa ida. Então, surgiu a oportunidade de passar um dia no garimpo dos Araras⁶, conforme foto abaixo. Nessa

⁵ Comunidades ribeirinhas.

atividade garimpeira, encontramos alguns pais de alunos e também conhecemos um pouco de como é o trabalho no garimpo.

Figura 4



Foto: Lucileyde Feitosa, durante viagem ao garimpo, em 16/05/2007.

Os perigos do garimpo são constantes, mergulhar nas águas do rio madeira não é para muitos, são para pessoas corajosas. A tarefa de mergulhar fica para os adultos, os adolescentes ajudam na parte superior da draga, em outras atividades como selecionar o ouro no tapete, abastecer as dragas, buscar alimentos, ajudar os pais. Esses motivos levam alguns jovens a desistir dos estudos, a necessidade de ajudar em casa passa a ser maior.

Na época da cheia, quando o nível d'água do rio atinge mais ou menos 18m de profundidade, a atividade garimpeira é realizada quase que unicamente pelas dragas e balsas denominadas “scarifussas”, poucas com auxílio de mergulhadores, além de raros garimpos manuais que utilizam equipamento rudimentar.

⁶ Localizado na margem direita do rio Madeira no Km 40 da BR- 425 em Nova Mamoré-RO há 160 km de Porto Velho.

As dragas possuem estrutura metálica medindo, em média, 14m X 8m, com “paraquedas”, caixas de concentração sluice de 7,0m X 10,0m, motores de 140 a 360 Hp, com bombas e lança de sucção e quebramento com diâmetro de 8 a 14 polegadas, acompanhadas de guincho mecânico que atinge uma profundidade de até 45 metros. As balsas “scarifussas” são menores⁷.

Essa dificuldade para trabalhar fica maior nas épocas das cheias do rio Madeira onde algumas famílias são obrigadas a buscar outras opções de trabalho, para melhorar a renda da família.

De certa forma se considerarmos no geral, apesar de uma pequena minoria, algumas famílias de alunos dependem do que produzem no garimpo, não como proprietários, mas como funcionários e nesse contexto a participação dos filhos ajuda a aumentar a renda da família. Somente por três vezes, presenciamos, no ano de 2006, atividades de garimpagem na área de Teotônio e, na ocasião, havia registro de meninas trabalhando no garimpo inclusive algumas delas, alunas da escola.

Na foto abaixo, o registro das cheias no rio Madeira, que acontece no mês de outubro e vai até o mês de março. Nessa época as atividades de pesca são alteradas, pois alguns moradores dependem do ritmo do rio para praticá-la ou para trabalhar em outras atividades, ou seja, o rio comanda a vida do ribeirinho.

Figura 5

⁷ As informações com relação às atividades garimpeira foram cedidas por CPRM.



Fonte: Domingas Luciene em 3/3/2008 - Vila em época da cheia do rio Madeira.

Os moradores da Vila formam grupos homogêneos no que se refere às relações culturais, sociais e econômicas e estão ligados por laços de parentesco e, às vezes de vizinhança. Vivem da pesca, da agricultura de terra firme e de várzea, sendo detentores de uma diversidade de conhecimentos e técnicas voltadas para o uso dos recursos naturais. Para Tuan (1983, p. 70) as pessoas são seres sociais. Gostamos da companhia dos semelhantes. Como toleramos ou apreciamos a proximidade física de outras pessoas, por quanto tempo e em que condições, varia sensivelmente de uma cultura para outra.

Estruturam-se em núcleos familiares bem definidos; as novas famílias que se formam com o casamento dos filhos são geralmente incorporadas ao clã já existente, que tem como referência principal a figura mais velha, seja ela masculina ou feminina. Além dos herdeiros, outras pessoas se integram à unidade familiar através de vínculos de afinidade e compadrio.

Esses vínculos familiares são fortes e a figura do mais velho é muito respeitada, percebemos esse exemplo com o piloto da voadeira, um senhor de 56 anos que teve como mestre seu pai, um grande conhecedor dos desvios e caminhos que são feitos pelo rio Madeira. Ele conhece cada pedaço do rio e os pais dos alunos têm uma grande confiança nele, principalmente nas épocas de chuvas onde as águas da cachoeira ficam mais agitadas, sendo necessária a habilidade do piloto para desviar dos obstáculos.

1.2 Organização Social na Vila da Cachoeira do Teotônio

Temos como pressuposto que o saber cotidiano desses alunos que ajudam os pais na pescaria, no sítio, na roça ou no garimpo, além de orientar as suas práticas sociais, permite resolver problemas práticos e imediatos, como manejar os recursos de forma sustentável, no caso da Vila do Teotônio por meio da pesca, garimpagem e roça garantindo de maneira sistemática a sua reprodução social e cultural e de seu grupo familiar.

Grande parte dessa comunidade local revela no seu interior a problemática socioambiental, com a qual a Amazônia tem enfrentado ao longo do processo de urbanização de cidades que não possuem infra-estrutura compatível com crescimento demográfico local. A inexistência de saneamento básico, a falta de água tratada para consumo diário, a precariedade do atendimento de saúde entre outras dificuldades, demonstram a realidade de quem reside ou precisa dos serviços na Vila do Teotônio.

Essa realidade socioeconômica e cultural precária, resultante de questões estruturais da região amazônica, evidencia-se quando se associa às condições de vida a questão ambiental, um dos condicionantes de alteração do modo de vida e da cultura das populações ribeirinhas, cuja centralidade de suas atividades econômicas está pautada na pesca, na agricultura familiar e uma pequena minoria na atividade de garimpagem.

O modo de vida, práticas populares e cultura da Vila do Teotônio e seus respectivos Igarapés (Jatuarana, Amazonas e Macacos) às margens do rio Madeira formam saberes que são incorporados nas suas práticas diárias e de que forma eles têm garantido a sustentabilidade de suas práticas sociais cotidianas, numa realidade marcada pela precariedade social, econômica e política.

O ribeirinho, do qual estamos mencionando, trata-se do sujeito que mantém uma organização social que tem como base uma economia focada na pesca. Consideramos que é uma minoria que se detém na atividade garimpeira. Outros na pequena produção agrícola como mandioca, farinha, que são produtos muito comercializados pelos pequenos produtores; além da prática da coleta de produtos da mata como castanha e açaí. Com relação ao Açaí, sua coleta é feita manualmente, com a utilização do terçado, o principal destino da produção é o

consumo local que é comercializado em Porto Velho no Cai n'água⁸ ou na própria vila do Teotônio.

Na perspectiva de compreensão dos saberes que orientam às práticas da comunidade local e possíveis mudanças ocorridas em suas realidades, ao longo do tempo, tornou-se necessária definir algumas noções e conceitos que servissem como eixo teórico para o entendimento do que sejam as populações tradicionais, observando seus modos de vida, formas de organização social e relações de produção, os espaços de circulação, onde elas se movimentam, seja, por meio das práticas de cooperação ou em prol de soluções ambientais e sociais.

O termo “populações tradicionais” é bastante adequado e também muito utilizado para se compreender a comunidade amazônica e entendermos a organização dos moradores da vila do Teotônio. É utilizado como uma categoria de classificação para definir grupos de pequenos produtores rurais e distinguir habitantes tradicionais dos imigrantes. Mas, também, um termo que tem sido utilizado no sentido de autodenominação de identidade territorial, entendida aqui no sentido de espaço construído e representado como referência de identidade.

No caso da região amazônica, a noção de populações tradicionais nos conduz a uma reflexão de uma categoria, mostrando-nos situações específicas decorrentes de uma dada condição de uso e ocupação do território (terra firme, várzeas, floresta etc.), por isso, localizam-se, quase sempre, às margens dos rios mais importantes e estão ligadas as práticas agrícolas. Alguns fatores se destacam como importantes no entendimento da noção de populações tradicionais: atividades produtivas tradicionais e modos de vida.

Do ponto de vista ambientalista, podemos considerar como “populações tradicionais” aquelas comunidades que moram em áreas de florestas ou às margens de rios ou igarapés, utilizam-se dos recursos da natureza para viver e, ao mesmo tempo, contribuem para conservar o meio ambiente, culturas, tradições e valores que são transmitidos de geração a geração e que, historicamente, tem garantido a memória desses modos de vida.

O uso do termo “populações tradicionais” não está, neste trabalho, associado à idéia de “populações atrasadas”, mas a de grupos sociais que dispõem de experiências, de vivências próprias. De acordo com Diegues (2001), tem ocorrido a

⁸ Feira Tradicional na cidade de Porto Velho, onde os produtos são comercializados pelos pequenos produtores rurais do baixo e do alto madeira, com destaque para a venda de peixes, açaí, banana, farinha milho melancia e outros.

expulsão destas populações com a expansão da grande propriedade privada, da propriedade pública (Unidades de Conservação) e dos grandes projetos.

Na Vila do Teotônio, já se percebe as conseqüências do mega empreendimento que está sendo implantado na Cachoeira de Santo Antônio, uma das usinas do rio madeira, local bem próximo, desta forma já observamos uma mudança na rotina dos moradores, causando-lhes preocupação, pois muitos não sabem para onde ir, e como viverão longe da pesca. É importante destacar que em cada uma das casas tem um pescador, figura responsável pelo sustento da família

A implantação desse grande empreendimento que causa incertezas e dúvidas aos moradores, nos levou a participar da consulta popular até mesmo para ajudar na escola e também como moradora de Porto Velho acompanhar de perto o que estava sendo proposto para a comunidade.

Desta forma participamos de algumas reuniões organizadas por FURNAS⁹, durante a consulta popular, tanto na Vila do Teotônio como na Vila de Santo Antônio e percebemos que os questionários foram elaborados com um nível técnico muito elevado e com certo grau de dificuldade para a compreensão dos moradores não alfabetizados.

Além disso, a forma como foram conduzidas essas consultas, não era para um público de pessoas que nunca foram à escola ou com baixo grau de conhecimentos. Por algumas vezes tivemos que explicar para moradores da área ribeirinha o significado de certas palavras. Porém, ao final de cada reunião, percebemos que o grande empreendimento não estava preocupado com os ribeirinhos. Segundo Tuan:

Os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não obter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe terra) ou recorrem à história (1980, P.114)

O modo de vida da Vila do Teotônio está de certa forma ligada à natureza, e ainda são dependentes do acesso aos recursos naturais. A relação que estabelecem com a paisagem, considerada neste trabalho, como resultante dos processos

⁹ FURNAS é uma Empresa da administração indireta do Governo Federal, vinculada ao Ministério de Minas e Energia e controlada pela Eletrobrás. Fundada em 1957, para fazer frente ao acelerado processo de urbanização do país na década de 50, conta, hoje, com um complexo de onze usinas hidrelétricas, duas termelétricas, 19.277,5 km de linhas de transmissão e 46 subestações (Fonte Site de Furnas). Hoje MESA Madeira Energia S.A

interativo, é natural e cultural. Para alguns pescadores, o rio traz paz, saúde, o alimento e experiências vividas em meio a tantas pescarias.

Todos são unânimes em afirmar que não trocariam a vida na comunidade pela vida na cidade. Com isso, o caboclo¹⁰ ribeirinho afirma a necessidade de estar em contato com a natureza para viver bem. Percebemos que muito se perde em não registrar e valorizar os saberes do homem ribeirinho, esse conhecimento que passa de pai para filho.

A inclusão dos diversos saberes tem por objetivo promover ações e valores que preservem o ambiente natural e o modo de organização social, consistindo numa maneira de integrar o saber tradicional e acadêmico para possíveis resoluções diárias no que se refere à educação ambiental e sua contribuição para o modo de vida das comunidades tradicionais.

Portanto, ao incorporar neste trabalho a noção de populações tradicionais, interessa entender os saberes que orientam as relações sociais e culturais e interações ambientais predominantes na área de estudo, ou seja, como ocorre em termos de sociabilidade a manutenção dos modos de vida das comunidades tradicionais.

Diegues (2000) considera que estão sendo realizados no mundo científico, trabalhos em que os saberes tradicionais desempenham papel fundamental na formulação de políticas públicas conservacionistas, posto que estudar estes conhecimentos possibilita analisar os processos naturais da atividade humana no ambiente.

Na vila, as residências são construídas sobre palafitas¹¹ que pode ser vista na figura 5 e, em menor escala, em alvenaria. Essa população da área rural não tem uma infra-estrutura organizada de serviços de energia elétrica, telefonia, água e esgoto. Essa comunidade da Vila e povoados são abastecidos com água de mina e de cisternas¹². Não existe tratamento do esgoto doméstico, que é lançado a céu aberto. A impressão que fica é a de que essas áreas não precisam desse tipo de serviço, e observamos que a distância é um dos fatores prejudiciais. Esses problemas também aparecem nas narrativas e falas dos moradores da Vila.

¹⁰ Para Loureiro, o termo caboclo evidencia a categoria de sujeitos que desenvolvem atividades que não estão diretamente voltadas ao mercado, mas que garantem à autossustentabilidade.

¹¹ Chamam-se genericamente de palafitas sistemas construtivos usados em edificações localizadas em regiões alagadiças cuja função é evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios.

¹² A cisterna é uma tecnologia popular para a captação de água da chuva e representa uma solução de acesso a recursos hídricos para a população rural.

Neste caso, a dimensão do meio ambiente é acionada por meio de vários elementos através dos quais constroem as linhas demarcatórias de seus lugares. Isso significa que os elementos naturais são ressignificados nos termos da cultura local, isto é, são incorporados sob uma forma que não é mais a sua própria, mas dotados de significados. Representam suas práticas produtivas e relações sociais a partir da idéia do espaço de vivência, cuja delimitação na representação local não é feita rigorosamente, uma árvore, um igarapé pode funcionar como a linha demarcatória dos lugares.

No caso dos pescadores moradores da vila observamos que eles fazem uma leitura das águas, com isso sabem o tempo certo para chegar ao paredão¹³ e pescar. Sabem os trechos certos para cruzar a cachoeira, pois ela representa lugar de perigo e medo quando não respeitada. Já os que chegam de fora não percebem esses detalhes que fazem parte da vida de quem mora na vila e lhe foram passados de geração em geração. Para Tuan,

Antigos medos podem estar intimamente ligados a valores que na atualidade consideramos bons. Esta é uma fonte possível de confusão quando procuramos comparar os medos do passado com os do presente. Ao comparar os medos dos tempos antigos como de nossos dias, outra fonte possível de confusão está em nossa incapacidade em reconhecer a natureza profundamente ambivalente do ideal comunitário. Esquecemos que o medo foi e é uma razão para tecer estreitos laços entre as pessoas (2005 p.335)

Diante de tal afirmação, há de se entender os porquês de tanta preocupação dos moradores da Vila em relação permanente de trocas do homem com a natureza, relação esta que permite aos moradores mais antigos compreenderem os sinais das águas, fazer leituras da realidade, tudo elaborado de forma cultural e dinâmica, conhecimento adquirido através da relação familiar e que a comunidade deseja preservar.

Nessa relação, percebemos que o sujeito não se sente isolado, é parte ativa em sua comunidade, interage com seus colegas de grupo, aprende a pensar coletivamente. Nela realiza-se um equilíbrio entre a ação espontânea do sujeito pelos outros e a apreensão recíproca do grupo de seus membros.

O grupo é respeitado, sendo ele do pescador, do garimpeiro, enquanto unidade, mesmo porque foi constatado durante a pesquisa que entre seus membros existe toda uma organização, seja desde a escala de serviços, ida dos membros à

¹³ Paredão, local onde, segundo os pescadores, se pescam os peixes mais nobres da cachoeira.

pescaria e somente em casos excepcionais é dada a outro grupo para pescar a vez, ou seja, todo envolvimento grupal tem seu alicerce nestas regras, que são estipuladas para sua própria sobrevivência. Para Tuan (1980, p 73) Quando as pessoas trabalham juntas por uma causa comum, um homem não tira espaço do outro: pelo contrário, ela aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio.

A Vila do Teotônio é um dos locais do desenvolvimento das atividades da pesca, tendo em vista agrupar um número razoável de pescadores. É nítida a grande importância da pesca como fonte de renda principal da população residente nos Igarapés de Amazonas (margem esquerda do Rio Madeira) e Teotônio (margem direita).

Nas nossas conversas com os pescadores, chegamos aos nomes populares das principais espécies de peixes encontradas no rio Madeira ¹⁴ Nome Popular: Curimatã, Tambaqui, Pacu, Jatuarana, Piraíba, Tucunaré, Barba chata. Dourado, Filhote e Jaraqui. Nas pescarias, os homens que enfrentam as águas da cachoeira, utilizam a tarrafa que é maior do que o modelo tradicional usada na Amazônia.

A tarrafa utilizada pelos pescadores da cachoeira do Teotônio tem um diâmetro de 6 a 8m quando aberta e contém até 15 kg de chumbo em volta de sua circunferência. O tamanho da malha é de aproximadamente 10 a 16 cm e a corda de 20 a 30m tem finalidade de capturar peixes grandes. Ainda diante da escassez, podem ser encontradas algumas pessoas pescando de forma artesanal nas águas da cachoeira¹⁵. Além disso, a maior parte dos pescadores vende a produção (todos do Amazonas e 81% em Teotônio), em geral no próprio local.

O modo de vida dessas comunidades tradicionais está condicionado ao ciclo da natureza, pois o fenômeno da enchente e da vazante regula em grande parte o cotidiano ribeirinho, de tal modo que o trabalho obedece ao ciclo sazonal quando desenvolvem as atividades de extrativismo vegetal, agricultura, pesca e caça. A forma de trabalho do ribeirinho é essencialmente extrativista e agrícola, centrado na produção familiar. Segundo Martins.

A Cultura popular carrega consigo o seu tempo histórico, que só lentamente se dilui para dar lugar a formas culturais desenraizadas e, portanto

¹⁴ O rio Madeira é um dos maiores rios do mundo, é um dos afluentes do rio Amazonas tem extensão total aproximada de 1 450 km. É formado pela junção dos rios Beni, que nasce nas proximidades de La Paz, na Bolívia e seu afluente, o Rio Madre de Dios e Mamoré e seu afluente o Rio Guaporé.

¹⁵ A Cachoeira do Teotônio não foi usada para pesca comercial antes de 1930. Boas partes das famílias residem na vila desde 1910, 1920 e 1930.

desprovidas dos liames de autenticidade que lhes davam sentido em outros tempos e situações, isto é, de formas puras e intercambiáveis. (2000, p.33)

Inicialmente, a preocupação ambiental se confundia com a luta pela defesa de nossas florestas. Estão organizados espacialmente em vários agrupamentos com casas de madeira construídas em palafitas, mais adequadas ao sistema de cheias dos rios que estão mais ou menos dispersas chamadas de comunidades e localizadas próximas aos rios, igarapés furos e lagos.

1.3 O Espaço da Escola

A escola é municipalizada¹⁶, localizada na área rural-ribeirinha, inaugurada em 1999 foi o local escolhido para realização desta pesquisa, está localizada na Vila do Teotônio, sentido Porto Velho – Rio Branco, saindo da BR-364 são mais 13 km em estrada de chão. Em termos de espaço físico a escola tem 6 (seis) salas de aula, sendo que 5 (cinco) funcionam na parte da manhã e 6 (seis) na parte da tarde, uma cozinha, uma secretaria e uma sala da direção.

No mesmo espaço funciona uma sala dos professores e supervisão, uma cozinha e um pátio grande onde são realizadas as reuniões com a comunidade. A biblioteca conta com um acervo regular e funciona numa pequena sala improvisada. Nas figuras 6 e 7, apresentamos a fachada da escola.

Figura 6



¹⁶ Municipalizada: escola com estrutura física da rede estadual de ensino, porém administrada pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED.

Foto: Vista da escola Antônio Augusto Vasconcelos.

Fonte: Domingas Luciene, em 02/03/2008.

O Prédio da escola encontra-se em bom estado de conservação, recentemente, em 2007, a escola passou por uma ampliação, onde foram construídas duas salas de aula para melhorar o atendimento, além de alguns reparos.

O mobiliário e alguns equipamentos estão em bom estado e na medida do possível atendem as necessidades. A escola é totalmente murada, possui um único portão principal. Na parte de trás encontramos uma vasta área verde.

A escola também recebe recursos como PDDE (Programa dinheiro Direto na Escola) PROAFEM (Programa de Assistência e Fortalecimento as Escolas Municipais) PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e PMAE (Programa Municipal de Alimentação Escolar).

Figura 7



Fonte: Domingas Luciene, em 02/03/2008.

A escola atende nos dois turnos um total de 261 alunos e oferece do 1º ao 5º ano, no período da manhã, 6º ao 9º ano, no período da tarde. Há uma turma de 1º ano, uma de 2º, 3º, 4º e 5º ano, sendo o 2º ano, a turma mais numerosa com 43 alunos. As atividades físicas são realizadas no campo, distante alguns metros da escola, que os alunos chamam de quadra. Na escola não há um espaço amplo para as atividades físicas.

A maioria dos alunos são moradores dos Igarapés Jatuarana, Macacos, Amazonas, cachoeira de Morrinhos, localidades de Trata Sério, Betel, sítios, chácaras, BR 364, sentido Rio Branco-AC, e da comunidade Paulo Leal. A mesma situação acontece com os funcionários, cerca de 90% residem em Porto Velho, e somente dois funcionários na vila.

Quanto ao quadro de funcionários, está distribuído da seguinte forma: 1 diretora, 01 secretário, 05 professores com magistério, 15 professores de Licenciatura Plena, 04 merendeiras, 04 agentes de limpeza escolar e 02 vigias.

A figura 9 mostra a descida para se chegar à Vila, uma rua bem estreita, inclinada e cercada de ambos os lados por árvores e outros tipos de vegetação, ao fundo podemos ver as águas da cachoeira. Na figura 10, a única rua da vila. Ainda considerando a figura, à esquerda, encontramos uma área de vegetação, residências e ao fundo as águas.

Figura 8

Fonte: Domingas Luciene, em: 08/10/2008.

Figura 9

Foto: Principal Rua da Vila.

Fonte: Domingas Luciene, em: 08/10/2008.

1.4 Caracterizando a Clientela atendida pela Escola

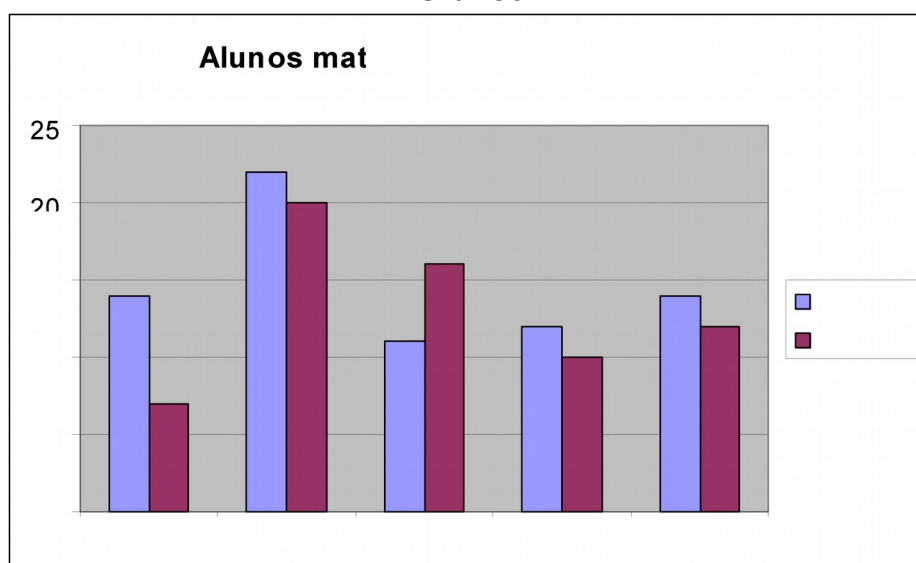
De acordo com estimativa feita durante a pesquisa de campo na secretaria da escola, no ano de 2008, cerca de 90% dos alunos residem em outras localidades e precisam utilizar transporte fluvial e terrestre. Devido à nossa pesquisa contemplar o percurso de casa à escola, consideramos relevante inserir esses dados para termos uma idéia de quantos alunos precisam utilizar o transporte, não só os nossos colaboradores, mas todos que estão matriculados.

Tabela 1: Alunos matriculados do 1º ao 5º ano

Ano	Alunos Matriculados	Meninas	Meninos
1º ano (alfabetização)	21	14	07
2º ano (1º série)	42	22	20
3º ano (2ª série)	27	11	16
4º ano (3ª série)	22	12	10
5º ano (4ª série)	26	14	12
Total	138		

Fonte: pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola em 27/08/2008.

Gráfico1



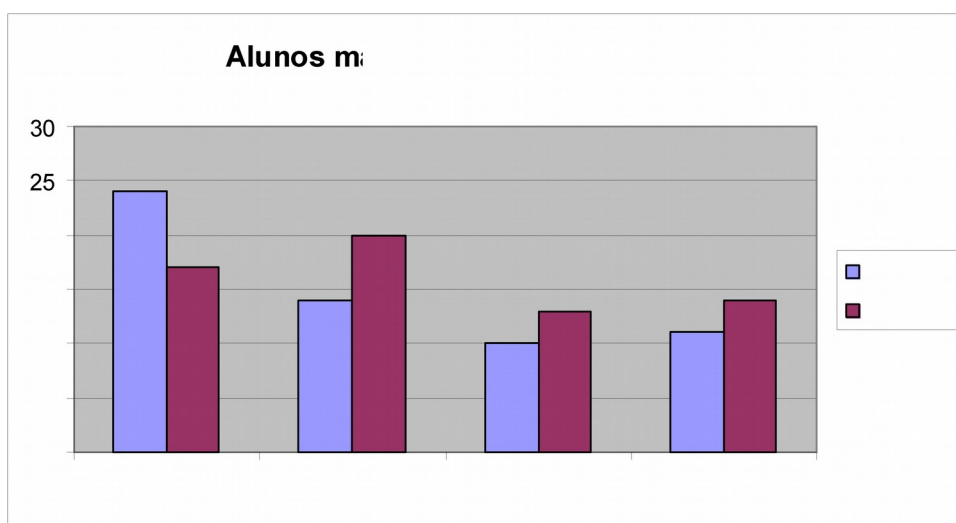
Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados pela pesquisadora na secretaria da escola. Em 27/08/2008

Tabela 2: Alunos matriculados do 6º ao 9º ano

Ano	Alunos Matriculados	Meninas	Meninos
6º ano (5ª série)	41	24	17
7º ano (6ª série)	34	14	20
8º ano (7ª série)	23	10	13
9º ano (8ª série)	25	11	14
Total	123		

Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola, Em 27/08/2008

Gráfico 2



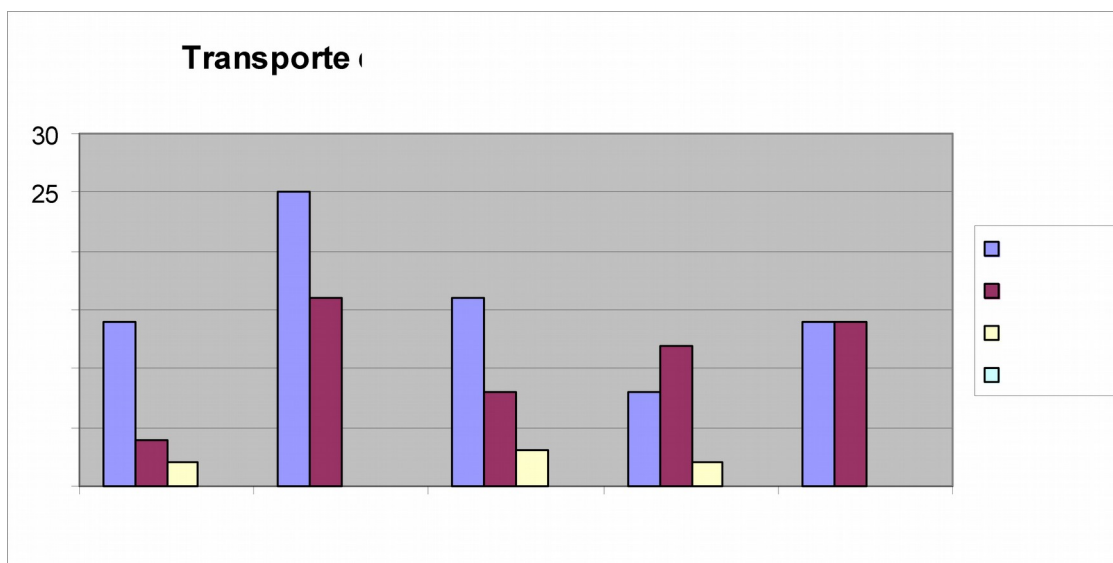
Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 27/08/2008

Tabela 3: Transporte dos alunos de 1º a 5º ano para a escola

	1º ano	2ª ano	3ª ano	4ª ano	5ª ano	TOTAL
Terrestre	14	25	16	08	14	
Fluvial	04	16	08	12	14	
A pé	02	---	03	02	---	
Bicicleta	---	---	---	---	---	---
Total	20	41	27	22	28	138

Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 27/08/2008

Gráfico 3



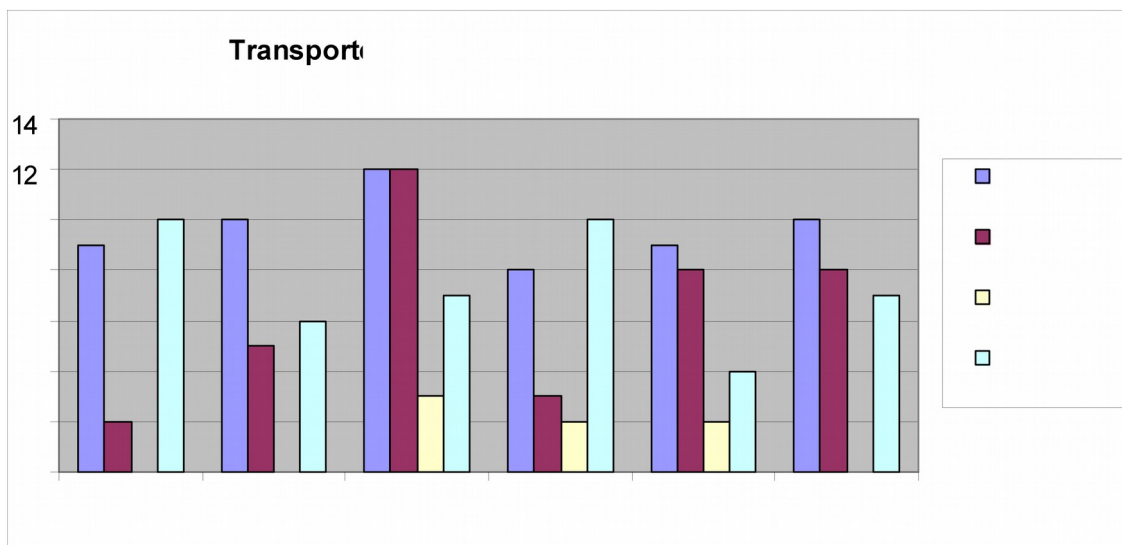
Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 27/08/2008

Tabela 4: Transporte dos alunos de 6º ao 9º ano para a escola

Ano	6ª A	6ª B	7ª A	7ª B	8ª	9ª	Total
Alunos	21	21	34	23	23	25	
Terrestre	9	10	12	8	9	10	
Fluvial	2	5	12	3	8	8	
A pé	-	-	3	2	2	-	
Ônibus e voadeira	10	6	7	10	4	7	
Total	21	21	34	23	23	25	147

Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 27/08/2008

Gráfico 4



Fonte Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 27/08/2008

1.5 Transporte Utilizado pelos Alunos do 6º Ano A.

1.5.1 Nossos colaboradores

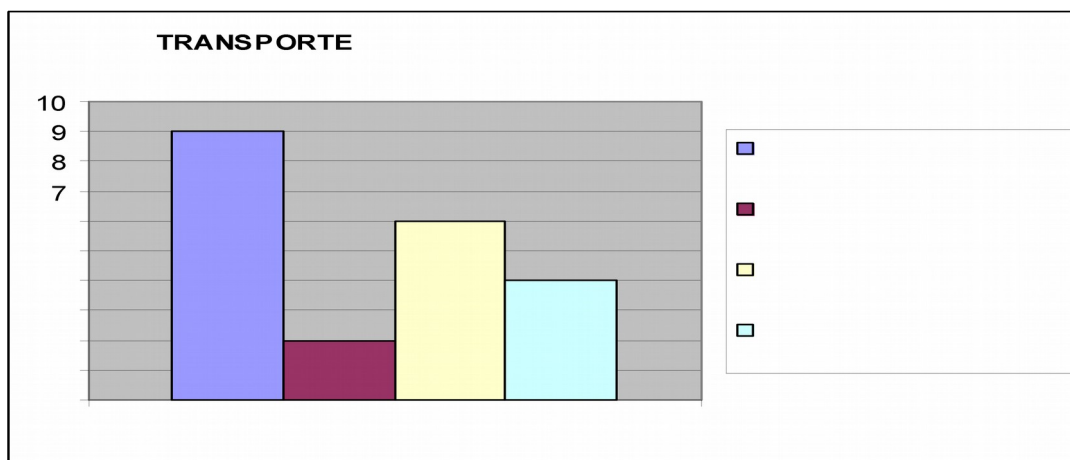
Os alunos do 6º ano “A” utilizam o transporte terrestre e fluvial para chegar à escola, muitos alunos residem em localidades ribeirinhas distantes da escola, cerca de 4 horas. Esse transporte é contratado pela Secretaria Municipal de Educação que recebe recursos do estado para garantir que o aluno chegue à escola.

No decorrer do ano letivo, quando esse transporte é interrompido, a direção da escola já espera por alguns casos de desistência, pois os alunos ficam desmotivados. Ao iniciarmos nossa pesquisa com a turma do 6º ano, presenciamos dias que o transporte deixou de operar e os alunos ficaram sem ir à escola. Ao realizarmos o levantamento, chegamos aos seguintes resultados, conforme tabela abaixo.

Tabela 5: Transporte utilizado pelos alunos do 6º ano

Transporte Utilizado	Alunos
Ônibus	09
Voadeira	02
Ônibus e voadeira	06
Nenhum tipo de transporte	04
Total	21 alunos

Fonte: Esse levantamento foi realizado em sala com os alunos, durante pesquisa de campo e os dados foram comparados com os da escola. Em 27/09/2008

Gráfico 5

Fonte: Esse levantamento foi realizado em sala com os alunos, durante pesquisa de campo e os dados foram comparados com os da escola. Em 27/09/2008.

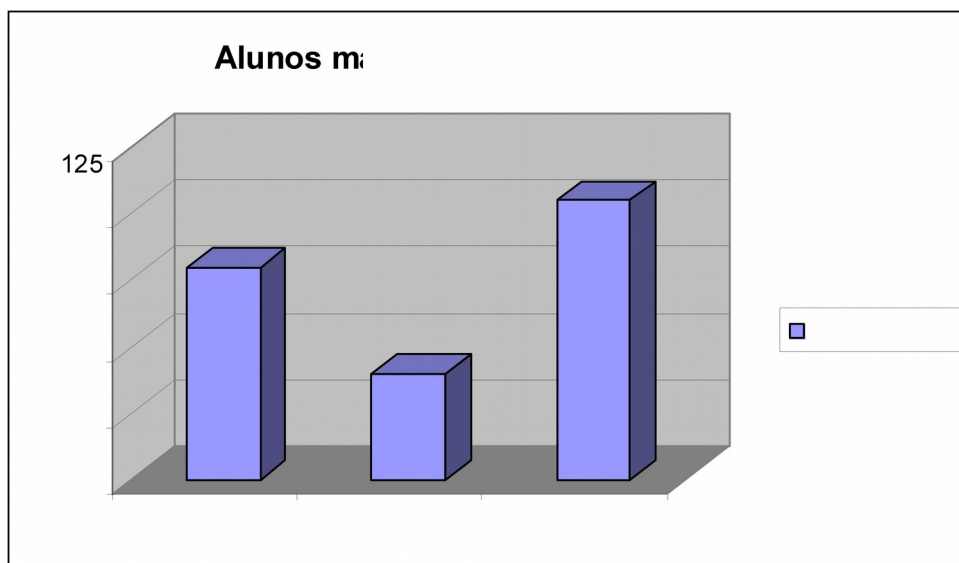
Diante da situação que professores funcionários, pais e alunos vivem com o breve desaparecimento da escola da Vila do Teotônio, fizemos um levantamento dos três últimos anos na secretaria da escola para sabermos se os pais já estão buscando outra escola para seus filhos, pois na referida situação não é somente transferi-los, isto significa mudar de residência. Durante o ano de 2004, as empresas responsáveis pela construção das usinas fizeram um recenseamento para verificar a situação das famílias moradoras da vila e adjacências e nos surpreendemos com os números referentes ao ano de 2009 conforme tabela abaixo.

Tabela 6: alunos matriculados nos últimos 3 anos

Ano	1º ao 5º ano
2007	116
2008	108
2009	121

Fonte: Pesquisa de campo Pesquisa, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Gráfico 6



Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Conforme gráfico 6, houve uma procura por vagas nas séries iniciais, então fomos à secretaria da escola fazer uma sondagem, para entendermos melhor a situação, procuramos nossos colaboradores, moradores da vila, que nos informaram o seguinte: no ano de 2004, Furnas realizou um censo cuja finalidade foi verificar as condições de habitação na região onde se inserem os empreendimentos, buscou-se, inicialmente, avaliar os dados publicados no Censo do IBGE.

Posteriormente um recenseamento que de certa forma proporcionou as famílias moradoras da vila e dos igarapés uma certa, “tranquilidade”. Com esse cadastro passaram a ter garantia de residência certa, com isso outras famílias sentiram que, construindo casas, teriam possibilidades de terem os mesmos direitos dos moradores mais antigos e construindo uma casa e matriculando as crianças na escola poderiam ter garantia de casa nova.

Segundo nossos colaboradores, essas novas famílias moradoras da vila e das proximidades possuem imóveis na cidade e não tem necessidade de fazer tudo isso, mas o que eles dizem para os mais próximos é que na atual situação é necessário “aventurar”.

Tabela 7: Alunos matriculados nos últimos 3 anos do 6º ao 9º ano

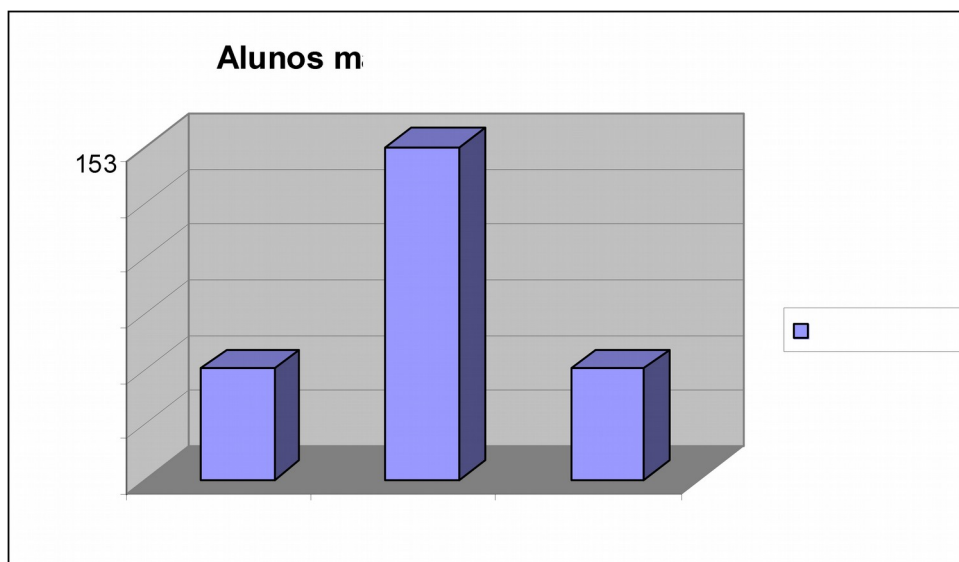
Ano	6º ao 9º ano
2007	151
2008	153

2009

151

Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Gráfico 7



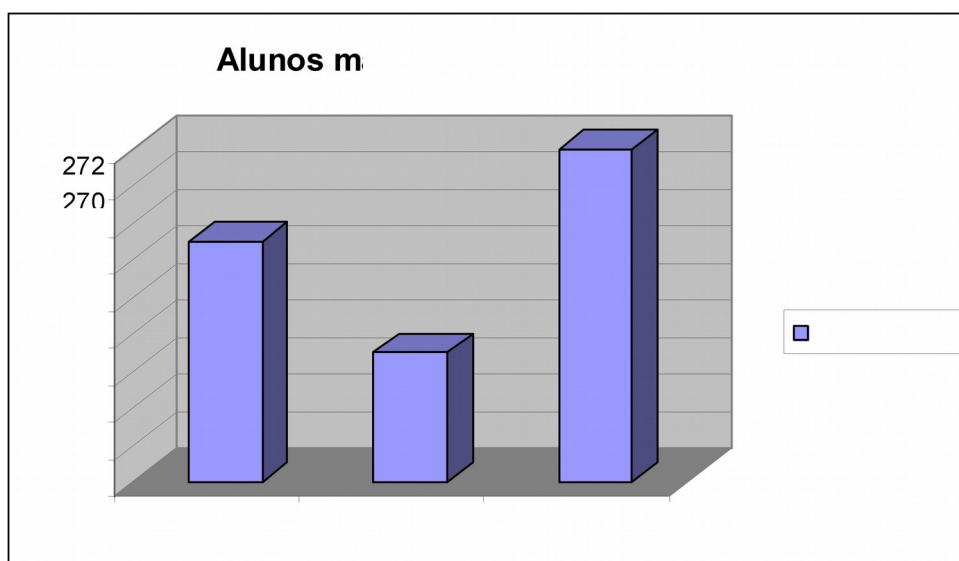
Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Tabela 8: Alunos matriculados nos últimos 3 anos do 1º ao 9º ano

Ano	1º ao 9º ano
2007	267
2008	261
2009	272

Fonte: Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Gráfico 8



Fonte Pesquisa de campo, dados levantados na secretaria da escola. Em 02/02/2009.

Conforme os resultados do gráfico 8 houve um aumento no número de matriculados em 2009, principalmente nas séries iniciais. É importante lembrar que o levantamento das famílias que serão remanejadas para outros bairros da capital, já foi concluindo.

1.6 Metodologia Utilizada

O enfoque metodológico desta pesquisa é a Fenomenologia que retrata a experiência vivida pelo indivíduo. Esse fenômeno fenomenológico procura descrever os processos a partir de sua essência, ela investiga o campo das percepções, as imagens, a vida, o ser, o belo. A fenomenologia é um referencial metodológico que se aproxima em estudar o ser, as suas representações e as suas imagens.

Na perspectiva da Geografia Humanística-Cultural também sugere a realização de pesquisas que estudem a relação entre as pessoas e o meio ambiente: de como elas se dão, quais sentimentos e idéias que surgem a partir dessa relação e como irão afetar as atitudes e os valores individuais e do grupo.

Como hipótese de trabalho, os mapas mentais visando a compreensão do espaço vivido, contribuindo para o melhor entendimento do espaço em áreas ribeirinhas. Para isto, desenvolvemos observação e reflexão sobre mapas mentais, de uma turma com 21 alunos, porém destes selecionamos 15 (quinze) alunos do 6º ano, dando preferência para os alunos que residem em diferentes localidades ribeirinhas e algumas delas, distante da escola cerca de 4 (quatro) horas, necessitam utilizar os transportes fluvial e terrestre para chegar à suas residências. Daí porque, ressaltamos que o objetivo geral desta pesquisa é apontar os aspectos geográficos do espaço a partir dos mapas mentais desenvolvidos por meio da percepção dos alunos do 6º ano na escola ribeirinha Antônio Augusto Vasconcelos.

No que tange aos objetivos específicos, voltamos-nos para estas questões: identificar elementos geográficos nos mapas mentais dos alunos do 6º ano. Analisar os aspectos geográficos do espaço detectados nos mapas mentais, e apresentar as conclusões sobre os mapas mentais dos alunos do 6º ano.

A cada ida a campo, foi um importante recurso à elaboração final do nosso trabalho. Assim, a partir desses mapas mentais, buscamos os seguintes procedimentos.

- 1) O levantamento geral das fontes a serem consultadas, a partir das novas possibilidades de se trabalhar com mapas mentais em escola da área ribeirinha;

- 2) A observação *in loco*, desenvolvida na escola municipalizada Antônio Augusto Vasconcelos, especificamente na turma do “6º Ano A”, além de as conversas informais, realizamos especialmente entrevistas abertas e semi-estruturadas, feitas no decorrer de vários trabalhos de campo.

No decorrer de toda a investigação, foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica, relacionada às leituras trabalhadas sobre a produção acadêmica referente à elaboração de mapas mentais, através de autores como Kozel (2002 2007); Passini (2002), Tuan (2006,1983) e (1983), Oliveira (1978), Almeida (2008) entre outros.

Os mapas mentais trazem a concepção da realidade ambiental a partir do senso comum dos educandos. Ainda para Almeida (2006, p. 13): “Os mapas expressam idéias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes”. Então, partindo desse pressuposto, vemos que os alunos de uma forma ou de outra se apropriam do conceito de meio ambiente de maneiras variadas, levando em conta suas próprias vivências.

Diante dessa reflexão, considerando relevante pensarmos a geografia Humanística-Cultural, buscamos em autores como Tuan (1985) “procura um entendimento do mundo humano, através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar”.

Finalmente, o trabalho de campo foi direcionado à análise dos mapas mentais dos alunos, a partir da tabulação dos dados levantados, através das atividades práticas, dos questionários e das conversas com os alunos. Para Oliveira:

Uma metodologia do mapa não pode prender-se ao processo perceptivo; também é preciso compreender e explicar o processo representativo. Ou seja, é necessário que o mapa, que é uma representação espacial, seja abordado de um ângulo que nos permite explicar percepção e a representação da realidade geográfica como uma parte de um conjunto maior, que é o próprio pensamento do sujeito (1978, p.13).

Os mapas mentais organizados pelos alunos é primeiro, um registro da percepção visual ainda que esse processo seja altamente inserido na cultura. Daí, nossa proposta de considerar a importância da abordagem da percepção geográfica, destacando a importância dos fatores Culturais, com foco na importância da percepção das pessoas em citar o mundo vivido dos alunos que, de qualquer maneira, fazem parte e estão envolvidos nesse universo ribeirinho.

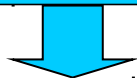
Nesse cenário Amazônico, a Vila do Teotônio, onde encontramos a escola, se apresenta como uma excelente fonte para a realização de pesquisa científicas, em razão de sua história e de seu importante contexto regional, oferecendo possibilidades de investigação em vários campos do conhecimento e da técnica, principalmente no que se referem às populações amazônica e meio ambiente, entre outros.

No fluxograma abaixo, apresentamos uma síntese de como pensamos a pesquisa com os mapas mentais, bem como até chegar às conclusões e resultados.

Figura 10
Fluxograma



O Percurso de casa à Escola | Mapas Mentais



Percepção do caminho de casa a escola		
Laços de afetividade	Relação com o lugar	Melhor Compreensão do lugar, do mundo vivido

Fonte: organizado por Domingas Luciene, durante a pesquisa de campo, em 2007 e 2008

Este trabalho reúne considerações sobre a Geografia da Percepção, Fenomenologia, Ensino da Geografia e os mapas mentais como meio de detectar as reflexões provenientes das experiências, no percurso de casa à escola e o que se aprendeu dos conteúdos de geografia e dos mapas mentais.

O mapa mental, como auxílio didático, possibilita mecanismo de percepção visual que traduz a mensagem de seu autor, e que, por sua vez, sugere novos dados e desenvolvimentos. Ressaltamos que eles estão repletos de valores, do reflexo da cultura. Conforme Almeida (2008, p.260) “o espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. Pode-se dizer que a partir daí tem início o estudo da geografia”.

CAPITULO II - A GEOGRAFIA E A PERCEPÇÃO

A geografia por meio de estudos da percepção trabalha os seres humanos. E como disciplina mostra maneiras diferenciadas de se trabalhar os sentidos, as imagens, as evocações, os símbolos, os pensamentos desta forma valorizando o comportamento espacial do indivíduo ou de pequenos grupos sociais. A geografia humanística- cultural tem, como uma de suas tarefas, o estudo do conhecimento geográfico

Através de pesquisas, desenvolvidas no sentido de analisar a percepção ambiental, é possível observar a relação do indivíduo com o seu meio. Lynch (1999) foi um dos precursores dos estudos de percepção ambiental. Em seu livro: A imagem da cidade, Lynch trabalha a partir de entrevistas com indivíduos de grupos diferenciados para a confecção de mapas mentais. Ainda na mesma época, Tuan propõe estudos e pesquisas que estudem a relação entre as pessoas e o meio ambiente de quais sentimentos e idéias surgem a partir dessa relação e que irão afetar as atitudes e os valores individuais e do grupo.

Então como compreender os mapas mentais elaborados pelos alunos de uma forma mais dinâmica ao ser trabalhada em sala de aula que abrisse a possibilidade para essa compreensão, além de mostrar que a Geografia atua também nessa área de estudo, valorizando o lado humano.

Em primeiro lugar, a geografia é um dos saberes mais antigos e o aluno ao chegar à escola logo nas séries iniciais se depara com a disciplina de Geografia e seus conteúdos que apresentam uma idéia de estudar o ambiente local, regiões e localização ela é o estudo do espaço que os seres humanos habitam. De acordo com Tuan:

Os pressupostos fundamentais da Geografia da percepção é afirmar que as pessoas se comportam no mundo real a partir das imagens captadas por ele e não propriamente dita pelos conhecimentos objetivo que se tem deste mundo. Essas imagens são captadas através dos cinco sentidos do homem (1983, p.27).

Essa dinâmica da percepção do indivíduo é constantemente variável, pois dependem desde a motivação, experiência, conhecimentos prévios, valores e vários outros fatores, para que se possa estabelecer uma relação com o ambiente. Nesse sentido, o mesmo espaço pode tomar várias formas.

Quanto às definições de percepção, encontramos na literatura algumas leituras, como a de Tuan (1980), e Oliveira (2006), segundo a qual, a percepção refere-se à forma como o indivíduo percebe o seu meio, estando ligado aos laços entre o ambiente e a visão de mundo do homem. Para o autor, percepção é:

[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN, 1980).

Então fomos à busca do início da geografia, com foco nos mapas, e vimos que coincide com a vinda dos primeiros mapas, na antiguidade, pois a sua elaboração para mostrar o caminho de um lugar, para localizar cada objeto ou fenômeno numa determinada região, etc. já pressupõe um estudo geográfico. O mapa é um excelente instrumento para a geografia e, normalmente, os estudos ou trabalhos dessa disciplina são acompanhados por eles.

A geografia da percepção nos leva a conhecer melhor a relação do indivíduo com o seu meio, conforme Mearleau Ponty (1994). Não analisamos o que as pessoas percebem dos Espaços, mas como os espaços são percebidos por elas.

Os laços de afetividade que ligam o homem ao lugar provocam relatos de varias naturezas. Todavia, a geografia nas ultimas duas décadas passou a utilizar a experiência vivida como um instrumento de investigação é nessa perspectiva que nos sentimos animados para realizar esse estudo.

As representações dos saberes geográficos, que muitas vezes não se utiliza em sala de aula, por meio dos mapas, gráficos, tabelas e até mesmo dos desenhos, muitas vezes perdem seu valor de ensino/aprendizagem quando considerados apenas para ilustração, reprodução e identificação de dados, sem a correspondente análise e utilização crítica.

Por isso, é importante que sejam considerados os conhecimentos prévios dos alunos e resgatados para que suas aprendizagens sejam contextualizadas, permitindo-lhes não apenas perceber as questões socioculturais e a dinâmica da natureza, mas também compreendê-las, sabendo efetuar uma forma singular de pensar sobre a proposta de ações coletivas das sociedades em relação ao espaço geográfico.

As condições de vivência do aluno precisam ser consideradas para valorização dos saberes que ele traz de suas experiências na Geografia de sua comunidade, bem como a sua percepção a cerca do lugar, como lembrado por Claval:

Reconhecer-se é memorizar imagens concretas, apreensões visuais, sobretudo (às vezes os odores ou barulhos) que permitem saber se já se esteve em tal ou qual lugar (...) orientar-se consiste em situar os lugares num espaço em referência mais amplo e mais abstrato (1999, p. 190).

Desta forma, no estudo do lugar, as representações do espaço permitem que se trabalhe a realidade, facilitando o desenvolvimento da habilidade de leitura e elaboração de mapas. Apresenta-se a seguir a argumentação de Tuan (1980, p. 7-12) sobre os principais sentidos humanos responsáveis pela percepção, entendida aqui como uma interação dos sentidos (visão, audição, olfato e tato) e dos valores pessoais (caráter, personalidade e culturais), emergindo os processos subjetivos que perpassam a interação homem/ambiente/lugar: Ao mesmo tempo, exemplificaremos com a realidade da vila e dos alunos.

A aplicabilidade dos estudos de percepção remete-nos a realidade da Vila do Teotônio, priorizando o olhar dos alunos sobre esse ambiente ribeirinho. Por sua vez, detectamos, no trabalho de campo, que o aluno tem essa percepção da paisagem e mediante os sentidos, com destaque para o visual, olfativo e sonoro, consegue com capacidade realizar o mapeamento sensível do trajeto que percorre ao longo do seu cotidiano.

1) visão: considerada o sentido mais forte, valioso e utilizado pelo homem na sociedade. Os olhos obtêm informações mais detalhadas e precisas sobre o meio ambiente do que os ouvidos de acordo com Tuan (ano, p.7-8)

Na Vila do Teotônio, os alunos falam de uma paisagem exuberante, com corredeiras, igarapés, furos e uma variedade de peixes. Principalmente à primeira vista. De acordo com os moradores mais antigos e alguns alunos participantes de nossa pesquisa, as águas da cachoeira têm o poder de seduzir os visitantes, muitos turistas por exemplo encantam-se com a imensidão do Rio Madeira e não respeitam as placas de orientação, espalhadas ao longo da Vila. Há uma história nesse lugar, principalmente ligada aos lugares proibidos, onde os pescadores tentam explorá-los em busca do peixe, para a alimentação cotidiana, ainda mais na época da vazante,

que para eles serve de aviso, das águas se tira o alimento, porém elas têm as suas normas, conhecidas somente por quem mantém esse contato com a natureza.

Mesmo vivendo às margens de perigos do Rio Madeira, alguns deles temidos pelos próprios moradores, sempre enfrentam os banzeiros em busca da sobrevivência. Mas o sentimento com o lugar, podendo ser de medo ou não, não se limita ao universo das águas, mas também encontra-se presente na estrada que conduz à vila, logo o medo é um componente do lugar.

2) As mãos e o sentido do tato: Para adquirir essa habilidade, o desenvolvimento de mãos fortes e hábeis foi fundamental. Os seres humanos estão sempre “em contato”. O tato seria a experiência direta do mundo como um sistema de resistência e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação (p. 9).

O que caracteriza bem esse sentido, segundo os alunos, é a habilidade de pescar, na qual é passada através da oralidade pelos pais, na interação grupal. Os que não residem em área ribeirinha reconhecem ser um habilidade adquirida por poucos. A habilidade de jogar a tarrafa, malhadeira, o caniço ou a linhada, com grande precisão, revela o quanto o tato é importante em comunidades ribeirinhas. Através das mãos se constroem barcos e canoas de madeira, com elas se limpam os peixes para consumo familiar ou mesmo para vendas nas feiras de Porto Velho.

As mãos tocam e acariciam os filhos quando estes fazem travessuras, com as mãos as crianças aprendem desde pequenas a manejar os remos, a observar o pai pilotando a voadeira, o cuidado com a plantação, o produzir farinha no quintal de casa e esses ensinamentos são transmitidos oralmente. É preciso fazer para aprender, vivenciar experiências, esse é o mundo vivido pelos ribeirinhos.

Durante o trabalho de campo pela Vila de Teotônio, encontramos um senhor ensinando seu neto a construir uma malhadeira, demonstrando uma grande habilidade com as mãos.

3) audição :Somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. No universo ribeirinho, a audição é um componente importante para ler o ambiente amazônico. Sem dúvida, somos mais vulneráveis aos sons porque não podemos fechar os ouvidos como podemos fazer com os olhos (p . 10).

Através da audição, se percebe a chegada dos peixes, os gemidos de um boto que foi arpoado por brincadeira com o arpão, os animais que andam pela mata, o som das águas que significa muito na vida dos ribeirinhos.

Na Cachoeira o som mais forte é o das corredeiras, o som das águas apresentam um sentido específico, a audição mais aguçada de alguns moradores consegue prevê quando as águas vão levar alguém. A Cachoeira ronca na opinião dos moradores e alunos, e só quem mora na Vila consegue compreender a dimensão desse roncar da Cachoeira.

Além do “barulho” dos motores da voadeira e dos veículos que constantemente se encontram na Vila, os turistas vão conhecer o local que desaparecerá em alguns anos ou até mesmo comprar peixe que começa a dar sinais de escassez.

Outro som presente na Amazônia é o canto dos pássaros, alguns entram na escola e cantam por alguns minutos e levantam vôo. Para completar a identificação dos sons percebidos pelos alunos, ficamos à noite para identificarmos outros sons. Dos sons, o das águas foi o mais intenso, seguido de televisores, ligados em diferentes canais de televisão, além das músicas típicas da região como o forró que era tocado em algum estabelecimento comercial.

Outro som que encanta de acordo com os alunos é o da água saindo da bica, o único local que os moradores conseguem água boa para o consumo, nesse local a mata é fechada e há uma fonte que abastece as famílias existentes.

Por outro lado, os sons até aqui descritos expressam essa ligação afetiva com o lugar. Porém, nos últimos meses, há os sons não afetivos como o barulho recente das explosões causadas por dinamites na Cachoeira de Santo Antônio, local distante cerca de 3km, e encontra-se em andamento a construção de uma das usinas hidrelétricas.

Os alunos dizem que quando explodem as pedras no trecho de Santo Antonio, o coração chega a doer, é uma sensação estranha de um vazio. É evidente esse sentimento de destruição da natureza e que não tem explicação para a comunidade local, onde muitos ao longo do rio Madeira nem sequer tem energia elétrica. Não precisa ir muito longe, no Igarapé Amazonas não tem energia elétrica e devido ao silêncio existente na localidade, são eles que mais sentem o barulho das explosões.

Certa tarde na Vila do Teotônio, os pescadores comentaram a respeito de um grande cardume que chegaria nos próximos dias, muitos estavam fazendo planos com o dinheiro que conseguiriam com a venda dos peixes, os grupos se organizavam para que todos pudessem pescar com fartura. Depois de alguns dias

chegou a notícia de que os peixes que estavam subindo às corredeiras começavam a morrer.

De um modo geral, para os pescadores as águas começaram a ser envenenadas e o alimento mais saudável que é o peixe passou a ter seus dias contados em virtude da construção dessas usinas no rio Madeira.

4) Olfato: O odor no processo da percepção ambiental tem o poder de evocar lembranças vívidas contidas no inconsciente humano, carregadas emocionalmente de eventos e cenas passadas. Para uns, o poder do odor transportar-nos ao passado pode estar relacionado ao fato de que o córtex com sua grande reserva de lembranças evoluiu daquela parte do encéfalo, originalmente relacionada com o olfato (p. 11-2).

Quanto à questão de sensibilidade aos odores, o ser humano é mais sensível a cheiros ruins, porque o odor é o primeiro sinal de alerta de perigo para o indivíduo. Na forma de o indivíduo perceber o mundo, o odor também é capaz de orientar se determinado lugar é ou não agradável, pois lugares com odores desagradáveis tornam-se nauseantes, repudiados, e provocam aversão no ser humano.

Na escola, os alunos percebem odores e cheiros específicos como o da merenda escolar, quando se aproxima a hora do intervalo, o cheiro avisa o que será naquele dia (cachorro quente, macarrão, chocolate, frango e etc.). Certa tarde, ao realizarmos a elaboração dos mapas, por volta das 14h, o cheiro da comida chegou à sala e os alunos disseram - “oba! hoje vai ser sopa”. Percebi que alguns ficaram mais animados e ansiosos esperando a hora do intervalo. Como se vê, o cheiro evoca lembranças, sentimentos, essa vontade de saborear uma comida que nem sempre há em casa e que para alguns alunos só pode ser encontrada na escola.

Ainda na escola, outros cheiros foram destacados pelos alunos como o dos perfumes de funcionários, cheiros que caracterizam a pessoa e os lugares dentro da escola.

Na Vila, ao se sair do espaço da escola, os cheiros que predominam são os de peixe, da mata que exala uma variedade de perfumes, principalmente ao entardecer e quanto mais se aproxima dela mais o cheiro fica evidente. Nos poucos restaurantes existentes, sentimos o cheiro de peixe frito, da calderada de dourado ou tambaqui, nos poucos sítios ou chácaras, sentimos o cheiro de frutas como cupuaçu, cajá, isto conforme a época do ano. Ainda em relação aos cheiros um aluno fez a seguinte observação:

Quando se vai na voadeira, se senti um vento no rosto que traz o cheiro das águas que passa uma sensação de liberdade, para os lados que se olha vimos a mata que tem o seu cheiro particular.

(aluno do 6º ano, 13 anos).

Para Tuan (1980, p.4), a percepção “é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital nos quais certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros são bloqueados. Afirmou ainda que o homem é um animal visual, ou seja, dependente mais da visão que dos demais sentidos para sentir conscientemente o mundo que o cerca. O lado inconsciente ou subliminado, o pensamento (realidade objetiva) e o sentimento (estado subjetivo), assim como os valores culturais também contribuem para a percepção de onde estamos”.

Ao refletirmos essa fala de Tuan, percebemos que ver, pensar, refletir e sentir são situações que estão ligadas, que ao mesmo tempo permite ao observador e perceptor “vivenciar o meio”. A visão funciona como um processo seletivo e criativo em que os estímulos do ambiente são organizados em estruturas que fornecem sinais significativos, que se complementam com o tato, olfato, audição e paladar na percepção do lugar e espaço e sua realidade.

Ao abordar a temática “percepção”, procuramos mostrar a sua contribuição nos estudos da geografia humanística-cultural, mostrando esse viés de entendimento de comunidade ribeirinha, passando pelas conceituações e produções também sobre meio-ambiente. E para complementar essa leitura as atividades com os mapas mentais.

O interessante, contudo, é que na vivência cotidiana da criança, essa compreensão se constitui um “conteúdo” em geografia, na medida em que reflete um processo de organização do espaço. Com isso o conceito de “Lugar” assume uma posição de destaque, pois o resgate do Espaço Vivido da criança será a maneira pela qual a ela irá desenvolver habilidade de perceber o espaço, condição inicial para que possua, posteriormente, condições de perceber não só o aspecto de totalidade do espaço, mas principalmente seu “pertencimento” a este.

No processo de formação da percepção espacial, a noção de “pertencimento” torna-se importante porque permite mostrar ao indivíduo que ele é parte do todo, causa e efeito de uma ou mais relações, as quais não são isoladas.

Esses estudos desenvolveram-se devido à preocupação no sentido de conhecer e explicar as atitudes e valores de um grupo de alunos frente ao meio ambiente. A percepção deve ser vista como uma ação exercida pelo sujeito no espaço que ele vive, assim sendo, o fenômeno perceptivo, segundo Oliveira (1979), não pode ser estudado isoladamente, nem pode ser separado da vida das pessoas, da mesma forma que se torna necessário o envolvimento dos alunos com o seu meio. Assim, tornam-se necessários estudos que possam exprimir um maior conhecimento das relações das pessoas como os lugares, com o mundo vivido. Dai a importância da Geografia no processo de ensino aprendizagem em sala de aula.

A geografia da percepção, atualmente pode ser considerada como uma das principais tendências orientadoras da geografia principalmente porque percepção e humanismo sempre estiveram presentes nas preocupações práticas e teóricas nos estudos geográficos.

. 1 Importância de Espaço e Tempo no Mundo Vivido

Para Castrogiovani (2008, p. 81), “o espaço é estudado em diferentes campos do conhecimento. É um conceito fundamental, e pode ser visto sob vários enfoques: Sociológico, Etnográfico, Filosófico, Psicológico, Histórico e Geográfico”.

Na construção do conceito ‘tempo’ é necessário estabelecer uma relação entre o tempo cronológico, o tempo social e o tempo histórico. Conhecer o conceito ‘tempo’, em seqüência de dias, meses e anos, é fundamental para o entendimento.

Para Santos (1997, p. 64-65), “o espaço está em constante movimentação e para entendermos essa ação é necessário conhecer os mais diferentes instrumentos de trabalho para que possamos perceber suas atuações no espaço produzido e transformado em paisagens passíveis de interpretação humana.

São diferentes conceitos que propiciam a modificação entre as pessoas e o mundo ao redor, tornando-se a passagem através do qual o indivíduo compreende os acontecimentos e pode então agir sobre eles, principalmente na história social contemporânea a qual evidencia que a cada momento se estabelecem sistemas do acontecer social que caracterizam e distinguem tempos diferentes, permitindo falar de ontem e de hoje. E nesse sentido Castrogiovani evidencia que:

Assim como o tempo, o espaço é visto apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, ou seja, do visível, não tem significações e tampouco desperta nos alunos para possíveis “emoções”. Todo trabalho espacial deve conter o sentimento da provocação dos porquês e para quem (2000, p. 15).

Ao construirmos o conceito de tempo, consideramos o pensamento de Milton Santos (1998, p. 83) que nos lembra: "O tempo se dá pelos homens. O tempo concreto dos homens é a temporização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do tempo por cada grupo". Com isso percebemos melhor a organização dos pescadores que passam seus conhecimentos para filhos e netos. Durante nossa pesquisa na escola, percebemos que muitos alunos aprenderam a pescar, fazer uma leitura do tempo (se vai chover, se está bom para a pesca), ensinada no lar.

Compreender a organização do espaço pressupõe certo "olhar geográfico" a partir do qual serão analisadas as marcas inscritas nele, visíveis ou não. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.

Segundo Santos:

O verdadeiro propósito da experiência consiste em identificar e revelar as coisas pelo que elas são e não simplesmente como resultantes de estratégias da lógica: assim, as qualidades atribuídas e as características encontradas irão compor o significado (2002 p 98).

Espaço e tempo são conceitos importantes para a compreensão do mundo vivido e na fundamentação do pensamento ligado a fatos ocorridos no decorrer da história, diretamente ou indiretamente tiveram compreensões que nasceram no decorrer da caminhada da vida do homem. Tais conceitos apresentam importância tanto sob o aspecto teórico quanto o prático no que tange à maneira de interpretamos o que se desenvolve.

As informações hoje são processadas com mais velocidade do que em outras épocas, fatos vividos num lugar e que chegam a todos os lugares em questão de milésimos de segundo até nós via satélite, com isso já não parece haver mais distâncias capazes de deter o conhecimento humano. E tudo isso mexe com nossa percepção de espaço e tempo, vivemos com pressa e o tempo nos foge pelas mãos diante das metas e prazos que temos a cumprir em espaços cada vez mais

reduzidos em salas, gabinetes. Estamos em ambientes fisicamente próximos, embora não signifique uma interação social maior com o próximo.

O lugar é concebido como um espaço identificado através de fundamentos orgânicos, cognitivos, afetivos e simbólicos, fruto da experiência individual vivida no espaço. Sendo assim, interessam no lugar os valores simbólicos, afetivos e cognitivos que os indivíduos usuários vêm construindo ao longo do tempo, no espaço, a partir de suas práticas cotidianas (TUAN, 1983).

A aquisição da noção de espaço é um processo complexo e progressivo de grande relevância no desenvolvimento das pessoas. Não se pode consolidá-la, portanto, apenas através de um processo que parte de noções simples e concretas para as mais abstratas.

Na escolaridade, isso significa dizer que não há apenas uma maneira de construir essa noção de espaço : ela não se restringe aos conteúdos da geografia, mas permeia praticamente todas as áreas, não sendo um conteúdo em si, mas algo inerente ao desenvolvimento dos alunos.

Entretanto, as experiências de aprendizagem vividas pelos alunos, nas quais tenham que refletir sobre essas noções nas mais diversas áreas e num ambiente rico em informações, contribui para uma construção de uma noção espacial mais abrangente e mais complexa.

Sendo assim, o professor deve abordar, simultaneamente, dois eixos: a leitura e a produção dos mapas mentais. A compreensão desse sistema de representação ocorre quando há sucessivas aproximações aos dois eixos, não sendo o primeiro a condição para o segundo, isto é, para se fazer mapas não é necessário que se aprenda a lê-los antes..

A geografia humanística-cultural procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo vivido, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona.

Outra dimensão também importante nessa discussão diz respeito a questões relativas à natureza do espaço geográfico, onde o indivíduo está inserido. O espaço geográfico não deve ser visto como simples resultado de uma interação entre o homem e a natureza, nem sequer como uma “mistura” da sociedade e o

meio ambiente. O espaço geográfico, objeto de estudo da geografia, deve ser “considerado também como um conjunto indissociável de que participam de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e de outro a vida que os preenche e os anima” (Santos1996, p.26).

Com isso percebemos que muitos elementos que fazem parte dessa organização espacial vão ser melhores entendidos pelo aluno, quanto maior for o aprofundamento do trabalho diário proposto pelo professor. É necessário estimular o lado investigativo de pesquisar, buscar e compreender o seu espaço.

Assim, pode-se partir de um problema local do cotidiano do aluno e verificar como ele ocorrerá nos demais níveis de análise, a fim de entender como ele acontece no lugar, como exemplo pode-se citar o problema das usinas do rio madeira, o narcotráfico,t endo em vista que residimos em área de fronteira com a Bolívia , os aglomerados urbanos, os processos migratórios, a produção de alimentos, a fome, a produção de energia, entre outros.

Com isso percebemos que a geografia escolar deve estar aberta e sintonizada com as transformações do mundo e acrescentar, sempre que temas pertinentes e emergentes ou que, em função da rapidez das comunicações, inserem-se na vida do aluno, uma vez que a Geografia pode contribuir com explicações significativas para o entendimento de tais transformações.

O mundo, a escola e a geografia são dinâmicos e cabe agora aos professores fazerem uso de documentos como os Parâmetros Curriculares da Educação – PCNS, levando em conta essa dinamicidade e a urgência, juntamente com seus alunos, de reconhecer a identidade e pertencimento ao mundo em que vivemos. A leitura do espaço, preconizada pela geografia escolar pode ser um dos instrumentos de efetivação do ensino e da aprendizagem eficaz para a formação e exercício da vida cidadã.

CAPITULO III – O ENSINO DA GEOGRAFIA E OS MAPAS MENTAIS

O ensino da Geografia no século XXI, portanto, deve ensinar, ou melhor, deixar o aluno descobrir, o mundo em que vivemos. Vesentini (1995, p.10)_

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS, a proposta do ensino da Geografia é de um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. Desta forma, analisamos se a proposta para a Geografia está sendo trabalhada na linha apresentada, no caso em uma escola ribeirinha.

De acordo com Kozel (2005, p. 145) “os mapas mentais podem ser elaborados com objetivos variados, com o intuito de desvendar trajetos, lugares, conceitos e idéias”.

Ainda, conforme os PCNS, o estudo da Geografia proporciona aos alunos a possibilidade de compreenderem sua própria posição no conjunto de interações entre sociedade e natureza. Há também uma posição muito clara em prol da democratização da escola, do convívio escolar e das propostas de conteúdos que se combinam com a abordagem plural da Geografia.

Desta forma espera-se que, ao longo dos nove anos do ensino fundamental, os alunos construam um conjunto de conhecimentos referentes a conceitos, procedimentos e atitudes relacionados à Geografia, que lhes permitam ser capazes de:

- * Fazer leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens;

- * Saber utilizar a linguagem cartográfica para obter informações e representar a espacialidade dos fenômenos geográficos.

Desta forma, como é abordado o mundo vivido e o lugar na disciplina de Geografia? Como trabalhar os mapas mentais em sala de aula? Como vimos, os

PCNS dão esse respaldo para se realizar uma proposta diferenciada em sala de aula.

É imprescindível conhecer, estudar e compreender a ótica da Escola, visto que ela hoje está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, abre espaços para a valorização das diferenças, para Zabala:

Todavia, os educadores que querem ser conscientes consigo mesmo têm que pautar seus procedimentos educativos numa filosofia sadia e independente de quaisquer pressões, visando um bem maior que é a formação integral do educando, preparando-o para viver em sociedade. E preciso ser um professor que vive uma cultura de formação permanente (2002, p.33).

Esse fato justifica a sua essência no papel de propagadora e de incentivadora de conhecer o espaço em que se vive e também a cultura. Diante disso, o processo de integração cultural visa harmonizar e divulgar a cultura de uma determinada sociedade. Percorrendo o sujeito, a história, a cultura nas relações sociais.

Contudo, percebemos que o ensino de uma geografia deveria ter o objetivo de conduzir os alunos à reflexão, a conhecer novos lugares através das leituras, a qual se apresenta desacreditada. Com base nas reflexões de Almeida (2006, p.16) o ensino e o uso de mapas na escola têm suas necessidades definidas a partir das funções que esse tipo de conhecimento possa ter na formação dos cidadãos

A escola precisa fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço que ele vive, na formação de sua individualidade e do grupo que ele faz parte (escola, família, cidade). Por se tratar de uma escola que atende um público de adolescentes, pensamos que sua missão é ainda maior, sabemos que as possibilidades são poucas, as dificuldades maiores. Para Rego (2000, p.8) “o conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona.

Para muitos alunos, o único lugar que existe além da casa é a escola, é nela que os círculos de amizade têm a possibilidade de ser ampliados e também um dos meios para que ele possa alcançar a mobilidade social.

É importante e necessário proporcionar alternativas para a elaboração de “raciocínios geográficos” a todos os alunos na escola ribeirinha, na perspectiva de contribuir na compreensão de problemas do mundo atual, muitos dos quais estão ligados à convivência social no seu sentido mais amplo.

Para nosso entendimento, a construção das usinas, no caso da Vila de Teotônio, coloca em questão a relação indivíduo-sociedade-natureza, com tudo o que isso comporta em termos de diversidade, desigualdade, contradição, harmonia etc. Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida do aluno. A escola também se apresenta pouco atraente, pois não se dá conta de que deve apresentar novas leituras de vida.

A Compreensão é um dos pontos principais em torno do qual gira a aprendizagem. No cotidiano escolar, compreender significa ser capaz de aplicar o novo conhecimento a situações novas, de maneira autônoma e individual

Segundo Vesentini (1995, p.26), na perspectiva do ensino da geografia trabalhar a criticidade é deixar o educando se libertar das amarras da dependência intelectual e de pensamento é encontrar na sua criatividade e imaginação, meios para aprender a pensar a partir do diálogo com o real e com as obras culturais, descobrir-se como cidadão e conseqüentemente agente de mudanças. A prática da cidadania implica também reconhecer o outro, aceitar as diferenças e perceber que o ideal é uma sociedade completamente harmônica e transparente.

Diante do exposto, verificamos que a Geografia é uma ciência que amplia os horizontes do homem, permitindo a todos uma nova visão do mundo, através de conhecimentos essenciais, que o leva a descobrir modelos e caminhos para se encontrar como cidadão. Segundo Lacoste (1976), os problemas da Geografia interessam a todos os cidadãos, pois a ela serve em princípio para fazer a guerra e também para organizar territórios, para melhor controlar homens sobre os quais o aparelho de estado exerce sua autoridade.

Hoje, o conhecimento geográfico é de suma importância na formação do cidadão, para que eles possam saber analisar um problema social-político e saibam, também, através dessa análise, se posicionar de forma consciente aos problemas geográficos. De acordo com Vesentini:

E preciso fazer com que aqueles que ensinam a geografia hoje tomem consciência de que o saber pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mas também a situação local na qual se encontra cada um de nós. (2003, p 23).

Com isso, torna-se um saber de suma importância ao homem, para que dessa forma ele possa se posicionar de forma crítica e consciente e perceba os

problemas que envolvem o mundo e como essa compreensão se relacionar bem e entender seu cotidiano, pois no ensino a principal atividade é a aprendizagem.

3.1 A Proposta Pedagógica para o ensino da Geografia

Considerando a área ribeirinha e o valor educativo da Geografia, exige-se o exercício de uma prática pedagógica na qual é importante o papel do professor, da escola, do aluno e do contexto em que se inserem. A Geografia exerce um papel importante no tocante ao espaço vivido de cada aluno de cada morador, bem como do espaço físico no qual a escola está situada e inserida.

Valorizar esse espaço significa valorizar a comunidade e dar voz aos sujeitos locais, compreender a história e considerar o espaço como o resultado da vida da comunidade ribeirinha que, muitas vezes, vê-se à margem de ações institucionais (governamentais e/ou da sociedade civil). Torna-se fundamental, então, partir do local, fazer as inter-relações com outras escalas de análise, como a regional, a nacional e a global. Segundo Suertegaray:

Geografar a educação consistiria, então em promover pelo ensino da Geografia uma educação para a ação, posto que temos, em nosso modo de ser, esta dimensão latente. Uma educação para a ação indica construir com o aluno uma compreensão do lugar e do mundo e do seu lugar no mundo. (2004, p.200).

O estudo na educação geográfica deve considerando que o mundo está em constante e acelerada transformação. Tendo como desafio colocar essas informações num contexto de um quadro de análise com referenciais teóricos que permitam organizar o conhecimento. Com isso, a escola torna-se um dos lugares privilegiados para a produção do conhecimento na formação das novas gerações. Segundo Tuan (1980), a geografia fornece necessariamente o conteúdo de sentimento Topofílico, os paraísos têm certa semelhança familiar porque os excessos da Geografia muito quente e muito frio são removidos e são respostas subjetivas com grandes variações individuais.

Daí o motivo da educação, enquanto processo de formação humana, ser um elemento fundamental para o desenvolvimento do ser humano no mundo. Na esfera humana, a educação é o elemento primordial para que ocorra a aquisição do

conhecimento, na constituição dos valores presentes na Ética e na Estética, além da participação política e da cidadania.

Severino estabelece a relação da existência humana com o trabalho, caracterizando a relação homem/natureza:

Por isso, a natureza é transformada de modo a se adaptar e atender às necessidades do sujeito, não sendo mais ele quem se adapta às imposições do meio natural. Tal ação transformadora é viabilizada pela prática simbolizadora, que insere numa intenção subjetivada no processo, tornando-se trabalho, não seja mera operação mecânica. (2001, p 48).

A afirmação de Severino demonstra a intenção subjetiva nos seus elementos de transformação do saber na sua dimensão prática que envolve o ser humano. A prática produtiva está representada pelo trabalho como elemento da transformação da natureza, pois o homem precisa da natureza na sua condição de criador e possui na história o desenvolvimento da atividade biológica perante a acumulação do capital.

Do mesmo modo, Saviani entende que o homem é fruto das condições históricas produzidas nas relações econômicas e sociais:

[...] a essência do homem é o trabalho. Ou seja, os homens são aquilo que eles próprios produzem em sua ação sobre a natureza. Portanto, se o homem não tem sua existência garantida pela natureza, mas precisa produzi-la, ele necessita aprender a produzi-la, ele necessita aprender a agir sobre a natureza. Isso quer dizer, pois, que ele necessita ser educado. (2005, p 246).

Na visão de Saviani, a educação é necessária para o ser humano diante das condições éticas e sociais que envolvem o mundo. Dessa forma, a realidade educativa é estabelecida pela construção histórica dos valores presente na vida. Para isso, cabe analisar o trabalho enquanto uma necessidade objetiva do ser humano, refletida na vida em sociedade.

A sua existência, permite ao ser humano a vivência nas transformações de vida, e conseqüentemente da educação. Entende-se, com isso, que o homem, enquanto sujeito é um ser político e cultural orientado em favor da sua evolução na busca pela construção do conhecimento.

O existir humano é intrinsecamente social e implica uma existência política que se explicita nas condições das relações entre os seres humanos. O desenvolvimento das condições sociais dos seres humanos permite através da

política o desenvolvimento das necessidades humanas com o social. Por isso, a existência só se efetiva pelas construções históricas voltadas para a ação no mundo.

Com isso, observa-se que a prática social permite a construção do homem perante a sua própria existência, e, por isso, a existência só se efetiva na construção histórica no mundo.

A partir destes princípios que fundamentam a vida, a Educação possui um papel importante na formação dos valores dos educandos. Assim, na sua existência, o homem precisa da educação para aprender a se desenvolver, ou seja, a relacionar-se com os outros e com o meio em que vive. Saviani afirma:

O trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado, e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas de atingir esse objetivo. (2005, p 21)

O trabalho educativo é fundamental para a elaboração do conhecimento, pois não basta formar indivíduos, é preciso formar alunos comprometidos com a realidade como um ato histórico-social relacionado à produção do conhecimento.

Deste modo, a educação pressupõe o desenvolvimento da consciência numa ação comprometida com a realidade. Na visão marxista, ocorrem os processos contraditórios da sociedade burguesa e o sistema escolar é o grande instrumento do capitalismo na preparação da mão de obra, onde a finalidade do processo educativo é a formação de um indivíduo completo, capaz de fazer em face de diferentes situações de trabalho. Com isso, exemplificamos que a elaboração do Projeto Político Pedagógico possibilita a comunidade escolar ribeirinha conhecer melhor sua realidade bem como os atores envolvidos no processo.

Aprender a pensar o espaço e, para isso, é necessário aprender a lê-lo, “que significa criar condições para” que a criança leia o espaço vivido. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (Freire, 2001, p. 98).

Tais descobertas poderão relacionar-se com as questões de sua própria vida, as relações entre as várias pessoas do lugar, ou a questões específicas do ambiente. O importante é poder trabalhar, no momento da alfabetização com a

capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver a capacidade de ler os significados que elas expressam. Um lugar é sempre cheio de história, expressa e mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza.

Ao partirmos do lugar, no caso a vila de Teotônio, e considerando a realidade concreta do espaço vivido representado nos mapas mentais por alunos das séries iniciais e finais, é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, dando feição ao lugar. Não somente a um lugar, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. Para Tuan:

As culturas diferem nas maneiras de definir os espaços, mas precisam defini-lo. O requisito mínimo para a segurança é estabelecer fronteiras que pode ser tanto material quando conceitual e ritualmente imposta. As fronteiras existem em todos os lugares e, portanto, obviamente nas paisagens cercadas. (2005, p.328)

“A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo” (Santos, 2000, p. 114). Ao partir de uma concepção de lugar, devemos considerar que ele não se restringe aos seus próprios limites, nem do ponto das fronteiras físicas, nem do ponto de vista das ações e suas ligações externas, mas que um lugar comporta em si o mundo. “Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos.

Do ponto de vista da Geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota. Para Kozel :

A Geografia sempre esteve associada às imagens, num primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados ,e posteriormente como forma de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados ‘mapas’. (2007, p 116)

Metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses

envolvidos, há que se respeitar a Geografia dos lugares, cada qual com seu tipo específico de comportamento.

E tudo isso ainda não foi incluído na proposta curricular da escola. A escola não possui uma proposta pedagógica definida pelos seguintes motivos conforme relata a diretora da escola “não possui um projeto político pedagógico formulado, ainda está em fase de elaboração, a escola é municipalizada, a estrutura física é do estado e os recursos humanos da Secretaria Municipal de Educação, com isso as diretrizes se chocam”.

A proposta curricular vem da Secretaria Municipal de Educação -*SEMED, nota-se que a proposta de conteúdos é também indicada pela Secretaria conforme a própria proposta dos documentos legais que norteiam o ensino dos conteúdos por disciplinas. Apresentamos abaixo os conteúdos propostos para serem trabalhados durante os quatro bimestres:

Tabela 9 : Ementa para o 6º ano

EMENTA PARA O 6º ANO 1º BIMESTRE

NOS LUGARES CONSTRUIMOS A NOSSA VIDA

O lugar onde vivemos
Diferentes lugares de uma grande cidade
Os lugares têm relação entre si

A SOCIEDADE CONSTRÓI O ESPAÇO GEOGRÁFICO

A construção do espaço geográfico
As primeiras atividades humanas e a construção do espaço geográfico
A agricultura e a construção do espaço geográfico

OBSERVANDO A PAISAGEM

A representação da paisagem nas artes
A paisagem e o turismo
A paisagem na Geografia
As diferentes paisagens

2º BIMESTRE

REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS

O uso dos símbolos na nossa vida
 O uso dos símbolos nos mapas e nas cartas
 Representações cartográficas
 Proporções e representações cartográficas; a escala

ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

A orientação no espaço geográfico
 Os pontos de orientação
 Linhas imaginárias

TERRA NOSSA MORADA NO UNIVERSO

Nosso sistema solar
 As origens da terra e do universo
 Características da terra

3º BIMESTRE A DIVERSIDADE DE VIDA NO PLANETA

Domínios naturais terrestres
 Domínios naturais brasileiros
 Atividades em grupo

HIDROSFERA: CAMINHO DAS ÁGUAS

Água; importância, origem e distribuição no planeta
 O percurso das águas
 Água recurso para as sociedades humanas
 Bacias hidrográficas brasileiras
 Água: poluição e impactos ambientais
 Água: pensando o futuro

ATMOSFERA: SUA IMPORTÂNCIA PARA A TERRA

Camadas da atmosfera
 Tempo atmosférico
 Atividades
 Principais climas do Brasil
 Mudanças climáticas

4º BIMESTRE

Feira de cultura
A estrutura Geológica e os recursos minerais
As formas de relevo
Os agentes externos transformadores do relevo
Atividades

Fonte: proposta de trabalho para a disciplina de Geografia para o 6º ano, informado pela Professora de Geografia, em 2008, durante a pesquisa de campo.

Conforme consta na proposta de ementa, observamos que vários aspectos são contemplados para se realizar um trabalho significativo com o aluno. Na temática hidrosfera, o caminho das águas, prevista para o terceiro bimestre, os alunos do sexto ano têm uma oportunidade de debater uma situação preocupante, a construção das usinas e as possíveis modificações no ambiente da vila. Devido a isso é imprescindível conhecer, estudar e compreender esse fenômeno vivenciado e encarado pela ótica da escola, visto que, conforme Gandim (1995, P. 38), “a escola seria uma instituição que promove a cultura que integra as pessoas e se alicerça na diversidade cultural apresentada pelos membros”.

A escola é sem dúvida uma instituição cultural, as relações entre escola e cultura não podem ser vista de forma diferente, mas sim como entrelaçadas. A escola é construída no contexto da modernidade, a escola hoje tem como uma das funções desenvolver o social e transmitir cultura, e o que caracteriza esse universo escolar é a relação entre as culturas, relações muitas vezes repletas de tensões e conflitos. A escola hoje está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, onde uma das suas missões é promover nesses espaços valorização das diferenças.

Diante das mudanças que estão chegando gradativamente à escola e por ela ser de predominância rural ribeirinha se torna um meio propício para ampliar uma pedagogia investigativa ambiental, onde o aluno é estimulado a valorizar, reconhecer e externar o seu conhecimento e perceberem como acontece a organização do seu espaço, o que se pretende não é um fazer novo para a educação, mas sim procurar entender e relacionar esse novo com a formação de um cidadão crítico e consciente.

Conforme Santos:

Dos fenômenos que atuam no espaço terrestre os processos humanos ganharam uma relevância absoluta. E de tal forma, que toda superfície terrestre se encontra atualmente sob o domínio da ação humana. Assim sendo, a organização do espaço terrestre obedece aos mecanismos dos processos humanos. (2003, p. 20).

Sob tais aspectos, o processo de ensino aprendizagem precisa fazer a inserção com a realidade. Assim, é importante que se promova na parte pedagógica, os conteúdos e a prática com a realidade ribeirinha.

Dessa forma, a escola ganha uma dimensão de responsabilidade com a condução do destino da aprendizagem dos seus alunos e até mesmo com a vida e com o domínio da natureza em suas várias formas de manifestação.

3.2 A Geografia e a Vida dos Alunos

3.2.1 Estudar o Lugar

Segundo Castrogiovani (2008, p. 125) “os laços locais são significativamente culturais, demonstram a vida, as formas de fazer as coisas, de tratar da natureza, de construir os espaços. Na medida em que não existe esta relação, o lugar passa a não ter significado, a não obter sentido para as pessoas que ali vivem”.

Estudar e compreender o lugar em Geografia significa entender o que acontece no espaço onde se vive além de suas condições naturais e humanas. É buscar Justificativas no contexto regional/nacional/mundial para explicar o que ocorre. Para Frémont:

A geografia na escola deve ser a aprendizagem dessa nova descoberta, um lento e progressivo despertar para o mundo. Esta pedagogia exige da parte dos mestres um sólido conhecimento do mundo e das suas regiões, mas também um conhecimento aprofundado daqueles que descobrem diversos pelas idades e pelas origens, filhos de camponeses ou de operários, citadinos ou rurais, crianças, adolescentes ou jovens adultos... De perto ou de longe, o espaço a descobrir é sempre o seu espaço. Assim se afirmam todas as exigências de uma verdadeira Geografia verdadeiramente humana (1980 p 258).

Desse modo, a compreensão da realidade do mundo ocorre a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local. Entender o local para entender o mundo, ou seria entender o mundo para conhecer o local? Diante do diagnóstico , através dos mapas mentais se pode entender o que esta escondido,

alcançar lugares distantes, conhecer outras realidades através do que se ouve falar dos lugares, contar e do ouvi dizer. Segundo Frémont:

Os lugares, no entanto formam a trama elementar do espaço. Constituem numa superfície reduzida e em redor de um pequeno número de pessoas as combinações mais simples, as mais banais, mas talvez também as mais fundamentais das estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, Como bem diz a palavra, através dos lugares, localizam-se os homens e as coisas. (1980, p.122).

E Considerando-se que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 1996, p.273). Torna-se fundamental que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

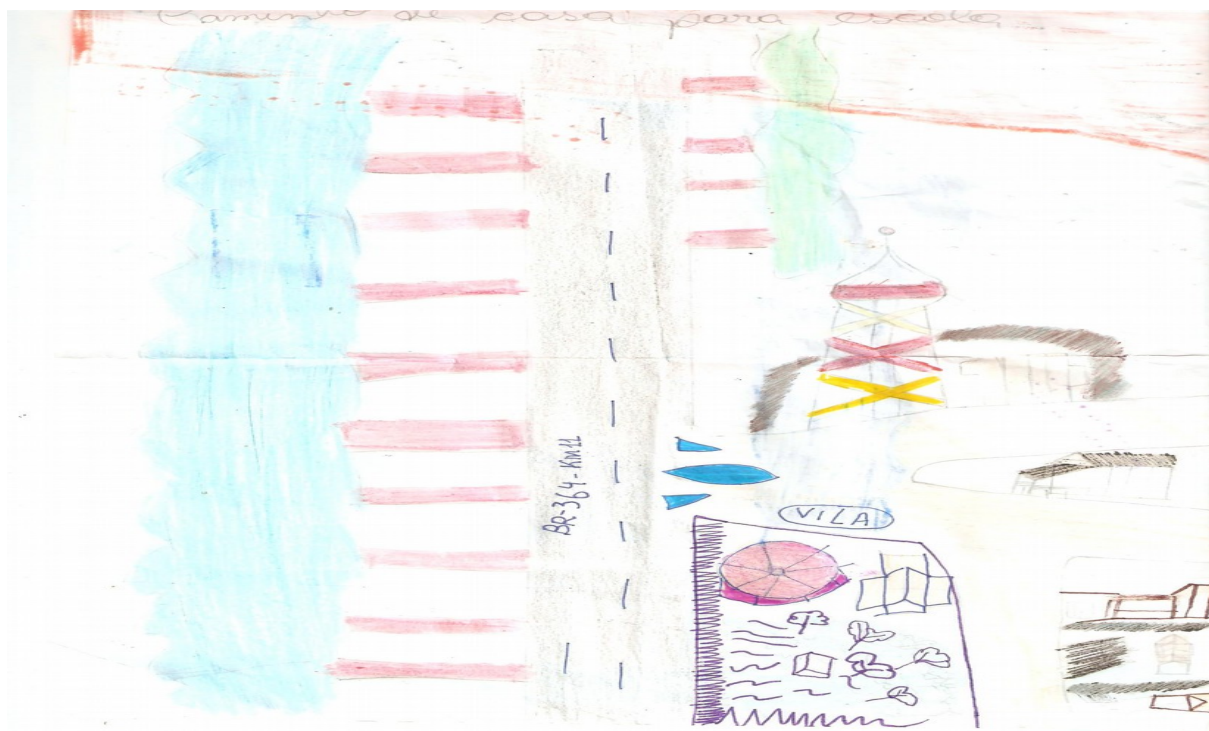
Inicialmente, fizemos contato com dois alunos do 6º ano, residentes na cachoeira de morrinhos e, nessa conversa, perguntamos a respeito de saberes geográficos, bem como ter melhores noções de como proceder durante a parte mais detalhada da pesquisa, na nossa compreensão, as entrevistas.

Assim, para o aluno compreender o lugar em que vive, permite conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. O entendimento dessa relação é, portanto, a forma pela qual se pode compreender o mundo.

O mapa mental abaixo é de uma aluna moradora da Vila princesa¹⁷, e apresenta-se de forma bem organizada, no sentido de que sugere uma seqüência, desde a localização de casa o que se tem ao redor, bem como alguns problemas ambientais, os espaços de aglomeração humana, o depósito do lixo, via de circulação, e o percurso até finalmente chegar à escola. A aluna utilizou duas folhas para representar seu percurso e elaborar seu mapa mental

¹⁷ Vila localizada a sudoeste da cidade de Porto Velho, com uma área de aproximadamente 15.000 m2, a Vila foi formada em meados de janeiro de 1993, logo após a mudança do antigo lixão na estrada de Santo Antônio para o atual, na estrada da Rema (Fonte IBGE).

Figura 11



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora da vila Princesa, 6º ano, 13 anos. Início do percurso de casa a escola

Figura 12



Fonte: mapa mental elaborado por aluna moradora da Vila Princesa, 6º ano, 14 anos. Continuando o percurso, segundo momento a Vila do Teotônio.

Conforme Castrogiovanni (2000, p.15):

O lugar é formado por uma identidade, portanto o estudo dos lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das idéias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem

Na Vila princesa, residem alguns alunos da escola e, apesar de não gostarem de ter suas residências na vila, reconhecem que é o lugar que eles vivem, é onde estão os seus amigos, familiares e que podem contar com o auxílio em uma eventual necessidade, por outro lado, destacamos que assim como as demais cidade brasileiras, Porto Velho enfrenta a problemática da moradia que conseqüentemente desencadeia diversos fatores, entre eles o alto índice de desemprego, devido a baixa qualificação profissional, a questão salarial, e a baixa escolaridade . Os catadores de lixo que residem na vila vivem em péssimas condições de moradia e precisam sujeitar-se a respirar um ar poluído, pois estão em contato com lixo urbano.

Na segunda etapa do mapa mental, a aluna prioriza mais o espaço da cachoeira, algumas residências e a escola.

Com a segunda aluna fizemos as seguintes perguntas: qual a relação da geografia com a sua vida? De que forma a geografia contribui para a compreensão do mundo e da sua realidade na cachoeira de Morrinhos. Entendemos que a partir das vivências e experiências, cada aluno, como membro de uma determinada localidade, possui percepções, bem como atribuem valores e significados diferenciados do lugar onde vivem. Para Castorgiovanni (2000, p. 15), a idéia de lugar está associada à imagem da significação, do sentimento, da representação para o aluno.

A aluna foi categórica ao dizer que: “em nada a geografia contribui no seu dia a dia e que nunca pensou nessa relação da geografia com sua vida e que a geografia representa somente uma disciplina da escola que deve ser estudada como as demais, pois ela precisa ser cumprida para aprovação no final do ano”.

Quando perguntamos o que você consegue ver ao longo do caminho para a escola, ela disse que o caminho, por ser o mesmo todos os dias, não tem muitas novidades. Mas conseguiu desenhar um mapa com as suas compreensões relacionadas a esse percurso, conforme pode ser visto na figura 13

Figura 13

Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Cachoeira de Morrinhos, 15 anos

Com base no desenho buscamos Fremónt que diz:

O espaço vivido é também parte integrante do condicionamento social. Os mecanismos da aculturação e da alienação impõem aos homens certa imagem dos lugares onde vivem do seu espaço, da sua região. E essa imagem, aceite, recalcada ou recusada, constitui um elemento essencial das combinações regionais, o laço psicológico do homem com o espaço, sem o qual a região seria apenas a adaptação de um grupo a um meio ou um encontro de interesses num espaço dado (1980 p 109).

Após concluir o desenho, conversamos a respeito de cada figura desenhada e conforme cada registro, ela falou que no que diz respeito a residências, elas são distantes e dessa forma muitas coisas são evitadas, como, por exemplo, as conversas, os falatórios cada um tem sua vida, porém na hora da necessidade todos se ajudam. Para compreender a visão da aluna buscamos Tuan:

As casas têm olhos. Quando são construídas próximas umas das outras, ouvem-se os ruídos dos vizinhos e as suas preocupações. Quando são construídas distantes umas das outras, a privacidade é melhor preservada, mas não garantida, tal é a criatividade humana (1983, p.69).

A aluna foi concluindo aos poucos que a geografia não se limita aos conteúdos de sala de aula, mas pode ser comparada com a vida de cada um.

Percebemos que com o desenho houve um estímulo com relação ao olhar geográfico. Para Almeida:

O ensino de mapas e outras formas de representação da informação espacial é importante tarefa da escola. É função da escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização (2006, p 17).

Ainda durante nossa conversa informal, perguntei com relação ao tempo e os problemas de ordem social que ela percebe na cachoeira de morrinhos. A aluna disse que “-não percebe nenhum problema social e que todos vivem bem, sem energia elétrica, a água consumida é do rio, e que na localidade não tem posto de saúde, nem escolas, Porém mesmo com a falta desses serviços a vida é boa”

Para entender a fala da aluna, buscamos em Frémont, uma citação que representa esses sentimentos.

Mas a casa do campo revela-se única pelas suas mais simples significações. É para os seus habitantes, por si só, o universo da intimidade, da família, da mãe... Descansa e tranqüiliza. É abrigo e lar. Além disso, é fixa, estreitamente associada a terra fecundada da agricultura, ao jardim ,ao campo .Inscreve-se num espaço organizado para a vida e carregado de todos os valores quase míticos que associam a terra, a mãe, a reprodução dos seres(1980, p.130).

No programa do ensino fundamental, os alunos podem construir conceitos a partir da observação das imagens e relacioná-las com suas experiências concretas do dia-a-dia, como por exemplo, o trajeto de sua casa à escola, a percepção do local onde vive, o conhecimento sobre o espaço da cidade de Porto Velho e da Vila do Teotônio. De acordo com Kozel.

O espaço não é somente apreendido através dos sentidos ele referenda uma relação estabelecida pelo ser humano, emocionalmente de acordo com suas experiências espaciais. Assim o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências. (2007, p.117)

Ainda dialogando com os alunos, vários questionamentos foram surgindo e novos mapas apresentados. Algumas respostas que antes eram confusas, após o desenho passaram a ter maior clareza. Conforme figura 14, a aluna disse não ser capaz de representar todos os elementos geográficos em uma síntese, abordando o

percurso de casa a escola e o que se percebe nesse caminho são diferentes elementos geográficos.

Como pode ser visto no seu mapa mental, vários elementos podem ser percebidos, como via de circulação, área de vegetação, aglomeração humana, rio, navegação e, como não poderíamos deixar de aproveitar a oportunidade o próprio, aluno depois, baseado no seu conhecimento teórico, foi dando os conceitos para cada uma das suas elaborações. Desta forma, percebeu não só que aprendeu geografia, mas que através dos mapas mentais sua aprendizagem pode ser melhorada e os desenhos servem para sugerir novas formas de aprendizagem.

Figura 14



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno morador do Igarapé Amazonas, 14 anos, mas da forma que ele do outro lado visualiza a Vila do Teotônio

De uma maneira mais concreta, partindo e utilizando informações da Vila, do bairro ou do município onde residem, surgem possibilidades de se fazer uma atividade mais dinâmica, o conhecimento é construído através da experiência

peçoal do cotidiano, o que é fundamental para o desenvolvimento intelectual e também para a elaboração dos mapas mentais. Segundo Tuan:

O desenho de mapas é evidência incontestável do poder de conceituar as relações espaciais é possível determinar o caminho através do cálculo de posição sem usar observações astronômicas e através da considerável experiência sem procurar desenhar as relações espaciais globais das localidades (1980 P 86).

Observar locais, conhecidos pelos alunos, é uma maneira de ajudá-los no processo de descoberta dos elementos que fazem parte da paisagem, que pode ser feita através da descrição de correspondências entre objetos estudados e do terreno. Por exemplo, a professora ao explicar os conteúdos de geografia ela sempre relaciona o que é apresentado no livro ou apostilas com o que existe na vila do Teotônio. Além disso, hoje se pode contar com a informática, a internet que são meios que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem. Hoje também a escola conta com o incentivo dos programas do Ministério da Educação-MEC, repassando verba diretamente a escola, o quadro melhora gradativamente, pois as necessidades básicas da escola começam a ser amenizadas.

As maiorias dos professores que trabalham com a disciplina de Geografia em área ribeirinha, utilizam como metodologia a aula expositiva, porém o que percebemos na escola onde realizamos a pesquisa é uma valorização do espaço local com isso se observa uma metodologia que torna mais rica e dinâmica a aprendizagem e onde o aluno pode analisar e entender o que se passa.

Santos (1999, p. 39) quando afirma que: “deixar que o aluno observe uma imagem durante o tempo que for necessário para localizar sozinho seu principal elemento, sobretudo os constitutivos da sua cidade, permite que este ‘se encontre’ nesta paisagem.

O mapa serve como auxílio para compreender essa representação da realidade e sua leitura não pode exigir do usuário, amplos conhecimentos da técnica cartográfica. Com isso o uso deste instrumento visa à observação indireta de fenômenos geográficos por meio de representações gráficas. Mapear o espaço por meio de imagens e fotografias, selecionando elementos de interesse temático.

No mapa apresentado na figura 15, utilizamos com a turma, para analisar uma problemática que ocorre na Vila princesa, a questão ambiental. À luz dessa realidade fizemos uma abordagem coletiva durante a atividade e procuramos buscar

trabalho de superação do senso comum como verdade e a busca das explicações que permitem entender os fenômenos como verdades universais exigem que se façam reflexões sobre o lugar como espaço de vivência, analisando a configuração histórica destes lugares para além de suas aparências.

Considera-se que a vivência é uma importante dimensão do conhecimento, porém ela não pode ficar limitada a isso, porque o processo de ensino necessita de reflexão. Sabe-se que essa reflexão nem sempre ocorre de forma satisfatória, já que os professores têm dificuldade de trabalhar os conceitos básicos da geografia. Para Isabel de Carvalho:

Os educadores são “sujeitos ecológicos” o que implica uma educação ambiental transformadora da realidade através de práticas que conduzem às ações mediadas pelo saber e pelas experiências na busca para o desenvolvimento da ciência e para isso, o saber é observado na sua compreensão intelectual, moral e física, isto é, o saber e a virtude. (2002, p.72).

O ensino da geografia na escola exige, para que seja eficaz, e apresente clareza nos seus pressupostos, atenção à ciência, ao conteúdo, e à sua dimensão pedagógica para contribuir na construção de uma identidade da educação geográfica.

Ainda em sala, solicitamos a duas alunas na atividade, que fizessem um mapa, do espaço em que estão acostumadas a visualizar. E como esse espaço ficaria em um desenho. A princípio não houve nenhuma surpresa, pareciam acostumadas a realizar tal atividade, a dúvida foi em destacar os pontos dos dois lados da cachoeira e quanto ao lado direito e esquerdo. Mas foram organizados conforme a atividade proposta.

O mapa mental, representado na figura 17, apresenta o espaço da casa do aluno morador da cachoeira de Morrinhos. Ele fez questão de dizer que é um lugar solitário, porém com paz. A casa fica distante dos demais moradores. O referido aluno foi muito receptível, fez algumas colocações que consideramos importantes para nossa pesquisa.

1-“Estudar geografia para mim significa conhecer mais Rondônia, o Brasil, a região norte, pois viajar mesmo é difícil, eu teria que trabalhar muito para fazer tudo que tenho vontade. Sabe que a escola para mim é um lugar de liberdade é um lugar para se pensar e mudar de vida, pena que acho que por esses dias vou parar de estudar, preciso trabalhar para ajudar a família, a situação esta ficando difícil”

(fala do aluno de 17 anos, 6º ano)

2-“Eu preciso tirar minha carteira para pilotar voadeira. Lá onde moro piloto a voadeira e consigo me localizar pelas águas, marco os pontos, uso muito a posição das árvores, sei por onde devo passar, conheço bem o canal, sei onde têm peixes bons, tudo aprendi com meu pai e olha professora, vou lhe dizer uma coisa ,quando a gente vai para a escola é que vamos entender cada uma das disciplinas, mas como estamos falando de Geografia vou lhe dizer mais, o homem que mora na beira do rio sabe geografia, ele só não sabe que ela e uma coisa da escola, mas a geografia da vida eles sabem, sabem se encontrar, marcar os lugares, marcas as trilhas na mata e tudo isso é geografia. Lá na minha casa quando a noite chega, o céu, as estrelas parece tocar no chão de tão brilhantes que elas ficam, é porque não tem luz e a luz que clareia a noite e a da lua das estrelas isso para mim tudo é geografia “

(fala do aluno de 17 anos, 6º ano)

Figura 16



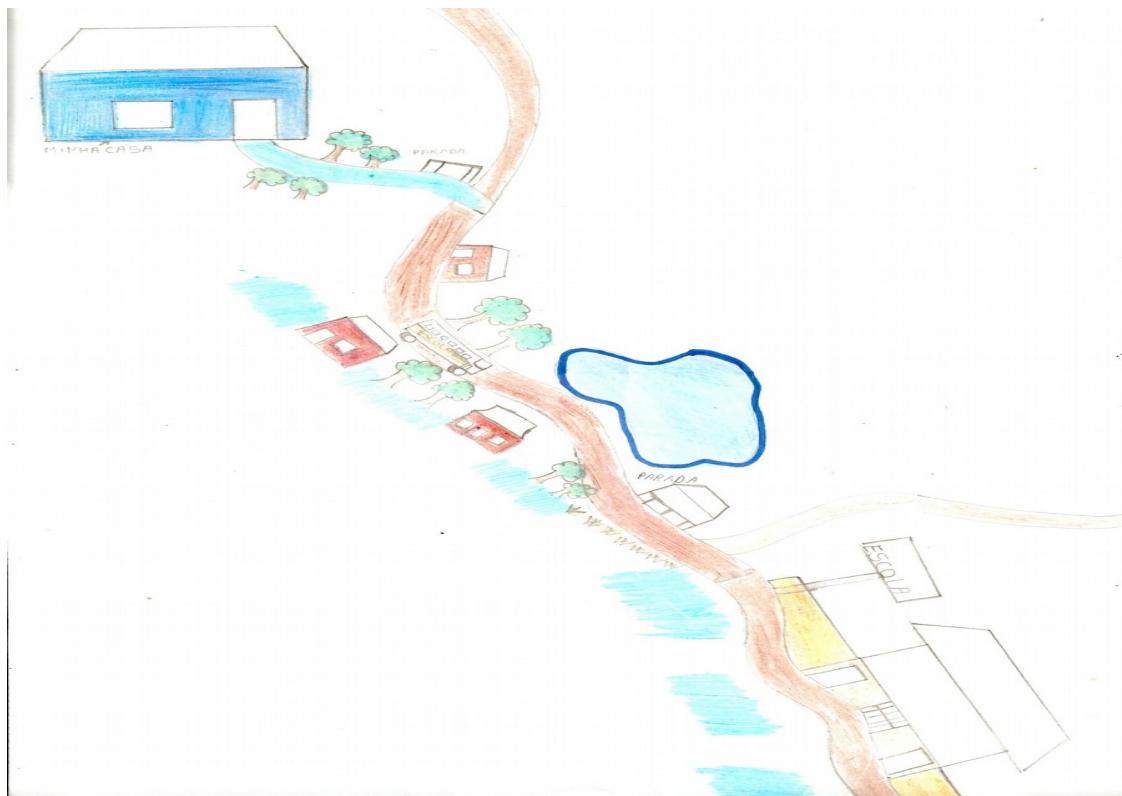
Fonte: Mapa mental elaborado por aluno morador da Cachoeira de Morrinhos, 17 anos, 6º ano

Na elaboração dos mapas mentais, sempre orientamos os alunos quanto ao que se pretendia com relação às atividades. Disseram que gostam de desenhar a natureza, os pássaros e utilizar as cores. Nesse momento, percebemos que alguns alunos para se lembrarem de detalhes e registrarem no papel fechavam os olhos ou baixavam a cabeça, levavam o lápis na boca. Tudo isso para construir um mapa elaborado bem próximo da realidade que vivem e conhecem bem.

Na figura 17, a representação de um mapa do aluno morador da vila do Teotônio, para seus colegas é um aluno que desenha próximo da realidade e gosta de fazer com tranquilidade tudo que é solicitado, além das formas detalhadas do seu

mapa mental, o aluno expressou o percurso de casa a escola, além elementos naturais, construídos e móveis

Figura 17



Fonte: mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Vila do Teotônio, 13 anos,

Os mapas mentais construídos através da visão do aluno ribeirinho não se apresentam com edificações sofisticadas, aviões sobrevoando o espaço aéreo com uma frequência regular, mas são registradas casas de madeiras, dando lugar à criatividade na hora de construir detalhes que surgiram da imaginação e não de um desenho de um arquiteto, os pássaros voam próximos às pessoas, e às águas, que para alguns alunos é a única via de acesso à escola, desta forma refletindo o espaço vivido

.Esse observar tem lugar de destaque, sendo de certa forma uma essência quando se realiza um trabalho geográfico.

Para Tuan:

O horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior. Seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando do bairro e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando a região. (1980, p.35).

Figura 18

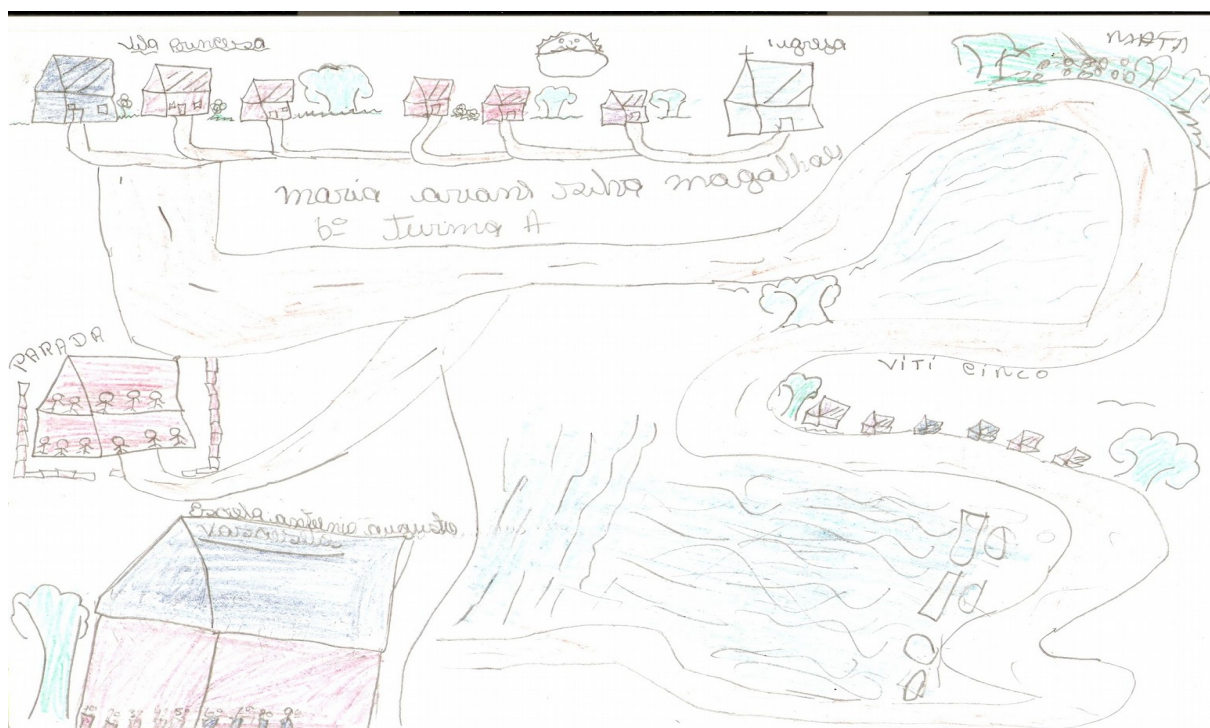


Fonte: mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Vila do Teotônio, 13 anos.

Além de realizar as atividades em sala, conforme a programação, algumas vezes, tivemos que organizar estratégias para atingir os nossos objetivos. Certa vez precisamos realizar um concurso de desenhos para mantê-los na sala, duas semanas depois fizemos a premiação, para os meninos, os desenhos consistiam em um campo de futebol com o seu time em campo, e onde estava situada a sede de cada um deles.

Para as meninas, achamos mais difícil, algumas delas não queriam desenhar, estavam distantes e, na ocasião, estavam olhando CD de cantores sertanejos, então percebemos que poderíamos utilizar as músicas que elas estavam comentando e lancei a proposta de transformarem em desenhos o que as músicas queriam dizer. Para nossa surpresa conforme apresentado na figura 20 o desenho representava elementos geográficos importantes no espaço onde a aluna vive

Figura 19



Fonte: mapa mental elaborado por uma aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 13 anos.

Nos dias que fomos à escola era comum encontrar alunos desanimados com os estudos, outros buscavam a escola como meio de sair um pouco de casa, outros só para merendar. Como a escola é rural-ribeirinha, a demanda que ela atende contempla muitos alunos com distorção de série e idade, com isso outra situação surge: adolescente e crianças juntas, no mesmo espaço, um conflito de idéias e de pensamentos. Mas algumas medidas preventivas são tomadas para resolver questões que surgem, entre elas palestras, conversas com o aluno e familiares.

A cada ida a escola, sempre encontrávamos novidades na programação pedagógica. A equipe escolar sempre procurou diversificar as atividades para envolver os alunos, tornar a escola mais atraente, então constantemente foram programadas atividades que envolveram a todos e, entre elas, presenciamos a feira de ciências.

No mês de outubro, tivemos a oportunidade de presenciar um momento importante para todos os alunos, a feira de ciências, essa atividade pedagógica, envolveu os dois turnos e teve como ponto importante o fato dos alunos terem selecionados os temas apresentados nas atividades, que consideravam e valorizavam a realidade bem como o cotidiano de todos.

Para Almeida:

O uso da maquete permite a operação de fazer sua projeção sobre o papel e discutir essa operação do ponto de vista cartográfico, o que envolve: representar em duas dimensões o espaço tridimensional, representar toda a área sob um só ponto de vista e guardar a proporcionalidade entre os elementos representados. Assim, a passagem para o mapa geográfico será mais fácil, pois o aluno tem como ponto de partida uma redução tridimensional de uma área reconhecida, que foi trabalhada geograficamente e que, num momento posterior, será mapeada. (2006, p.19)

A feira de ciências é uma atividade que faz parte do calendário escolar e geralmente acontece no mês de outubro, no decorrer do quarto bimestre. Na feira de ciências todos os alunos do 1º ao 9º ano têm a oportunidade de apresentar resultados de suas pesquisas, em cada sala eles se organizam em grupos e contam com o auxílio de um professor.

Nos trabalhos, percebemos como principais contribuições geográficas o pensar sobre os espaços, como meio que possibilita o entendimento desses

processos, bem como da valorização do espaço vivido por cada um deles. Segundo Leff:

O ambiental aparece como um campo de problematização do conhecimento que induz um processo desigual de internalização de certos princípios, valores e saberes ambientais, dentro de paradigmas tradicionais das ciências. Este processo tende a gerar especialidades ou disciplinas ambientais, métodos de análise e diagnóstico, assim como novos instrumentos práticos para normatizar e planejar o processo de desenvolvimento econômico sobre bases ambientais. Entretanto, esta orientação interdisciplinar referente a objetivos ambientais não autoriza a constituição de um novo objeto científico, ambiental como domínio generalizado das relações sociedade-natureza (2002, p. 72).

Na feira de ciências de 2008, os trabalhos apresentados foram: As usinas hidrelétricas; A poluição das águas; O turismo na cachoeira; As plantas medicinais e suas indicações; O lixo (o tempo do lixo, Impactos ambientais, reciclagem e conscientização); As doenças transmitidas pelas águas; Efeito estufa; Impacto ambiental; Os meios de transporte; As queimadas e estrada de ferro madeira Mamoré.

Além das atividades sobre a maquete, foram realizadas outras e práticas educativas como: produção de textos, desenhos, painéis, trabalhos de campo e construção e encenação de uma peça de teatro. A integração da atividade lúdica - a peça de teatro - como prática educativa, foi uma alternativa que trouxe resultados positivos ao ensino-aprendizagem sobre o lugar.

Desta forma, foi possível aos alunos realizar uma análise crítica da realidade ambiental que transita na Vila do Teotônio e no mundo desses alunos, de certa forma foi trabalhada na feira, pois é algo presente e merece ser pensado, então buscamos Freire:

Por que não discuti com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina, cujo conteúdo se ensina, à realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito mais com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária, digamos intimidade entre os saberes curriculares fundamentais e os alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo? Por que não discuti as implicações políticas e ideológicas de tal como descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A escola não é partido. Ela precisa ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos (1997 p.33-4).

Diante desse contexto, entendemos ser apenas uma expressão de uma realidade, onde respostas podem ser dadas no âmbito da Geografia, Perceber a

realidade que se vive já é um caminho para se perceber essas questões. Conforme Almeida:

Nesse sentido, o uso de maquetes tem servido como uma forma inicial de representação, a qual permite discutir questões sobre localização, projeção (perspectiva) proporção (escala) e simbologia. Ao elaborarem as maquetes da sala de aula, da escola, do bairro, os alunos podem pensar também os porquês dos elementos em determinados lugares. (2006, p 19).

Consideramos que os trabalhos apresentados não poderiam ficar de fora de nossa pesquisa, eles complementaram nossa pesquisa para compreender os elementos geográficos na dimensão da vida do aluno ribeirinho. Assim sendo, esses resultados foram incluídos em nosso trabalho como forma de valorizar a produção dos alunos, somente os trabalhos das maquetes e os mapas.

3.2.2 Tema: A maquete do Turismo na Cachoeira do Teotônio

Na figura 20, uma maquete do ponto turístico da vila do Teotônio, a proposta de trabalho foi de incluir na programação de Educação Ambiental, a temática como meio de apresentar os principais pontos turísticos, além de promover a formação e incentivar os alunos a serem multiplicadores das informações, contribuindo para a conscientização do valor do turismo e das questões relativas ao meio ambiente.

Quanto a essa proposta de trabalho, é importante destacar que a paisagem geográfica constitui tema central para atividades turísticas e educativas. Talvez ainda com pouca clareza não se perceba que ao se adequar a dimensão do Turismo na geografia, outras possibilidades pedagógicas possam surgir e melhorar as atividades, explorando um pouco mais essa área que pode ser integrada de forma mais específica na programação da disciplina de geografia. Conforme um dos alunos que participou da apresentação do trabalho Turismo na Cachoeira:

-“Essa maquete representa a vila, aqui tem a cachoeira e o que ela tem de mais rico às águas, ainda fizemos a voadeiras. Ela é um ponto turístico importante para Porto Velho, só não é valorizada, pois tem tempo que não há campeonato de pesca”.

(fala do aluno membro da equipe, 13 anos)

Figura 20



Foto: Feira de Ciências. Maquete do Turismo na Cachoeira

Fonte: Jaqueline Costa, professora da escola, em 20/10/2008

Na figura 21, O trabalho representa, no livrinho, os espaços geográficos com roteiro para o turista chegar à cachoeira. Mesmo com a “condenação” da Vila, ainda há muito para ser visto. Essa abordagem foi empregada pelos alunos na tomada de consciência perante a questão do turismo na Vila da Cachoeira e com isso tentar compreender por que os tempos de vila cheia foram prejudicados pela falta de incentivos dos governantes. Na vila ainda tem muito para ser visto, conforme relata um aluno do 6º ano:

“-A beleza da Vila não está nas casas e sim nas águas. O homem não tem como acabar com as águas, por isso fizemos esse roteiro, porque ainda há esperança delas sobreviverem por muito tempo”.

(fala do aluno, membro da equipe, 14 anos)

Figura 21

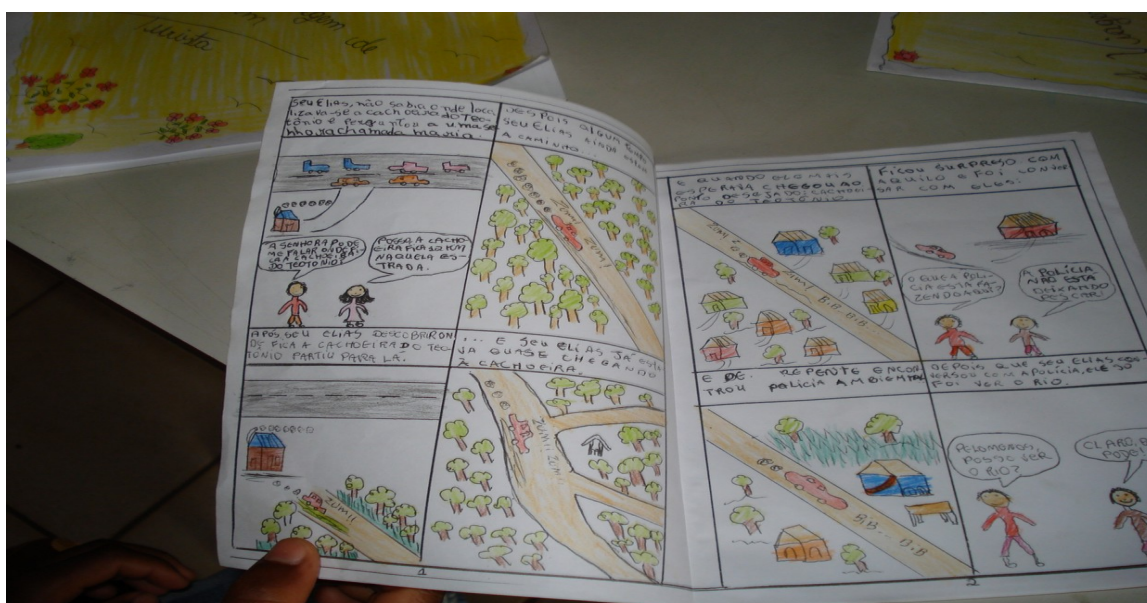


Foto: Feira de Ciências. Cartilha para o Turista.

Fonte: Jaqueline Costa, professora da escola, em 20.10.2008.

3.2.3 Uma maquete da cachoeira, a vila com suas casas

Nas figuras 22 e 23, os alunos apresentaram uma com destaque para a cachoeira e para as voadeiras, o objetivo do trabalho foi apresentar o transporte fluvial, muito utilizado por alunos e alguns moradores da vila, bem como os obstáculos devido a isso é um rio que exige atenção do navegante, pois tem fortes correntezas em qualquer época do ano. Nessa navegação, encontram-se as pedras que, com a força da água e os banzeiros, podem ser grandes inimigas dos pilotos das voadeiras.

“-A vila é um lugar especial, é também um lugar que está ameaçado de extinção assim como alguns animais, logo todos sairão daqui e só a saudade vai ficar, das brincadeiras, da escola”.

(fala do aluno, membro da equipe, 15 anos)

Figura 22



Foto: Na feira de Ciências. Maquete da Vila do Teotônio.
Fonte: Jaqueline Costa, professora da escola, em 20.10.2008.

Figura 23



Foto: - Na feira de Ciências. Maquete da Vila do Teotônio, com destaque para a cachoeira e as voadeiras.

Fonte: Jaqueline Costa, professora da escola, em 20/10/2008.

3.2.4 Uma nova visão com relação às mudanças na vila

Na figura 24 os alunos representaram a vila do Teotônio, bem organizada, com suas casas e a cachoeira. Na figura 25 a idéia dos alunos foi de apresentar os principais pontos turísticos de uma forma mais moderna, pois com os novos empreendimentos as usinas do rio Madeira uma mudança na paisagem da cidade já pode ser percebida.

Nessas mudanças, também os alunos pensaram como ficaria a vila. Para muitos a saída da vila significa sofrimento, significa deixar o lugar que muitos nasceram, lugar onde seus pais nasceram e lugar onde fica a escola.

“-A beleza da Vila não está nas casas e sim nas águas. O homem não tem como acabar com as águas, por isso fizemos esse roteiro, porque ainda há esperança delas sobreviverem por muito tempo”.

(fala do aluno, membro da equipe, 14 anos)

“-Para montar essa maquete fizemos uma boa leitura do que temos na vila, para ficar bem parecido com a realidade , deu um trabalho, mas foi bom ,no ano que vem talvez não tenha mais a escola e essa será nossa ultima fira de ciências

(fala do aluno, membro da equipe, 13 anos)

Figura 24



Fonte: Feira de ciências, maquete da Vila do Teotônio e sua organização espacial

Foto: Jaqueline Costa, professora da escola em 20.10.2008.

“-Imaginamos nessa maquete tudo o que não teremos mais.A vila, não vai ter, prédios, nem os benefícios que outros lugares terão, elas simplesmente vai sumir

(fala do aluno, membro da equipe, 16 anos)

Figura 25



Fonte. Na Feira de Ciências. Os pontos turísticos e sua localização, **Foto:** Jaqueline Costa, professora da escola em 20/10/2008.

3.2.5 Mapa turístico da Vila do Teotônio, na visão dos alunos

Nas figuras 26 e 27, um mapa traçando um roteiro de como foi nas décadas de 1980 e 1990 a Vila de Teotônio. Um lugar muito visitado devido aos campeonatos de pesca, que ofereciam prêmios valiosos, e essa iniciativa favorecia as famílias moradoras da vila e outras vindas da cidade que conseguiam ganhar seu dinheiro guardando carros, vendendo churrasco, peixe frito ou alugando barracas para quem quisesse ficar mais próximo das águas. Na feira de Ciências, a idéia dos alunos foi de elaborar um roteiro de como se chegar à vila e também apresentar os principais pontos turísticos.

Figura 26



Foto Jaqueline Costa, professora da escola, em 20/10/2008.

Figura 27



Foto: Jaqueline Costa, professora da escola, em 20/10/2008.

3.3 As mudanças na Vila e os impactos Ambientais

Nas figuras 28 e 29, as maquetes representam o que os alunos encontram constantemente no caminho para a escola: caminhões, tratores, as torres de alta tensão, que estão sendo montadas, e os respectivos problemas que já podem ser visto e que diretamente afetam o meio ambiente.

Desta forma, a escola pode e deve contribuir para que o aluno amplie sua visão de mundo e perceba com clareza as relações desenvolvidas no seu meio. Nesse contexto, o papel da Geografia, enquanto disciplina escolar, também é o de alfabetizar o aluno em todos os sentidos. É possibilitar a leitura do mundo, de seus lugares e das ações do próprio homem. O que de fato eles estão encontrando todos os dias, a modernidade para eles é sinônimo de incertezas e de dúvidas.

Para Leff:

Efeito da acumulação de capital e da maximização da taxa de lucro a curto prazo, responsáveis por padrões tecnológicos de uso e ritmos de exploração da natureza, bem como forma de consumo, que esgotam as reservas naturais, degradando a fertilidade dos solos e afetando as condições de regeneração dos ecossistemas naturais. (2002, p. 59)

Figura 28



Fonte: Maquete das mudanças na Vila Princesa, a referida vila é rota para se chegar à Cachoeira de Santo Antônio, local da primeira usina.

Foto: Walmir, secretário da escola, Feira de Ciências. Em 20/08/2008.

Figura 29



Fonte: Maquete da Modernidade chegando à Vila do Teotônio. Os novos empreendimentos das usinas

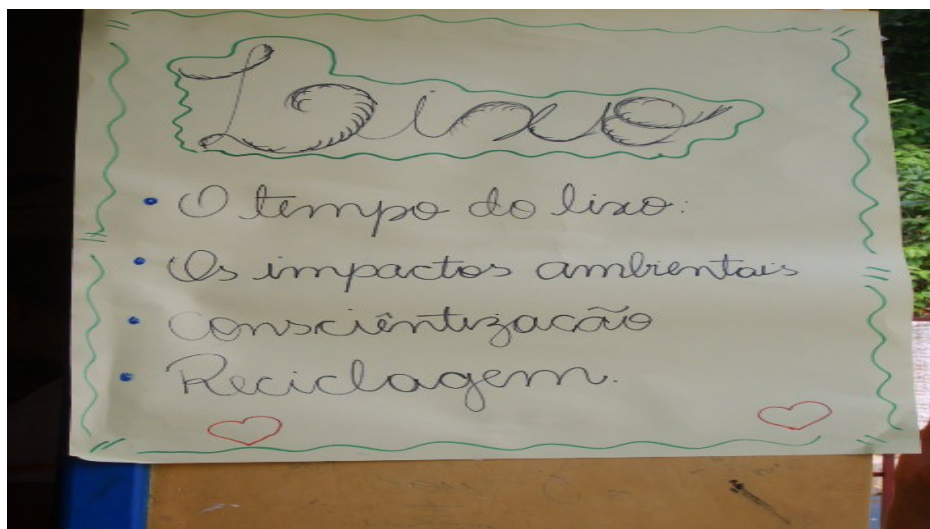
Foto: Walmir, secretário da escola Feira de Ciências. Em 20/08/2008.

3.4 O lixo e suas conseqüências para o Meio Ambiente

Na figura 30 os alunos apresentaram a importância da realização de trabalhos interdisciplinares nas aulas de Geografia, por meio de atividades ligadas às outras áreas e em suas diferentes manifestações. De um lado, tais atividades podem motivar aqueles que não têm interesse por tais temas, em parte uma decorrência dos preconceitos, muito fortes na nossa sociedade.

Por outro lado existe uma preocupação grande dos alunos em relação ao lixo encontrado na beira do rio. É grande a quantidade de garrafas *petit* aglomerada, os paus que são comuns de serem encontrados na parte de baixo das casas quando o rio transborda. Mas a grande preocupação dos alunos não se limita somente à vila, também nas cidades e aos impactos que essa situação poderá provocar ao meio ambiente, eles destacam ainda a importância da conscientização do homem, pois é ele quem polui, agride e condena.

Figura 30



Fonte: Cartaz na Feira de Ciências. O lixo e seu tempo.

Foto: Walmir, secretário da escola, em 20/10/2008.

Na referida atividade os estudantes identificaram as questões sobre a problemática que envolve a cidadania e o meio ambiente. Um problema muito presente na Amazônia é o desmatamento, que a cada dia cresce de forma desordenada sem um monitoramento mais rigoroso. Assim, esse olhar crítico permite ao aluno o conhecimento do espaço vivido, ao cidadão atuar e decidir sobre

o lugar ideal para viver. Neste contexto o processo na elaboração das práticas para Lacoste 1993 quer dizer: as práticas pedagógicas para a construção dos conceitos de cidade, cidadania e meio ambiente são de relevância para o cidadão, que ciente da sua realidade, pode lutar para transformá-la.

Nessas fotos apresentadas nas figuras 32 e 33, percebemos que a poluição nas águas da Cachoeira é algo real e muito presente. Esta temática foi levada para a Feira de Ciências e apresentada como forma de ampliar os debates com relação ao assunto. Desta forma percebemos uma escola preocupada com o papel que estes alunos terão no futuro, principalmente quando eles forem remanejados para outra escola

Figura 32



Fonte: Registro da cheia do rio Madeira e uma problemática, o Lixo que se acumula próximo as residências.

Foto: Domingas Luciene, em 12/03/2008.

Figura 33



Fonte: Rio madeira durante as cheias, o acúmulo de lixo fica próximo à escola e ao posto de saúde.
Foto: Domingas Luciene e, 12/03/2008.

Nas fotos, encontramos o lixo acumulado às margens do rio Madeira e que fica bem próximo à escola e ao posto de saúde. Quanto a essa situação, existem fatores que não ajudam como, por exemplo, não existe coleta do lixo e os moradores são obrigados a encontrar alternativas para depósito do lixo.

3.5 Materiais recicláveis

Nas figuras 34 e 35, a proposta dos alunos foi de demonstrar que muitos utensílios utilizados em casa podem ser aproveitados. O fato de o lixo ser encaminhado para locais que não sejam específicos termina por comprometer a natureza e causar sérios danos ao meio ambiente.

Os resultados apresentados pelos alunos nos leva a compreender que existe uma preocupação da escola com a questão ambiental. Dos trabalhos apresentados, a maioria conduziu o aluno a reflexões no que diz respeito aos assuntos que estão bem atuais, próximos à realidade e polêmicos. E o mais importante, foram propostas elaboradas pelos próprios alunos Os trabalhos estão ligados à realidade, as idéias

são bem regionais e não percebemos trabalhos que apresentassem situações dos grandes centros,mas da realidade ribeirinha que passa por mudanças

Com base nas percepções dos alunos, podemos afirmar que trabalhos como este, em que o aluno tem a oportunidade de conhecer melhor e estudar o seu espaço vivido contribuem para que ele se perceba como parte integrante da paisagem da vila e assim possam repensar seus valores em relação ao ambiente e ao espaço que utiliza, e a partir daí reveja seus próprios valores e atitudes, buscando ser um cidadão crítico e participativo na comunidade a que pertence.

Embora saibamos que é difícil resolver os problemas ambientais e sociais do país, esta proposta de feira de ciências demonstra o quanto é necessário o aluno perceber a realidade em que está inserido, pois só assim ele terá condições de ter uma visão crítica da sua realidade e condições de buscar soluções para os problemas da sua comunidade.

Figura 34



Fonte: painel da atividade de materiais recicláveis Feira de Ciências.
Foto: Valmir, secretário da escola, em 20/10/2008.

Figura 35



Fonte: Maquete dos Materiais Recicláveis na Feira de Ciências.

Foto: Valmir, secretário da escola, em 20/10/2008.

A respeito dos assuntos abordados na feira de ciências e para exemplificar a produção dos alunos buscamos uma fala de Tuan ;

Construir é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas: de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel: e de comprometer-se inteiramente de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. (1980, p. 119).

Os alunos têm essa compreensão da geografia no dia a dia, eles associam a Geografia ao espaço vivido e aos problemas de ordem social, ou seja, a disciplina de Geografia leva o aluno a perceber o seu meio, Para Silva e Ferreira:

A educação Geográfica deve permitir aos alunos aprender a aplicar conceitos espaço lugar região território ambiente localização escala geográfica, levando ao desenvolvimento de um conjunto de competências que lhes permitam saber observar e pensar o espaço. (2000, p. 100)

A situação mais recente que observamos na escola e que todos os professores vêm trabalhando com relação aos impactos ambientais, as usinas que vão causar na escola e na vida dos alunos bem como de seus familiares em geral. Esse empreendimento faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e o êxito do programa como um todo depende assim do planejamento e ampliação da capacidade de infra-estrutura. Portanto condições políticas certamente serão as

menores preocupações para a concretização do projeto, devido à grandeza do empreendimento onde existem interesses de vários grupos, menos de alguns moradores. Para outros moradores, significa o progresso, para outros, cultura de morte.

Ainda na escola, muito se fala nas conseqüências das usinas para a vida de todos, entre elas as descaracterização, pois as usinas deformarão o rio e a paisagem local. Essa deformação poderá trazer benefícios e prejuízos, mas dificilmente será compensadora uma barragem construída a poucos quilômetros da vila com a finalidade de gerar energia. Para alguns o grande “lago” represado, representará algo novo a ser explorado, mas para muitos, principalmente para os mais velhos, significará perdas que não serão repostas.

Quanto a essa temática, ela vem sendo muito discutida desde 2004, quando começou a se falar nas usinas, desde então todos os anos são debatidas em sala de aula e já realizaram atividades de pesquisa quanto ao assunto e esses resultados são apresentados em Feiras de Ciências realizadas na própria escola.

No que se refere à relação pedagógica, os professores são mediadores do processo de conhecimento dos alunos, pois relacionam-se com diferentes tipos de pessoas, sabem administrar conflitos, têm domínio de conteúdos e metodologias de ensino, flexibilidade e boa disposição.

Mas é importante que esses conceitos geográficos se estendam além da escola, sabemos que a escola é um espaço de debates, de descobertas e de transformações, mas como falar em tudo isso? Percebemos que alguns alunos estão tristes com a possibilidade de saírem para outro local para estudar, e, por outro lado, alguns alunos já encontram uma possibilidade para não estudar. Ao longo dos 4 anos em que estivemos convivendo com a comunidade escolar, (considero aqui o início das atividades de iniciação científica) muitas vezes encontramos professores preocupados, desanimados, ou otimistas, para os que trabalham na escola há mais tempo é um momento difícil. Por vários motivos, entre eles vamos citar três:

- 1- A escola é uma das poucas na área rural que possibilita os funcionários voltarem para casa no horário do almoço, isso para quem trabalha no horário da manhã. Para quem trabalha na parte da tarde tem a facilidade do profissional ter outro emprego no horário da manhã.

2- Na referida escola, os horários dos ônibus têm uma programação de 4 viagens diárias. Isso facilita até mesmo para algumas mães que precisam se deslocar ao centro da cidade, pois no ônibus que faz a linha regularmente, a passagem custa R\$ 5,00(cinco reais) e para algumas famílias é um dinheiro não previsto no orçamento e para outros é inviável organizar programação com a família

3- O profissional que trabalha em escola da área rural faz jus a uma gratificação de 50% e no geral trabalhar em escolas da área rural significa uma tranquilidade que só um ambiente rural-ribeirinho oferece, mas é bom ressaltar que os problemas na escola existem, porém com menor intensidade.

Enfim mesmo com a localização da escola ser viável é uma situação que o próprio sistema impõe e que professores e alunos precisam aceitar, pois o empreendimento usinas do rio Madeira já está sendo construído e todos terão cinco anos para se organizarem. Alguns alunos terão a alegria de concluir o ensino fundamental, outros terão que concluir em outra escola e outros nem sabem se vão continuar estudando.

Mas, como aproveitar as disciplinas escolares para conduzir o aluno à reflexão? Em nossas leituras e nas idas a campo, percebemos que a Geografia como disciplina deve ser trabalhada pelo professor por meio da utilização de diferentes metodologias que favoreçam aos alunos produzir e expressar idéias a cerca do seu meio, como por exemplo, de que forma os alunos de uma escola ribeirinha compreendem seu espaço vivido? Onde encontramos elementos importantes para tornar mais dinâmica as aulas de Geografia?

Também concordando com o Milton Santos (1996, 61) quando diz que a Geografia necessita elaborar um sistema intelectual ou um pensamento geográfico que permita abordar as realidades geográficas que, por meio de um sistema de conceitos, dê conta do todo e das partes em sua interação.

Na oitava visita, as aulas novamente foram suspensas, pois o estado não repassou para o município a verba do transporte e com isso os alunos que dependem do transporte (ônibus e voadeira) não compareceram a escola. Toda vez que situações como essas acontecem é sempre comum alguns alunos ficarem desanimados para estudar e com isso surge à evasão. E presenciamos como a escola fica vazia e como esses alunos representam a grande maioria que a escola atende.

CAPÍTULO IV - O MAPA MENTAL COMO ELEMENTO DE ENTENDIMENTO DO MUNDO VIVIDO PELOS ALUNOS DO 6º ANO

4.1 Dos Desenhos aos Mapas Mentais

O que é um mapa? Segundo Almeida (2006, p. 13),

‘Para os cartógrafos, o mapa é uma apresentação da superfície da terra, conservando com estas relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. Sobre um mapa-base, assim obtido, pode-se apresentar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens: política, econômica, militar, científica, educacional e etc.

O que é o mapa mental? Para Kozel (2007 p 115)

“Os mapas mentais são uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais ‘.

Na prática, com o objetivo de construir com os estudantes a organização/localização dos objetos/formas evidenciadas e encontradas na Vila do Teotônio, nos Igarapés Amazonas, Jatuarana, Cachoeira de Morrinhos, Vila Princesa e nas localidades próximas foi proposto que fizessem um mapa mental desenhando o trajeto da sua casa até a escola. Neste sentido, Nogueira (2002, p.129) nos diz: “os mapas mentais são representações construídas inicialmente tomando por base os lugares vividos, experimentados, portanto partem de uma dada realidade”. Ainda segundo a autora, os mapas mentais contêm saberes a respeito dos lugares que somente quem vive neles pode ter e revelar.

Os mapas trazem a concepção da realidade ambiental a partir do senso comum dos educandos. Então, partindo desse pressuposto, vemos que os alunos se apropriam do conceito de meio ambiente de maneiras variadas, levando em conta suas próprias vivências.

Com a idade de 11 e 12 anos, os alunos já são capazes de elaborar conceitos e compreender alguns termos, também começam a compreender o espaço concebido. Nos estudos de Tuan (1983), o horizonte geográfico de uma criança amplia-se à medida que ela cresce. Crianças a partir da 5ª série já são capazes de atribuir significados aos objetos do meio, de se apegar ao lugar e localizar com

maior precisão os locais. Para o autor: “A idéia de lugar torna-se mais específica e geográfica à medida que ela cresce”.

Nesse contexto, crianças na idade dos que participaram da pesquisa são capazes de fazer uma análise mais elaborada, de colocar o lugar no seu contexto geográfico maior, de interpretar os objetos do meio e de compreender como funcionam. O papel dos sentidos na percepção ambiental das crianças parece ampliar-se à medida que elas crescem.

Nesta idade, a criança já desenvolveu a capacidade de compreender a relação existente entre os objetos e o local que ocupam no espaço geográfico; assim, o olhar geográfico vai ficando mais elaborado e compreendido.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS, a compreensão geográfica das paisagens significa a construção de imagens vivas dos lugares que passam a fazer parte do universo de conhecimento dos alunos, tornando-se parte de sua Cultura (PCNS, 1997).

Através das abordagens apresentadas, observa-se que os mapas mentais são desenvolvidos nos indivíduos, segundo as etapas de desenvolvimento mental do homem. Quanto à interpretação dos mapas, sugerem considerar alguns critérios como, por exemplo, faixa etária, diferenças sociais, herança biológica, cultural e educação, pois estes elementos constroem diferentes percepções do espaço. Segundo Kozel:

Os indivíduos, ao construir os mapas cognitivos, enfatizando seu ambiente espacial, refletem uma visão social, política e econômica que ao serem desvendadas podem contribuir com análises e intervenções, nos processos sociais. (2001, p. 113).

Com base em nossas leituras, entendemos por mapas mentais as imagens que as pessoas têm de lugares conhecidos de forma direta ou indiretamente. Também entendemos que podem ser do espaço vivido, no cotidiano, como de lugares construídos do presente ou do passado; de localidades distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais e históricos, divulgados nos meios de comunicação, através do ouvir o aluno pode idealizar uma imagem e projetá-la conforme sua compreensão.

Segundo Frémont:

O espaço vivido toma dimensões sociais à medida que se forma da criança até ao homem. A mãe e o pai, os irmãos, os camaradas e os professores, os parentes e as amizades, só grupos profissionais e as relações de vizinhança, mais além a sociedade regional ou o vasto mundo da sociedade global constituem outras tantas pessoas ou grupos que animam os círculos da vida (1980, p. 35).

O mapa também é uma simplificação da realidade, confeccionada a partir da seleção de elementos representados por símbolos e sinais apropriados, favorecendo a conscientização do ser humano de seu papel enquanto sujeito que interage com o mundo em que vive. Passini (1991) afirma que, no entanto, isso somente ocorrerá se o aluno participar ativamente do processo de construção (reconstrução) do conhecimento, através da prática escolar orientada pelo professor.

Os mapas mentais também são as representações do vivido, são os mapas que relacionamos e trocamos ao longo de nossa existência com os lugares na qual tivemos uma experiência ou que almejamos ter. No mapa mental, a representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, de histórias concretas e reais. Para Almeida:

A elaboração dos mapas não é determinada apenas pela técnica; os mapas expressam idéias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes. Os mapas, portanto, só podem ser devidamente compreendidos e vistos no contexto histórico e cultural em que foram produzidos, o que significa entender também os limites técnicos de cada época (2006, p 13).

Como é de conhecimento de todos que trabalham, vivem ou estudam na vila, a escola sumirá nos próximos anos. Então, o aluno representou através do seu desenho a forma de como ficará o espaço que hoje é habitado. Conforme desenho abaixo, na figura 36 um grande vazio, ficando somente as águas e as grandes pedras repletas de ouro.

Na minha cabeça eles querem tirar a gente daqui por causa do ouro, tem muito ouro nessas pedras, agora que eles vão tirar a gente vai ficar mais fácil. Esse ouro dá pra todos nós ficar rico muito rico, mas o meu pai disse que esse ouro traz tristeza e o homem que tem ambição e não respeita as águas paga com a vida

(fala do aluno de 12 anos, do 6º ano).

Figura 36

Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Vila do Teotônio, 12 anos. Representando a Vila com a construção das usinas do rio Madeira.

Diante disso, é importante lembrar que a criança carrega um conhecimento capaz de reproduzir possibilidades a fim de serem aproveitados em sala de aula, esse conhecimento nasce em casa, com as percepções do dia-a-dia.

O estudo dos processos mentais, relativo ao espaço vivido, é fundamental para compreendermos melhor as interrelações entre o homem e o meio ambiente, suas expectativas, e condutas. Quantas vezes as nossas ações sobre o meio ambiente geram conseqüências que ignorávamos por completo e que afetarão a qualidade de vida de várias gerações?

Um dos objetivos em se trabalhar com os mapas mentais é o de se estabelecer articulação entre conteúdo e forma, utilizando a linguagem cartográfica para que se construam conhecimentos, conceitos e valores como meio de comunicação. No que se refere à representação do espaço geográfico, a apropriação da linguagem cartográfica é um aspecto de grande importância, principalmente quando se refere a pensar geografia e sua importância na educação, no indivíduo como sujeito na construção de sua história.

Operar com tais abstrações também requer certas habilidades cognitivas específicas desenvolvidas desde a infância. Conforme demonstrado por Vygotsky (1999) após a aquisição da linguagem, o desenvolvimento cognitivo humano se acelera consideravelmente. Este impulso nos processos cognitivos se dá por meio da visível interação com o mundo e com os falantes ao redor da criança. Durante

esta evolução, a criança aprende a organizar e a estruturar seus pensamentos para representar o mundo que a cerca.

Essas relações de construção dos sentidos na mente humana, segundo Oliveira (1996), dar-se-iam através de um processo cognitivo, o qual possuiria as fases distintas de percepção (campo sensorial), seleção (campo da memória) e atribuição de significados (campos de raciocínio). As ações de conhecer, sentir e fazer são respostas presentes na interrelação existente do homem com o meio ambiente. Cheiros, sons, surpresas ou símbolos são captados pelos sentidos humanos e provocam várias sensações na relação entre o homem e o meio vivido.

Diante da paisagem da Vila, para muitos alunos é um ambiente familiar, mas, só o fato de sair de sala de aula, os alunos ficam mais a vontade para expor suas idéias e suas experiências, porém eles levam para a sala conceitos científicos, para Vygotsky (1994, 110), aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o desenvolvimento mental.

Desta maneira, ao se estudar os mapas mentais das pessoas, não se pode impor categorias acadêmicas e artísticas, mas sim interpretá-los como uma forma de comunicação.

Segundo TUAN (1980, p.74-75), ao analisar, o morador local, percebendo o meio-ambiente, afirma que a avaliação da paisagem é essencialmente estética, sendo que a beleza ou feiúra tende “a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo”. O autor se referiu à adaptação das pessoas às condições de vida a que são expostas, passando a não mais perceberem com o tempo, fatos e imagens que antes lhes eram estranhas.

Nas conversas com os alunos, ao perguntarmos com relação aos pontos que eles consideram belos, referiram-se ao encanto das águas, à quantidade de águas e ao tamanho das pedras, dos peixes pescados, ou seja, entendemos que o aluno tem a percepção do que está ao seu redor. Nessa perspectiva de se compreender o processo da percepção do ambiente, da paisagem, onde o homem faz constantes intervenções em seu espaço, ele agrega valores ao objeto, que em última instância será “consumido” pelo próprio homem, por meio das suas atividades humanas, entre elas, a pesca.

Quando iniciamos os trabalhos com a turma do sexto ano, tivemos o cuidado de fazer uma seqüência de atividades, falamos da importância dos mapas mentais e

da sua leitura, enfocando o cotidiano do aluno. Em primeiro lugar, a preocupação em demonstrar onde se localiza a Vila do Teotônio. Fizemos perguntas: como é o lugar onde você vive? Onde está localizada sua casa? Segundo Bachelard (1993, p. 26), “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e o sonho do homem”

Ainda nas perguntas: para você o que diferencia os lugares? Quais as dificuldades encontradas? A forma que você percebe o que se localiza no percurso até chegar à escola? Partindo daí, podemos pensar em várias formas de ensinar aos alunos lerem os mapas, desde aqueles com mais dificuldades no assunto até os que tenham adquirido experiência na compreensão deles.

Partindo do imaginário e de sua representação por meio do mapa mental, é possível levar a criança a realizar novas descobertas e experiências com o seu próprio lugar e a redescobrir seus próprios lugares no mundo, principalmente relacionar o ensino da Geografia ao seu espaço vivido.

No caso dos alunos do 6º ano, temos que ter cuidado com as nossas maneiras de explicar o assunto, pois de certa forma, estaremos avaliando o aluno na sua “tarefa “de mapear”. Estamos, portanto, mostrando os caminhos para que se torne um leitor consciente da linguagem cartográfica, que possibilita utilizar as noções de espaço e construir os mapas mentais. Desta forma os alunos passam a perceber os problemas sociais e ambientais da cachoeira e dos locais onde vivem. Ressaltamos que nossos colaboradores quando estavam nas séries iniciais, já tiveram aulas de noções de localização que consideramos importante para chegar a essa conversa com a turma.

É na construção dos mapas mentais que encontraremos exemplos essenciais na construção do espaço pelo sujeito para sua conscientização sobre a leitura das representações do espaço. A partir das pré-noções de espaço¹⁸ que o aluno possui, o professor é capaz de estabelecer maneiras eficazes de ensino, adequando-se a cada situação. Desse modo, acreditamos que os mapas mentais podem ser mais explorados. Segundo Kozel

Os mapas mentais como enunciados produtos de relações dialógicas estabelecidas entre EU e OUTRO proporciona uma análise mais ampla do indivíduo no contexto social e cultural em que está inserido. (2007, p.136).

¹⁸ Pré-noções no sentido de que os alunos já tiveram algumas noções durante as séries iniciais

Ao elaborar os mapas mentais muitos significados surgem e também é uma forma de levar os alunos à elaboração de textos através da reconstrução de histórias que realizam o levantamento de memórias coletivas, é levá-los a fatos históricos concretos. Os mapas são dados que revelam toda uma narrativa histórica, que colabora para a compreensão dos acontecimentos que foram vivenciados em outro momento, mas que podem ser reestruturados, para desvendar fatos e interpretar as histórias.

4.3 As Percepções com Relação à Turma

A idade dos alunos do 6º ano varia de 12 a 17 anos, dos 21 alunos, seis são repetentes pela segunda e terceira vez consecutiva. A maioria dos alunos é proveniente de famílias com baixo poder econômico, residem em casa própria, porém em locais onde tudo é difícil e, no caso da cachoeira de Morrinhos, o acesso é ainda mais difícil, devido a estrada de chão e na época das chuvas fica desafiadora. Na localidade não existe comércio, a distância em relação à cidade é significativa e não se encontra com facilidade transporte para a área urbana.

Alguns alunos têm apenas mãe ou pai, ou vivem com avós, com isso trazem constantemente para a escola problemas dos cotidianos que atrapalham o seu desempenho. Contudo, são crianças que estão acostumadas ao trabalho diário, para ajudar seus familiares, e em contato com o ambiente ribeirinho.

Muitos dos alunos guardam na hereditariedade o fomento da criatividade e possuem uma forte tendência à construção de textos sobre suas realidades. O ambiente em que vivem proporciona o gosto pelos desenhos e pela contação de histórias locais como a do boto, curupira, as almas das águas, como também colabora para existir os momentos de conversa debaixo de uma árvore, ou na roda de familiares que se reúnem no final da tarde.

Para Claval:

A cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Ela permite perceber “os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham. (1999, p.11).

Durante nossas atividades práticas e conversas, percebemos que algumas palavras fazem parte do cotidiano dos alunos, então resolvemos fazer um glossário. São termos que estão presentes no cotidiano dos alunos e apresentam elementos geográficos e, em alguns casos, representados nos mapas mentais.

Tabela 10: TERMOS MAIS UTILIZADO PELOS ALUNOS (Glossário)

01	Amazonas	Localidade à margem esquerda do rio, lá residem pelo menos 8 alunos do 6º ano e de outros anos .
02	Banco de Areia	Praias que surgem na época do verão
03	Banzeiro	Ondas produzidas por embarcação ou por temporal e representam também um sinal de perigo nos dias que, ao saírem da escola, o tempo está fechado e necessitam utilizar a voadeira
04	Barranco	É uma lateral do rio onde geralmente é fundo, local que surge quando as águas baixam e se tornam caminhos para alguns alunos chegarem a suas casas
05	Biribá	Uma fruta muito apreciada e que facilmente pode ser encontrada nos sítios
06	Boto	Golfinho da região amazônica, os mais conhecidos são o Tucuxi e o vermelho, na cachoeira eles costumam aparecer ao final da tarde
07	Caníço	Uma vara fina e resistente com linha de náilon
08	Candiru	Peixe pequeno e temido, mede cerca de 15 cm, ele é comum em águas barrentas
09	Carapanã	Mosquitos
10	Cobra-grande	Moradora das águas da cachoeira é muito temida pelos ribeirinhos
11	Currutela	Local de garimpo, nas águas da cachoeira em determinadas épocas é possível ver algumas dragas.
12	Envernada	Quando o rio está quase cheio no ponto de causar alagamentos
13	Igapó	Terra baixa, que nas épocas de cheia é inundada
14	Igarapé	Local onde se apresenta um pequeno curso de água, foi citado os igarapés de Jatuarana, Amazonas e Macacos
15	Jatuarana	Peixe saboroso de água doce. Nas águas da cachoeira encontra-se esse peixe.
16	Linhada	Feito de linha de náilon, anzol, e isca
17	Mandi	Um tipo de peixe muito saboroso para se comer frito

		com farinha
18	Morrinhos	Cachoeira onde também existe uma comunidade, nesse local reside pelo menos 20 alunos, eles precisam viajar cerca de 3 a 4 horas até chegar à escola.
19	Malhadeira	Um tipo de rede feita de malhas para capturar certos tipos de peixe.
20	Paliteiros	É o mesmo que pausada.
21	Praia	Extensões de terra que surgem na época da vazante
22	Pescador	Pessoa que exerce essa atividade.
23	Peixe-cachorro	Um peixe de muita espinha, só serve para comer assado.
24	Perna-manca	Madeira que sustenta a casa, na vila da cachoeira, todas as residências tem perna-manca.
25	Pirarucu	Peixe gigante de escamas.
26	Pitiú	Mau cheiro dos peixes, ao se preparar, precisa ser lavado muito bem para tirá-lo.
27	Repiquetes	São as rápidas subidas da água na cachoeira, o pescador, ao chegar ao paredão, precisa saber o tempo da água, pois ela avisa quando vai subir.
28	Ribeirinho	Sujeito que habita as margens do rio e se organiza diferente do homem urbano.
29	Sucuriçu	Cobra muito temida.
30	Tambaqui	Peixe muito saboroso
31	Tarrafa	Um tipo de rede de náilon que serve para pescar.
32	Temporal	Chuvas com ventos fortes, os alunos disseram ter medo dos temporais. Na mata o vento chega a levantar árvores.
33	Toco	Mesmo que pausada.
34	Trata Sério	Localidade à margem esquerda do rio madeira, os moradores foram transferidos devido à construção da usina de santo Antônio. Também em Trata Sério residiam 9 alunos da escola.
35	Voadeira	Meio de transporte utilizado por alunos e o meio de chegar à escola.

Fonte: Organizado por Domingas com base nas informações prestadas pelos alunos.

4.4 Construindo os Mapas Mentais:

De Casa à Escola, nos Lugares, Construimos nossa Vida

Acreditamos que os desenhos e os mapas representam os sentimentos que os alunos têm, porém alguns alunos não têm muita clareza dessa idéia. Mas como afirmar que a representação da casa do educando não é trazido implicitamente como parte do ambiente.

Vamos identificar a concepção de meio de uma turma de alunos de uma escola pública ribeirinha, levando em conta todos os tipos de representação por eles estabelecidos e analisar a concepção de meio presente nos desenhos. É importante que para se compreender a vida do ribeirinho na Amazônia, há de se levar em consideração as particularidades existentes em cada região, associadas por uma cultura repleta de representações sociais.

Alguns desses desenhos partiram da representação do percurso da moradia do aluno à escola, enquanto outros mostravam apenas a referência ao meio ambiente, outros representavam os mapas de forma bem contextualizada. Com relação à moradia, elas também fazem parte e estão inseridas no meio ambiente, são representadas de forma clara em que os elementos da paisagem fazem parte da frente da casa e do terreno onde está localizada.

Segundo Passini (1998, p.47), os mapas devem ser instrumentos metodológicos para se compreender os conteúdos com o quê se está trabalhando, pois o sujeito é levado a pensar de forma lógica e a utilizar o raciocínio espacial.

Mas como fica esse percurso de casa à escola? Para muitos alunos, a estrada é o rio Madeira. No desenho do aluno, apresentado na figura 37 tem como característica as árvores que o rio costuma trazer para suas águas e que em determinados trechos tornam obstáculos para a navegação. No mapa mental abaixo, o aluno destacou que para chegar à sua residência é necessário utilizar a voadeira. Conforme Tuan (1980, p.34) Em geral, as respostas das crianças mais velhas são muito mais sofisticadas. Vila, cidade são categorias de lugares familiares aos alunos, descrevem-nas com certeza e facilidade comparáveis às dos adultos.

Figura 37



Figura: Mapa mental feito por aluno do 6º ano, morador do Igarapé Amazonas, 13 anos, representando a sua casa e os arredores.

Para as famílias que residem nos igarapés e outras localidades às margens do Rio Madeira, ele representa a principal ligação da casa com a área urbana, é por ele que chegam as pessoas e as mercadorias que atendem as necessidades das famílias. Na foto abaixo, o igarapé Amazonas é local onde residem alguns alunos. Na fala de Tuan (1980.p.30) Os adultos adquiriram o hábito de tomar nota mentalmente de onde às coisas estão e de como ir de um lugar para o outro.

Figura 38



Foto: Walter Barros, fotógrafo profissional, Imagem do Igarapé Amazonas, localizado à margem esquerda do rio Madeira. Ao chegar a Vila do Teotônio pode-se avistá-lo do outro lado do rio.

. Conforme Castrogiovanni:

Com isso a Geografia pode sim desvelar (tirar véus) de coisas que estão encobertas. Não no sentido de mostrar agora o lado real, correto das coisas. Mas, simplesmente mostrar que sempre há mais de uma leitura possível. A geografia sempre será ideológica, porque mostra certas (e esconde outras) leituras possíveis do mundo e do espaço. Mas, pode haver ideologia mais pretensiosa do que aquela que se julga ideológica? Aquela leitura que se diz apenas a ciência geográfica? (2008, p. 154).

Nos mapas do caminho de casa à escola, os alunos percebem várias situações que estão ligadas às aulas de geografia, por mais que alguns tenham afirmado que não existem ligações. Nesta abordagem, encontramos nos mapas sentimentos de pertinência com relação ao lugar onde vivem. São sentimentos de amor, felicidade e satisfação. Isso podemos verificar entre os alunos .

Através do mapa mental abaixo, conforme figura 39, destacamos pontos que consideramos relevantes, tendo como base o eixo espaço vivido. A aluna que organizou tem 17 anos, estuda no 6º ano e tem quatro filhos, ao fundo, na parte esquerda ao lado da casa, seus dois filhos menores ficam aguardando a saída e chegada da mãe que precisa todos os dias atravessar a Cachoeira para ir à escola. Para ela estudar tem um grande significado, conforme suas falas abaixo:

1-“A minha história é muito triste porque eu quando era criança eu tinha apenas 14 anos, logo fui tendo filho não tinha oportunidade para sair, brincar e sair com os amigos, agora com 17 anos que eu vim para a escola

estudar e aprender mais um pouco e a minha vida eu acho que nela tem muita magoa mais vou chegar por aqui .“

(fala da aluna do 6º ano de 17 nos)

2-“Quando entro na voadeira sinto um pouco de medo e quando chego à escola sinto um alívio. E quando saio da minha casa eu vejo arvores, o rio, goiabeira, igarapé e canoa e meus filhos”.

(fala da aluna do 6º ano de 17 nos)

Perguntamos por que ela não desenhou os quatro filhos? Ela respondeu que “-o banco onde eles sobem não cabe os quatro juntos. E o que fica de imagem, na hora da saída, são os dois acenando e acompanhando a voadeira até onde a visão não alcançar mais”. Para Tuan (1983, p 52), os seres humanos estão interessados em outras pessoas e nos objetos importantes em suas vidas. Querem saber se as pessoas que lhes são importantes estão longe ou perto deles e umas das outras.

Percebemos pelo mapa mental, ainda referente à figura 36, que a casa da aluna fica em local muito alto, e ela enfrenta um barranco para chegar à voadeira. A referida aluna reside no Igarapé Amazonas e precisa desde cedo ensinar a seus filhos que as águas são perigosas e orientá-los para serem cuidadosos ao se aproximar delas.

Conforme Tuan (1983, p.92), a iniciativa é importante para a sobrevivência em um mundo de água, onde as mudanças de tempo e de correntes têm um impacto imediato nas pequenas embarcações. Na figura 35, referente ao Igarapé Amazonas, podemos observar que se trata de um local repleto de perigos e estão por todos os lados.

A aluna ainda disse que para ela ser ribeirinha não significa somente morar às margens do igarapé amazonas, mas ter o rio, as águas em seu dia-a-dia, pois apesar dos perigos que elas oferecem é delas a sobrevivência, a fonte de trabalho e em certos trechos os momentos de lazer.

Figura 39



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora do igarapé Amazonas, 17 anos, representando sua residência e o embarque para ir à escola.

Figura 40



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora do Igarapé Amazonas, 17 anos representando o percurso. Aqui de um modo particular, a aluna registrou somente o rio que é sua estrada diária para ir à escola e os elementos percebidos ao longo do percurso.

Os mapas como representações simbolizadas da realidade, podem ser um ponto de partida para as pesquisas em geral, desta forma, nesta pesquisa, analisou-se os mapas mentais para avaliar o nível de percepção dos alunos moradores da Vila do Teotônio e adjacências com relação ao meio onde estão inseridos.

Para Nogueira (1994, p.93), os mapas mentais são representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares por nós experienciados. Todos nós construímos verdadeiros mapas dos lugares, a partir de nossa relação existencial entre eles.

Essa relação do aluno com seu ambiente favorece uma percepção que acontece de forma diferenciada entre os indivíduos, ou seja, cada aluno apresenta determinada percepção com relação ao espaço e sua experiência de vida. Esse mundo percebido através da apreensão dos significados provoca a construção mental, na qual a razão não decodifica essas imagens.

Podemos dizer que o mapa mental, no seu sentido mais amplo, tem a função de tornar reais e visíveis os pensamentos, as atitudes, os sentimentos, assim como a realidade percebida. São chamados de mapas mentais, por realizar representações originadas da mente humana, que precisam ser lidas e compreendidas como mapeamentos.

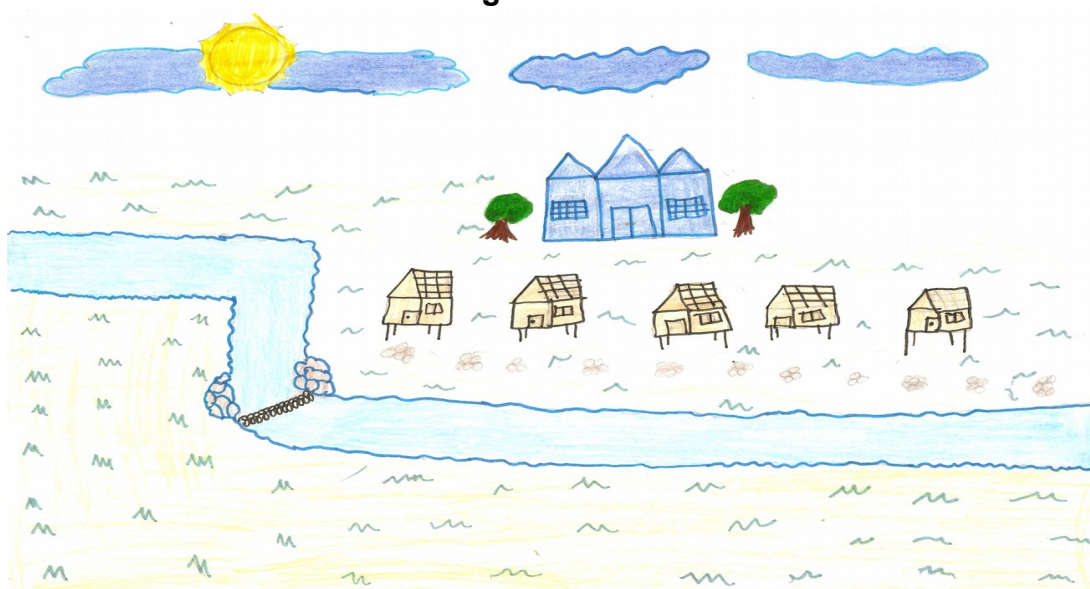
No desenvolvimento deste trabalho, na turma do 6^a ano, utilizamos os mapas mentais com objetivo de avaliar a percepção que os alunos têm do espaço onde estão inseridos. Desta forma, os mapas mentais correspondem aos desenhos realizados pelos alunos, onde representam o seu espaço vivido. As representações podem ser diferenciadas ao se considerar o local de moradia dos alunos. Aqueles que estão em áreas próximas ao rio destacaram bem a presença dele em proporções variadas. Os que residem na vila princesa destacaram outros elementos geográficos como, por exemplo, aglomeração humana, e mesmo tendo informações e conhecimentos das águas não fazem referências.

Após a realização dos mapas, efetuamos um debate em sala de aula para que os alunos tivessem a oportunidade de expressar as impressões que tiveram sobre suas produções. Cada aluno com seu mapa surgem alguns comentários:

“O meu desenho ficou original, o desenho ficou bonito parece de verdade o lugar onde moro”.

(fala do aluno, 6º ano, 12 anos).

Figura 41



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno morador da Vila do Teotônio, do 6º ano, 12 anos.

“Meu desenho não tem a cachoeira, pois fiz ela sem a vila, e nem com nenhuma casa é assim que ela vai ficar , um grande vazio”.

(fala do aluno 6º ano, 13 anos.)

Figura 42



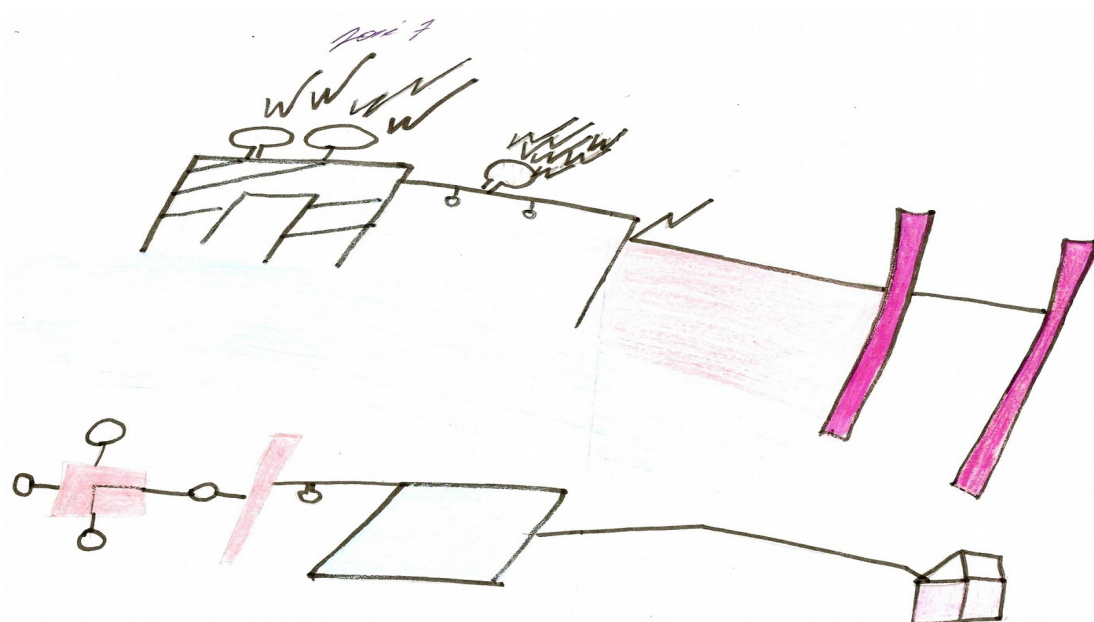
Fonte: Mapa mental elaborado por aluno morador de sítio (os termos utilizados são ramais ou linhas, do 6º ano, 13 anos).

Dentre nossos colaboradores, surgiram desenhos de como ficará a vila, o aluno representou como um lugar que será energizado pela potente carga elétrica que será produzida nas águas do rio Madeira, além de causar um grande vazão, conforme aluno morador do Igarapé Amazonas.

“Imagino a cachoeira, a escola e as plantas cheia de energia com torres de alta tensão e ninguém pode chegar perto para não levar um choque e sentir dor”

(fala do aluno, 6º ano, 14 anos)

Figura 43



Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador da Cachoeira de Teotônio, 13 anos.

Diante da fala do aluno e o que ele expressou no seu mapa mental, percebemos que existe uma preocupação com o ambiente e com elementos importantes da cachoeira. Para isso buscamos a leitura de Tuan

“A dor é indesejável, mas também é um meio de conhecer o mundo. É perigosa a acentuada insensibilidade à dor, porque ela nos adverte sobre os danos corporais que podem precisar de cuidados”

Entendemos que a dor que o aluno expressa significa sair da sua casa e residir em um local onde não se encontra com facilidade água com fartura, peixe de graça e tranquilidade para morar.

“A minha casa fica bem distante das outras casas, preciso andar com meu irmão um pouco para pegar o ônibus, só depois de um tempo começamos a ver as casas, mas eu gosto de onde moro sou feliz”.

(fala do aluno, 6º ano, 12 anos).

Figura 45

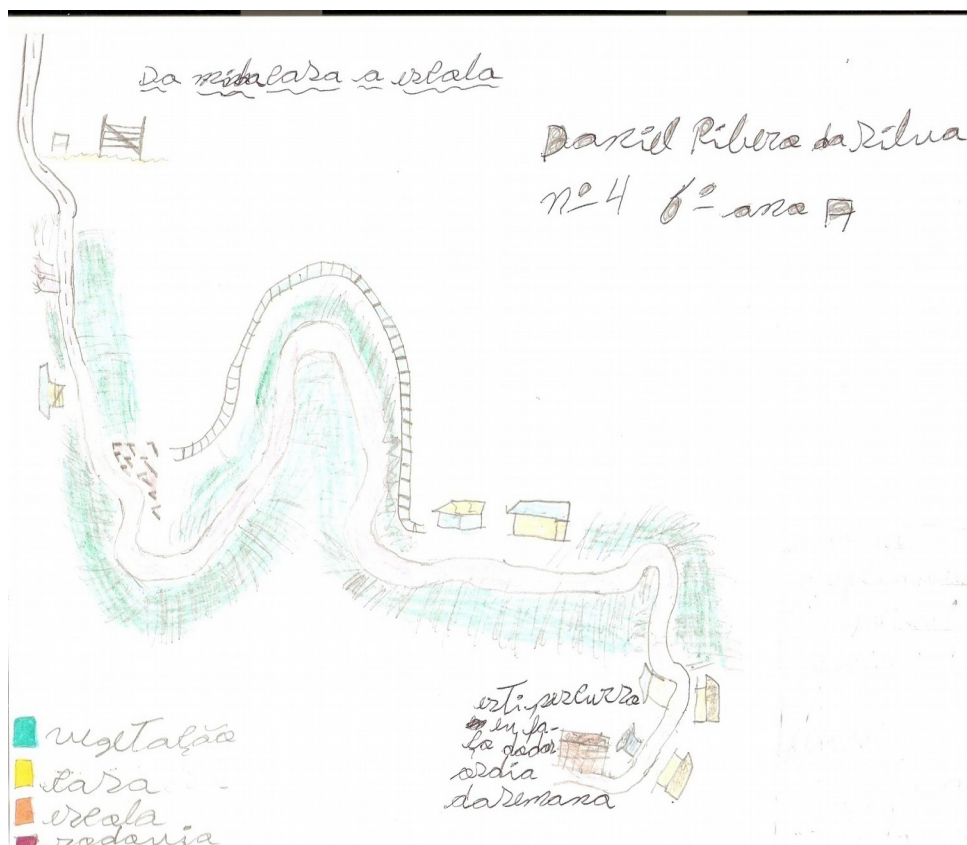


Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador da Cachoeira de Morrinhos, 6º ano, 12 anos.

“Moro em um lugar muito tranquilo, gosto da vida assim calma, na estrada encontro alguns animais, e o meu desenho ficou bem colorido e desenei bem o que vejo e onde moro , gostei.”

(fala do aluno, 13 anos, 6º ano).

Figura 46



Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador da Cachoeira de Morrinhos, 6º ano, 13 anos.

“Preciso fazer um desenho que mostre bem onde moro e onde estudo. Pois vou fazer bem bonito. O lugar onde moro é muito bonito e todo mundo que é de fora gosta e eu também, tem gente que vem de longe pescar e passar a noite.”

(fala do aluno, 6º ano, 13 anos).

Figura 47



Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador do Igarapé Amazonas, 6º ano, 13 anos.

Com base na fala do aluno, buscamos Tuan:

“O visitante aprecia mais a estética, a beleza do lugar, pois muitas das vezes ele está ali a passeio, e em várias situações sua opinião é mais válida que a do nativo. O nativo se expressa através de sua tradição local, seus conhecimentos e mitos, diferenciando claramente do visitante”. (1980, p.69).

“Vou arriscar fazer um mapa da Cachoeira, vou lembrar dos vizinhos e de cada casa, esse lugar é muito bom, pena que não tenha tudo que eu gosto, mas é aqui que moro com a minha família”.

(fala do aluno, 6º ano, 13 anos).

Figura 48

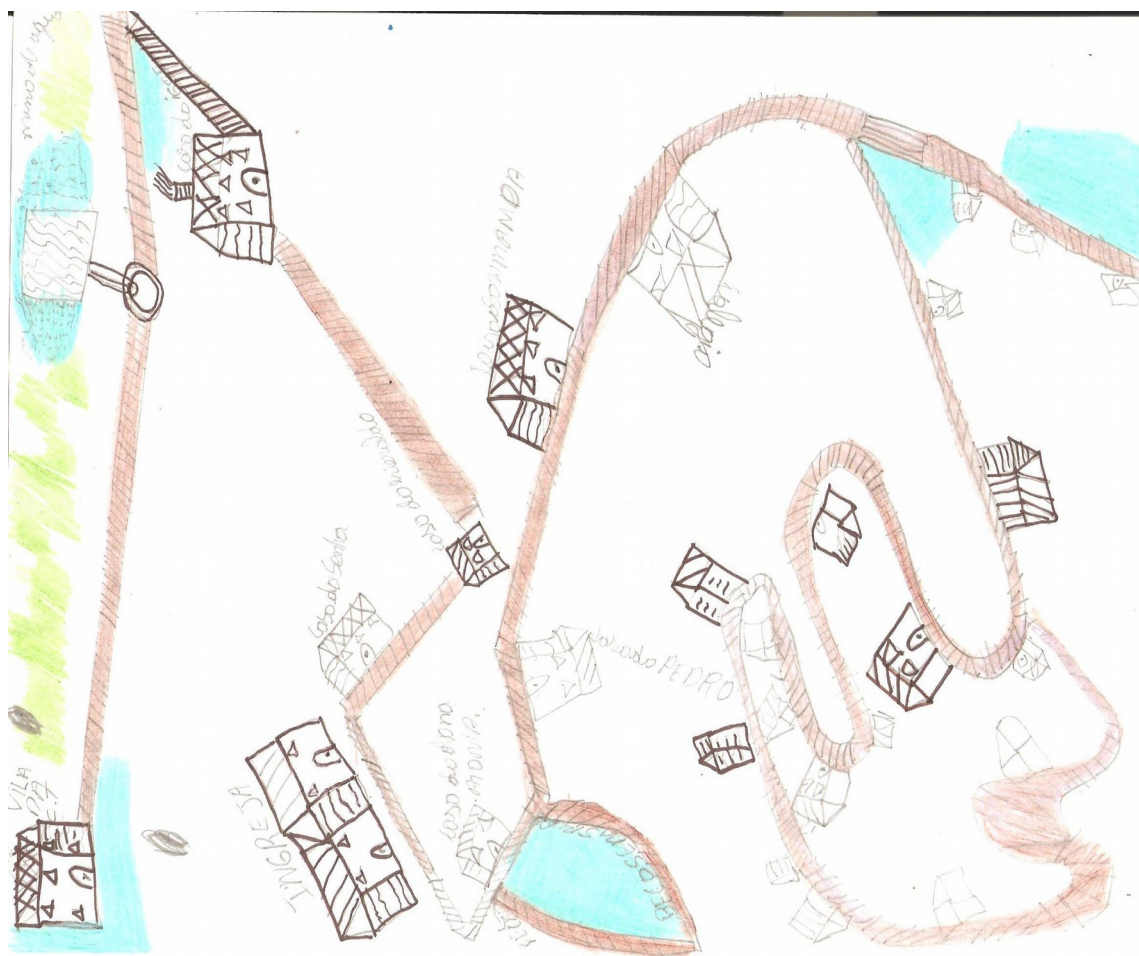


Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador da vila do Teotônio, 6º ano, 13 anos.

“Moro no sítio, a gente sobrevive do que tira da terra, e o meu pai faz bicos e trabalha em outras coisas. Nesse desenho vou fazer todas as casas que conheço, vai ficar cheio de estrada. Nos sítios, o mato é bem baixinho, as árvores maiores ficam mais pra dentro”

(fala do aluno 6º ano 13 anos)

Figura 49



Fonte: Aluno morador de sítio, na estrada que conduz à escola, cerca de 8 km, 6º ano 13 anos.

Após o encerramento das atividades, conversamos com os alunos sobre geografia, como disciplina de ensino e a sua importância, a minha intenção era de perceber a relação que faziam entre o que havíamos estudado e debatido e, além disso, captar a representação de Geografia como matéria de ensino e de que forma estariam utilizando esses conhecimentos para a construção dos mapas mentais.

Alguns alunos sempre se mostraram mais motivados para estudar, aproveitam tudo o que for oferecido pela escola, outros demonstram apatia, não só em relação à geografia, mas também as demais disciplinas. Existe um grupo de alunos que diariamente viajam horas, enfrentam chuvas e as águas agitadas da cachoeira na tentativa de futuramente terem uma vida melhor e até mesmo ajudar seus familiares.

CAPITULO V - AS ANÁLISES E AS CONSIDERAÇÕES

O mapa, em suas variadas possibilidades de informar o conteúdo geográfico, o faz de forma gráfica, possibilitando ao leitor visualizar a organização do espaço de forma ampla e integrada às relações de mundo. A sua linguagem é monossêmica, ou seja, não é ambígua. É uma linguagem de comunicação visual, sintética e rápida (Passini, 1994:19).

Nesse capítulo, pretendemos fazer uma análise das percepções apresentadas por alunos do 6º ano, por meio dos mapas mentais com o intuito de identificar as visões que os educandos têm do seu espaço vivido, através das referências geográficas. Entretanto, para esses alunos, ainda se torna necessário promover mais momentos de reflexão e pouco se observa, de fato, medidas que conduzam a um pensamento crítico.

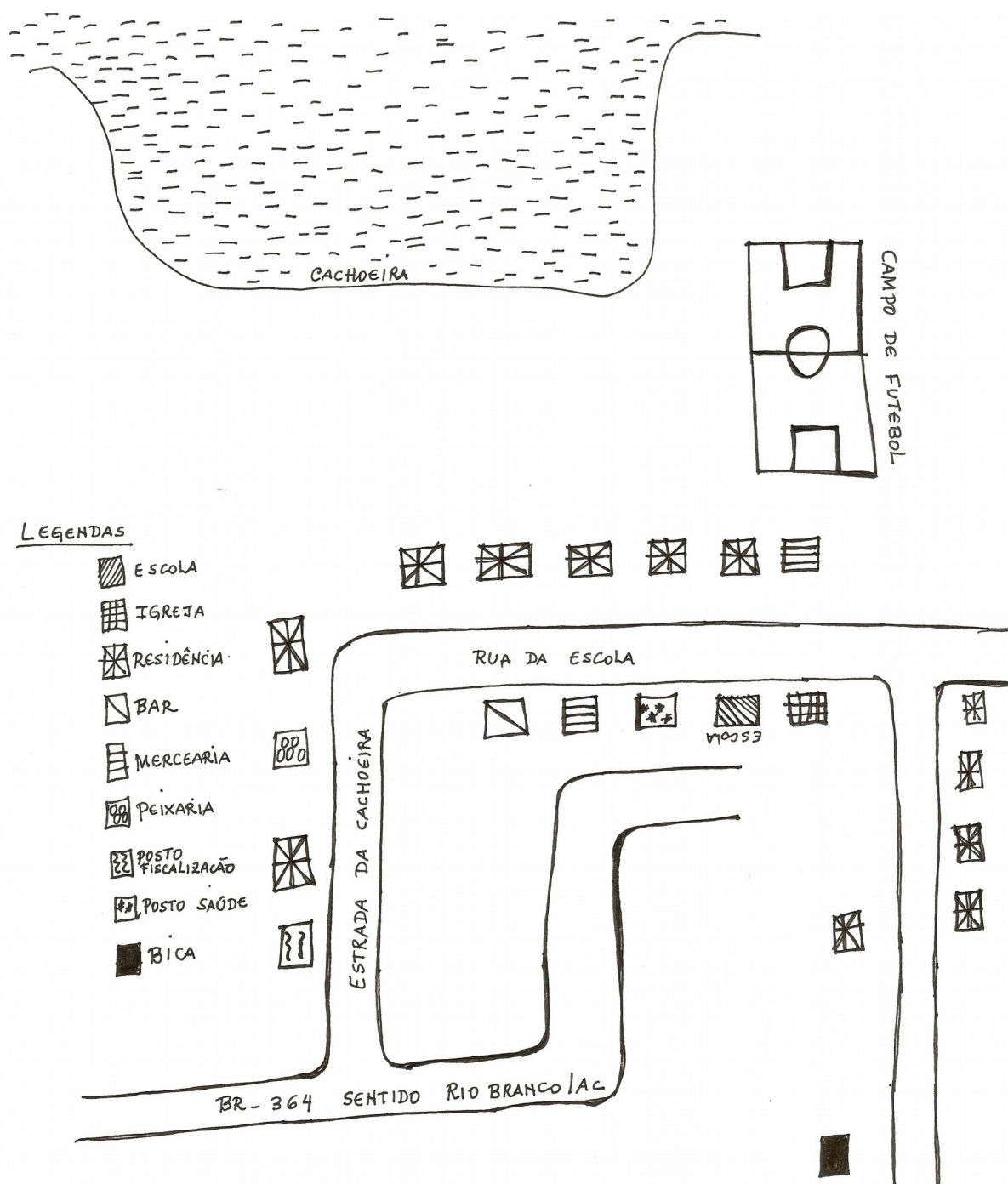
Para iniciarmos a nossa análise dos dados, seguimos uma metodologia de pesquisa, caracterizada por fundamentar-se em pressupostos humanista-cultural, apresentando, portanto, a realidade dentro de um caráter subjetivo. Na fala de Tuan :

“É aquilo que está para se manifestar, mas que não está em sua plenitude. O espaço adquire formas subjetivas e objetivas O espaço subjetivo pertence ao mundo mental: significa o coração das coisas, o aspecto interno da experiência, e é simbolizado pelo eixo vertical apontado para o zênite e mundo inferior. (1980, p.134)

Nesse sentido, a proposta Humanista-cultural parte da idéia de que é preciso interpretação e compreensão para se obter o conhecimento da realidade social. Na fenomenologia, é necessário o entendimento dos fenômenos sociais a partir da perspectiva do ator, assim, é importante saber como as pessoas percebem a realidade. A fenomenologia torna importante o sujeito no processo de construção do conhecimento.

Mas antes de analisarmos o primeiro mapa mental, apresentamos o que foi elaborado por nós, este esquema foi organizado no quadro da sala de aula, traçando os principais aspectos geográficos do espaço encontrados ao longo do percurso até chegar à escola.

Figura 50



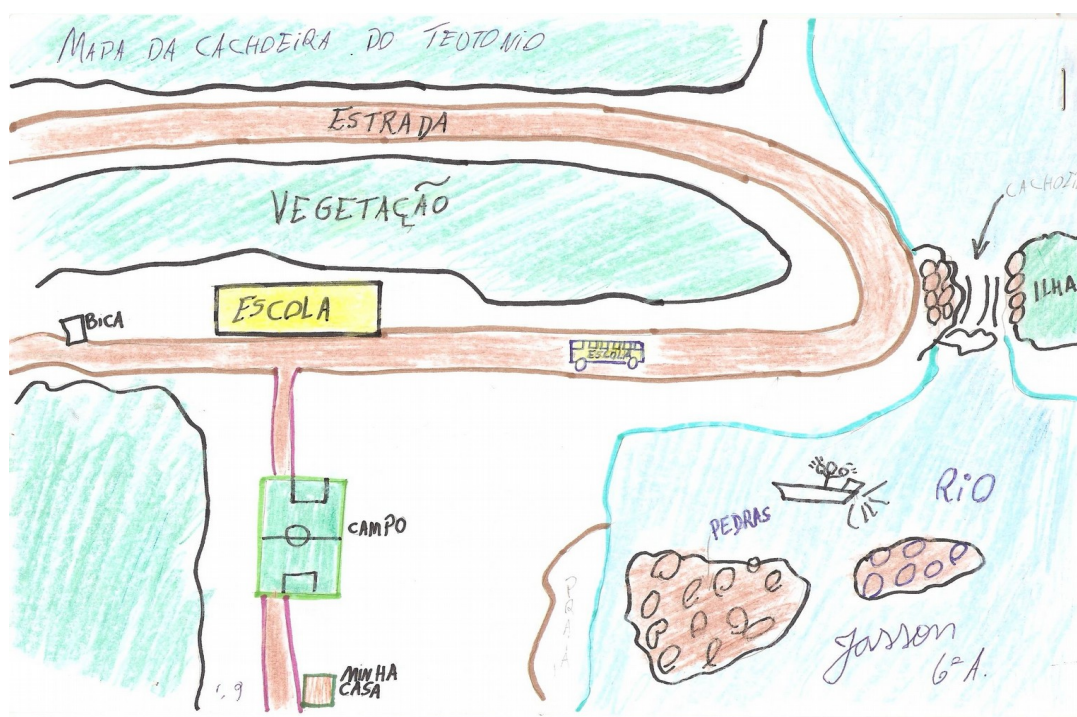
VILA DA CACHOEIRA DO TEOTÔNIO

Fonte: Organizado por Domingas Luciene, durante pesquisa de campo. Em 2008

Os alunos traçaram o percurso de sua casa à escola, destacando a relação das referências geográficas com o cotidiano. Ora, nos mapas mentais, percebemos a possibilidade de se partir da própria elaboração dos alunos para realizar a construção conjunta dos conteúdos da geografia, valorizando, assim, aspectos da cultura local e da geografia regional. Em um mapa desenhado, é possível percebermos questões importantes para desencadear um processo de aprendizagem.

Segundo Castrogiovanni, (2008, p. 94), “O processo de ensino aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo”. Para as análises dos mapas mentais estaremos utilizando a metodologia KOZEL

Figura 51



Fonte: Mapa mental de aluno do 6º ano, residente na vila do Teotônio, 6º ano, 13 anos.

Tabela 11: Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental:

Elementos Naturais	Rios, cachoeira, Ilha, Bica, vegetação, pedras
Elementos construídos	Campo de futebol, estrada, escola. Moradia
Elementos móveis	Voadeira, ônibus
Elementos Humanos	Pescador
Particularidades	-

Fonte: Mapa mental de aluno do 6º ano, residente na Vila do Teotônio, 6º ano 13 anos.

Metodologia de análise: KOZEL

O referido aluno, além de desenhar, fez questão de escrever os elementos que ele percebeu no seu mapa mental, que foram: planalto, pedras, vegetação, praia e estrada, além disso, deixou claro que é contra as hidrelétricas, “- elas vão destruir meu lar, onde eu amo muito”. –“Se 50% de trabalho fosse para os rondonienses, eu até seria a favor, mas mal 25% serão para nós e 75% para as pessoas de fora”.

Figura 52



Tabela 12:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Floresta, rio
Elementos construídos	Moradia, estrada
Elementos móveis	Voadeira, ônibus
Elementos Humanos	-
Particularidades	Desmatamento

Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Cachoeira de Morrinhos, 17 anos. Metodologia de análise: KOZEL

Figura 53



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Cachoeira de Morrinhos, 14 anos

Tabela 13:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Floresta, sol, rio, cachoeira, Ilha, aves
Elementos construídos	Moradia, escola, muro
Elementos móveis	Voadeira
Elementos Humanos	-
Particularidades	Desmatamento

Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Cachoeira de Morrinhos, 14 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 54



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 12 anos.

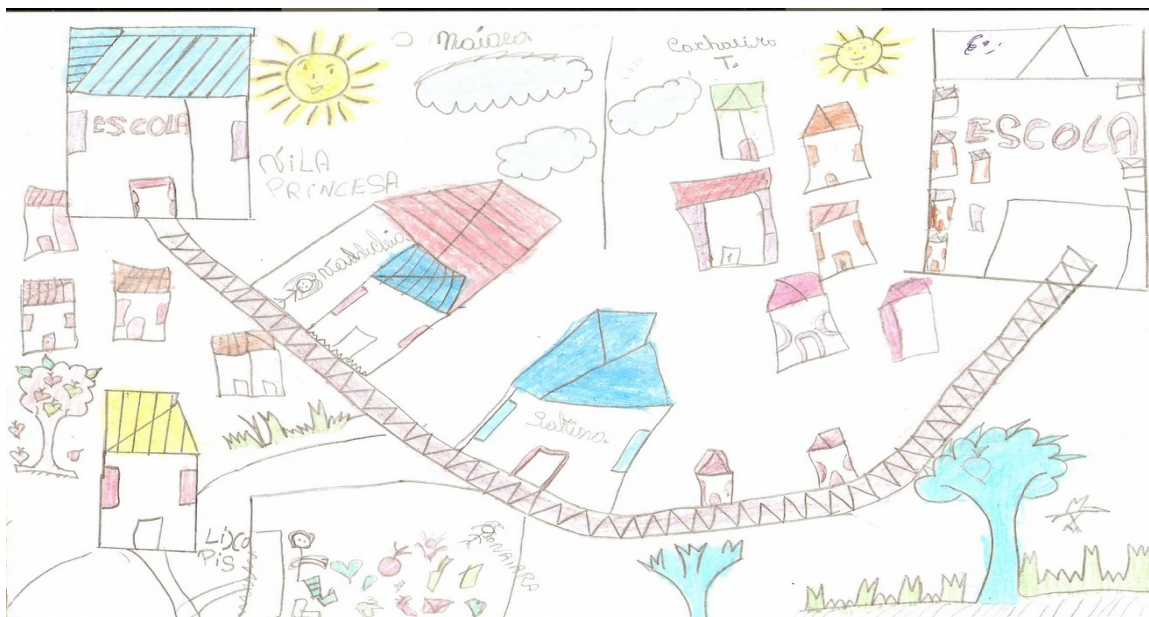
Tabela 14:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação
Elementos construídos	Comércio, escola, estradas, quadra de esportes, Igreja
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	Lixão

Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 12 anos,
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 55



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano morador da Vila Princesa, 13 anos.

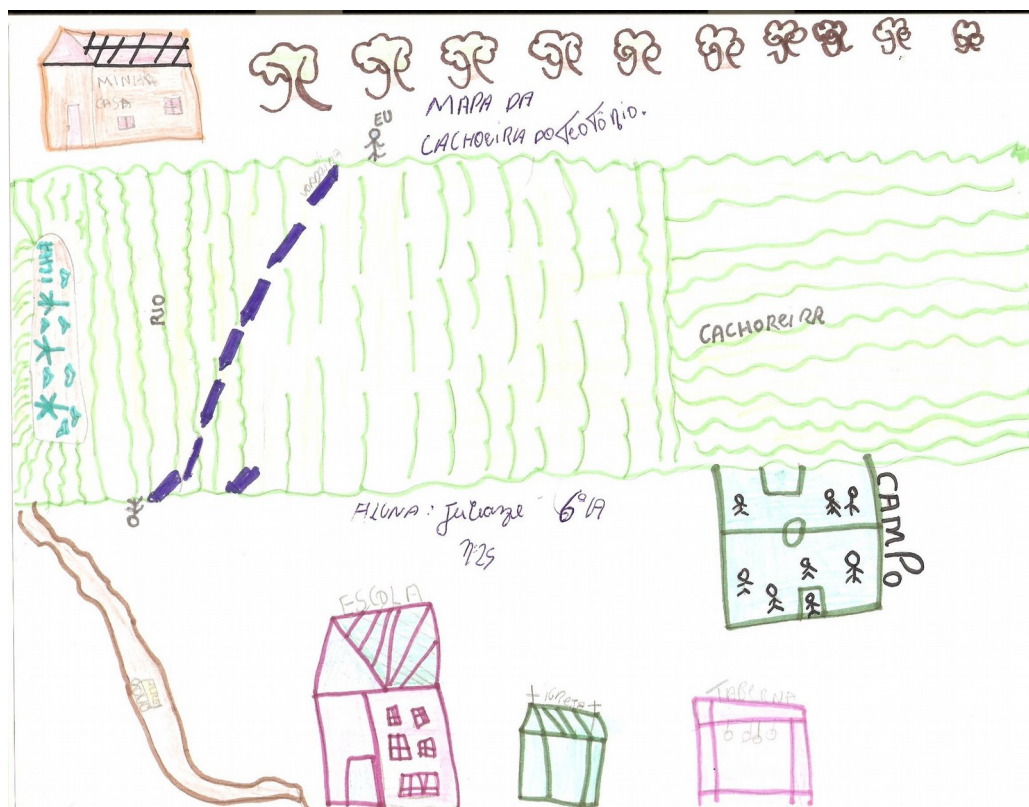
Tabela 15:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, sol, nuvens, aves
Elementos construídos	Moradia, escola, Igreja, estrada
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	Lixo

Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano morador da Vila Princesa, 13 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 56



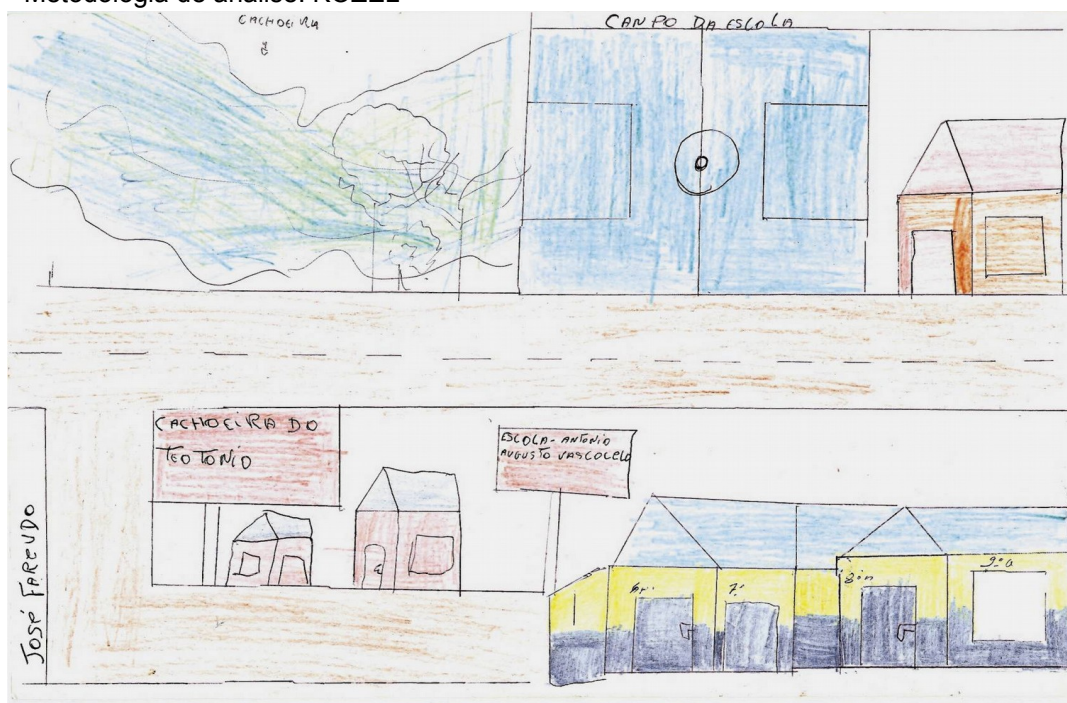
Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º ano moradora do Igarapé Jatuarana, 12 anos.

Tabela 16:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Floresta, rio, cachoeira
Elementos construídos	Moradia, escola, campo de futebol,
Elementos móveis	Voadeira
Elementos Humanos	Alunos
Particularidades	-

Fonte: Mapa mental elaborado por aluna do 6º Ano morador do Igarapé Jatuarana, 12 anos .
Metodologia de análise: KOZEL



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da vila do Teotônio. 12 anos

Tabela 17:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, cachoeira
Elementos construídos	Campo de futebol, estradas, moradia, escola
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	-

Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da vila do Teotônio. 12 anos
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 58



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Cachoeira de Morrinhos, 13 anos.

Tabela 18:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Rio, cachoeira
Elementos construídos	Escola, posto de saúde, moradia
Elementos móveis	Voadeira, ônibus
Elementos Humanos	Pescadores
Particularidades	-

Fonte: Mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Cachoeira de Morrinhos, 13 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 59



Fonte: mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador do Igarapé Amazonas, 14 anos.

Tabela 19:
Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, rio, barranco
Elementos construídos	Escola, moradia
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	-

Fonte: mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador do Igarapé Amazonas, 14 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 60



Fonte: mapa mental elaborado por aluno do 6º ano, morador da Vila Princesa. 12 anos.

Tabela 20:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Rio, mapa, pedras
Elementos construídos	Comércio, estradas, moradia, escola, mapa
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	Alunos
Particularidades	-

Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa. 12 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 61



Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa. 13 anos

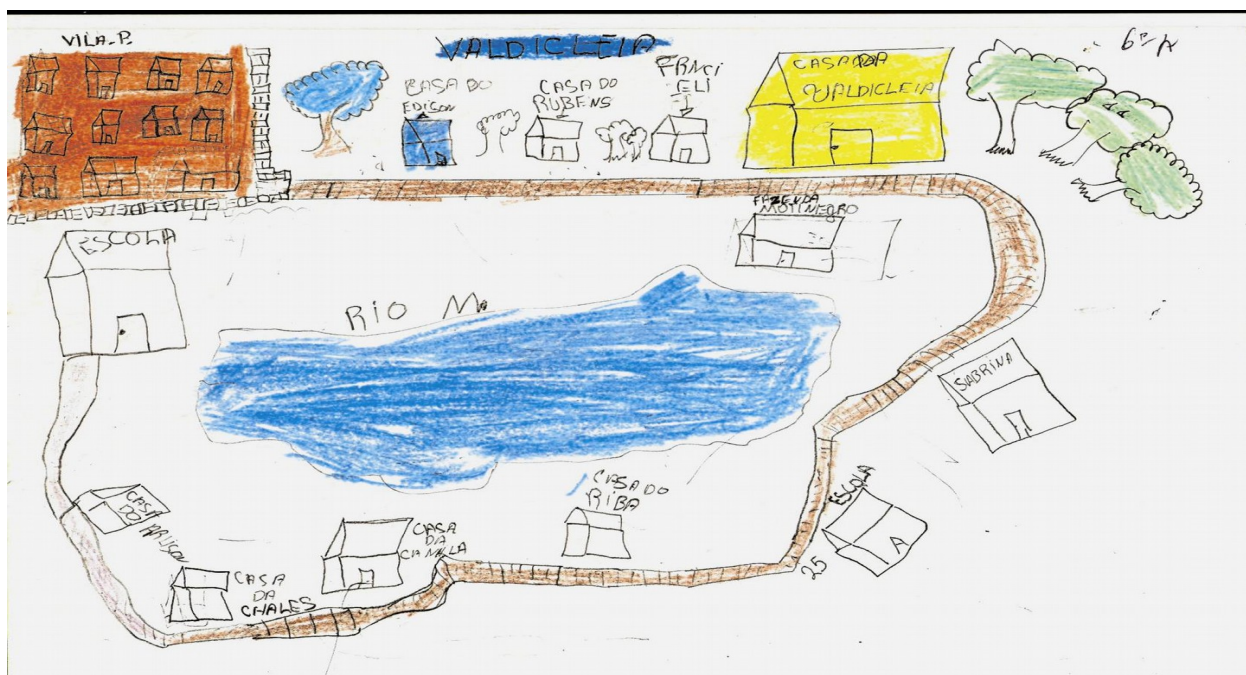
Tabela 21:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Rio, árvores, sol
Elementos construídos	Moradia, estradas, vila princesa, Escola
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	-

Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 13 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 62



Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 12 anos.

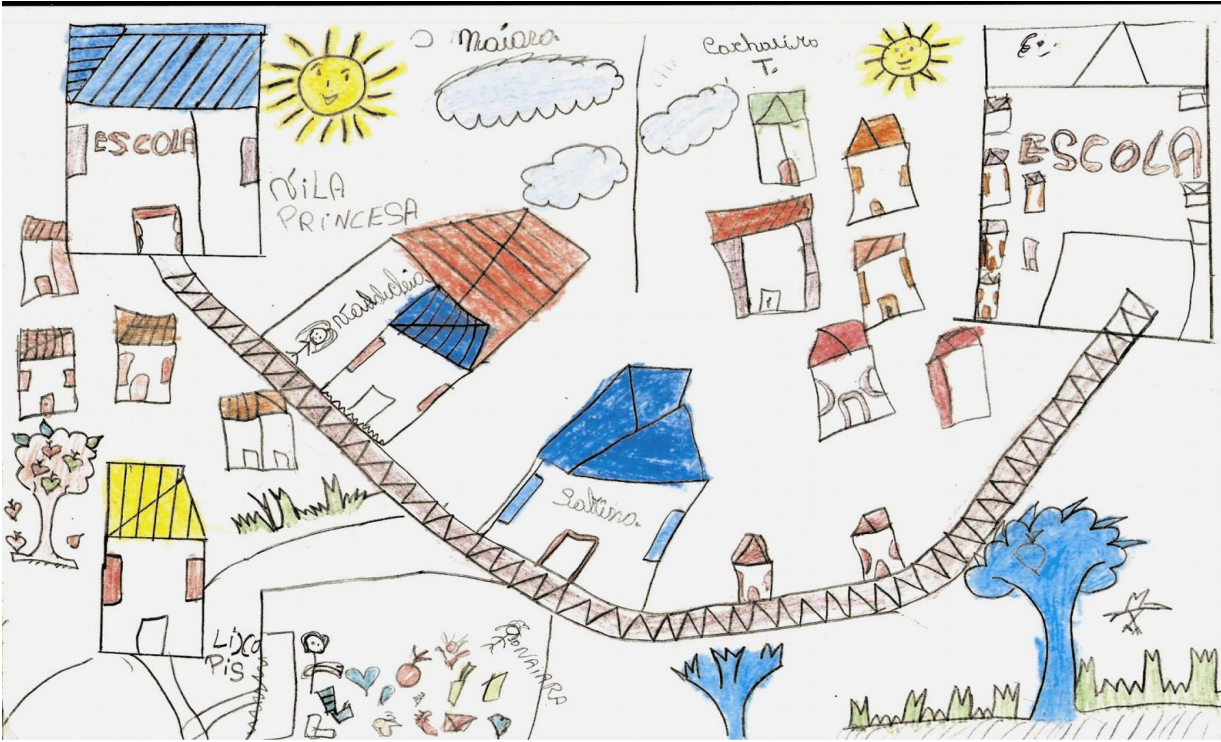
Tabela 22:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, rio madeira, nuvens
Elementos construídos	Igreja, Posto de Saúde, moradia, estrada, escola
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	-

Fonte: mapa mental elaborado por aluna do 6º ano, moradora da Vila Princesa, 12 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 63



Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora da Vila Princesa, 6º ano. 13 anos.

Tabela 23:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Sol, Nuvens, arvores
Elementos construídos	Moradia, comércio, Escola, Estradas
Elementos móveis	-
Elementos Humanos	-
Particularidades	Lixão

Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora da Vila Princesa, 6º ano. 13 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 64



Fonte: Mapa mental elaborado por aluno morador da Vila do Teotônio, 6º ano, 12 anos.

Tabela 24:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, pássaros
Elementos construídos	Posto de Saúde, moradia, estradas, escola
Elementos móveis	Carro, bicicleta
Elementos Humanos	-
Particularidades	-

Fonte: Mapa mental elaborado por aluna moradora da Vila do Teotônio, 6º ano 12 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Figura 65



Fonte: mapa mental elaborado por aluno morador da Vila do Teotônio, 6º ano, 12 anos.

Tabela 25:

Principais aspectos geográficos do espaço, representados no mapa mental

Elementos Naturais	Vegetação, peixe,
Elementos construídos	Escola, quadra de esportes, estradas moradia
Elementos móveis	Ônibus, voadeira
Elementos Humanos	Pescadores
Particularidades	-

Fonte: elementos do mapa mental do aluno morador da Vila do Teotônio, 6ºano, 12 anos.
Metodologia de análise: KOZEL

Enfim, os aspectos geográficos do espaço representados nos mapas mentais apresentados pelos alunos do 6º ano expressam formas de comunicar, interpretar e imaginar conhecimentos ambientais e podem ser utilizado como metodologia para

ajudar o professor em sala de aula e incentivar o aluno a fazer novas buscas para aprender e fazer Geografia. Desta forma, também se pode avaliar o nível de conhecimento que os alunos têm com relação aos lugares que vivem e o que percebem no seu percurso como também os problemas ambientais que acontecem bem próximo a suas casas.

Diante dos mapas mentais elaborados, no que diz respeito à percepção sobre o ambiente natural e construído, alguns alunos trazem representação da idéia de harmonia, de paz, e destaca imagem de uma vila sem poluição, associada ao mundo ideal, tendo uma quadra de esportes e estradas bem organizadas. De acordo com Merleau-Ponty, (1999), o conhecimento espacial adquirido pelos homens, consiste, sobretudo, em imagens mentais, construídas na trajetória em sua vivência a partir de sua percepção. Para ele, esse valorizar o saber é construído ao longo da existência.

Outras formas geográficas percebidos pelos alunos são a aglomeração humana, vias de circulação (estradas e transporte), rio. A maioria dos mapas faz referência à água. Nos desenhos, percebemos que ela foi representada como um bem essencial para a sobrevivência da Vila, descrevendo e discutindo a sua importância para os fenômenos naturais e sociais. Os alunos representaram que são capazes de perceber que a água é parte integrante e fundamental da natureza.

Além do mais, é importante para o aluno perceber as vantagens e desvantagens, o motivo da escassez da água para beber, em um local onde o volume de água é grande para outras atividades e para o consumo já fica difícil.

Nos mapas das alunas moradoras da Vila Princesa, local onde funciona o Lixão, encontramos falas que remetem a uma identificação com o lugar onde vivem. Quando desenha um caminho da sua casa direto ao lixão, ela exalta apenas os aspectos negativos. Porém, demonstra laços afetivos que não deixam de se identificar com as características dos centros urbanos. No mapa, elas destacaram a aglomeração humana que, ao mesmo tempo, liga-se aos sentimentos de aversão ao lugar onde vivem.

Os mapas também mostram a questão da poluição causada por meio do lixo. De certa forma o dia a dia da população urbana, aqui de um modo particular da Vila Princesa, um bairro considerado periférico, onde são registrados inúmeros

problemas de ordem social com também de infra-estrutura. Mas o que significa morar na vila princesa? Lugar mais conhecido entre os alunos como o lixão. e estudar na escola Antônio Augusto Vasconcelos? Até no início de 2008 era sinônimo de brigas entre alguns alunos, adjetivos não apropriados eram utilizados, causando mal estar na escola. Até no ônibus da escolar percebíamos que ao entrarem no ônibus surgiam às provocações por parte dos próprios colegas da escola

O que também percebemos nos mapas mentais das alunas é a expressão da realidade. O lixão situa-se a cerca de 13 km ao sul do centro da cidade, dentre os principais problemas de ordem ambiental que os alunos levantaram, trouxemos sete:

- 1- há graves problemas na operação desse lixão, principalmente devido à infiltração do lençol freático;
- 2 - inexistência de sistema de drenagem água pluvial;
- 3 - permanência do lixo exposto sem cobertura de terra;
- 4 - desenvolvimento de insetos e roedores e contaminação de animais;
- 5 - inexistência de estruturas apropriadas de fiscalização e controle;
- 6 - presença de uma favela com mais de 60 barracos em área externa
- 7- constante queima de resíduos a céu aberto, gerando grande quantidade de fumaça e acarretando incômodo às populações vizinhas, principalmente na parte da noite. E um desses vizinhos é a Universidade.

Sabemos que os alunos vivem essa situação na Vila Princesa, conforme foi apresentado, ou em locais com outros tipos de problemas, porém, é a partir de tais problemas que devem ser feitas a leitura, a representação, e deve ser instigada a curiosidade para avançar na investigação e compreender o que ocorre.

E a partir daí trabalhar com os conceitos envolvidos, no caso, rio, igarapé, corredeiras, lixo, poluição, degradação, queimadas, desmatamento, cidade, e riscos ambientais. Essa leitura dos problemas permite compreender o espaço e se faça o aprender da leitura da palavra, dos mapas mentais, e ler a realidade. Desta forma a geografia pode trabalhar com os conceitos que são próprios do seu conteúdo.

Tabela 26: Aspectos geográficos do espaço percebidos nos mapas mentais

Mapas Mentais	Bica (água)	Escola	Campo Futebol	Rio	Ilha	Ônibus	Barco	FlorestaVegetação /	Moradia	TeotônioCachoeira	Estrada	Desmatamento	Sol / nuvens	Lixão	Bar / Comércio / Igreja	PescandoPessoas
Mapa mental 1	x		x	x		x	x	x	x	x						x
Mapa mental 2				x			x	x	x			x				
Mapa mental 3		x			x			x	x			x	x			
Mapa mental 4		x					x	x	x							
Mapa mental 5		x						x					x	x	x	
Mapa mental 6			x					x			x			x	x	
Mapa mental 7			x					x	x	x						
Mapa mental 8		x		x		x	x		x						x	x
Mapa mental 9		x		x				x	x							
Mapa mental 10		x		x					x		x				x	
Mapa mental 11		x		x				x			x					
Mapa mental 12		x		x				x			x				x	
Mapa mental 13		x						x	x		x		x	x		
Mapa mental 14		x						x	x		x				x	
Mapa mental 15		x	x			x	x	x	x		x					x

Fonte: mapa mental elaborados durante pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O espaço Geográfico e representação**. Coleção Repensando o Ensino. São Paulo. Editora contexto, 1993.

_____. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**, São Paulo, Contexto, 2006.

AMORIM, Oswaldo Bueno. **A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. Sociedade e Natureza**. Uberlândia, Studio Nobel, 1999.

ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BACHELARD. Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins fontes, 1993.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Ensino de Geografia. Práticas e Textualizações no Cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 83-131.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A Invenção Ecológica: narrativas e trajetórias da Educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. IN: CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**, Campinas, Editora Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) **Perspectivas da Geografia**, São Paulo: Difel, 1982.

DIEGUES, A. C (Org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec; NUPAU/USP, 2000.

_____. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano** /Antônio Castrogiovanni, organizador-Porto Alegre, Mediação, 2000.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 5º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GANDIM, Danilo **Escola e Transformação social**, 3º Edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991

GOFFMAN, Erving, **A representação do eu na vida cotidiana**, tradução de Maria Célia Raposo, 14º Edição, Petrópolis, vozes, 2007.

GONCALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo. Contexto, 2001.

GRUBITS, S. **A casa, cultura e sociedade na expressão do desenho infantil**. Psicologia em Estudo, v. 8, n. especial, p. 97-105, 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança Cultural**, 2ª Ed.. São Paulo: Loyola, 1993.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra**. Trad. Maria Cecília França. 4 ed. Campinas, SP:Papirus, 1997.

LEFF, Henrique. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. Petrópolis: Vozes, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOCH, Ruth e. Nogueira. **Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais**, Florianópolis, Editora Da UFSC, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes: **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2001.

KOZEL, Salete, Org.: Silva, Josué da costa, Org. Gil Filho, Sylvio Fausto, Org. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanística**, São Paulo, terceira margem, Curitiba, NEER, 2007

KOZEL, Salete. **Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais**. In: SEEMANN, Jörn (Org.). **A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

_____. (orgs) **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea**, Curitiba, Ed. UFPR, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes; 1994.

MARTINS, Jose de Souza **A sociabilidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Hucitec 2000.

NOGUEIRA, Amélia R. Batista ,**Mapa Mental : Recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau**. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Maria Elena Simielli. DE GEO. São Paulo. 1994

OLIVEIRA, Livia. **Contribuição dos estudos cognitivos percepção Geográfica**, Geografia, v.3, n. 2, 1977, p 61-72.

_____. **Estudo Metodológico e cognitivo do Mapa**, São Paulo: USP/IGEOG, 1978.

PONTUSCHKA, N. N.. **A geografia: pesquisa e ensino**. In: CARLOS, Ana Fanni Alessandri (org). **Novos caminhos da geografia**. 5 ed. São Paulo:Contexto, 2005 (Caminhos da geografia).

PONTUSCHKA, N. N., OLIVEIRA, A. Umbelino (Orgs) **Geografia em Perspectivas**. São Paulo ,SP Contexto , 2002.

REGO, Nelson; ET AL (org.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos: Geografizando em Educação o local e o global** . Porto alegre: editora DA UFRGS, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** Hucitec, São Paulo, 2006.

SANTOS, Nilson **Filosofia para Crianças: Investigação e Democracia na escola**, São Paulo, Nova Alexandria, 2002.

SAVIANI, Demerval **Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os desafios da sociedade de classes**. LOMBARDI. J. C. e SAVIANI, Demerval (orgs.) **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: Autores Associados: 2005, p. 223-274.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água. 2001.

_____. **A relevância social e a consistência epistêmica da pesquisa em educação: alguns subsídios para se avaliar a pesquisa em educação ambiental**. **Revista Educação: teoria e prática**, Rio Claro, UNESP, v. 9, n. 16 e 17, p. 10-16. 2001b.

SILVA, Luisa Ucha da: FERREIRA, Conceição Coelho. **O cidadão geograficamente competente: competências da Geografia no ensino básico**. Inforgeo, nº 15 Lisboa, Edições Colibri, 2000p 91-101.

SOUZA, M.A de. **Centros, redes, margens perspectivas sobre natureza do espaço**, IN CASTRO, I. et AL (orgs) **Redescobrimdo o Brasil-500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p361a 364.

SUERTEGARAY, Dirce M. A.; BASSO, Luis A.; VERDUM, Roberto. **Ambiente e Lugar no Urbano** – A Grande Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-34.

_____. **Geografia física? Ou Geografia e ambiente?** IN: Mendonça, F. e Kozel, S. Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

TUAN, Yu Fu. **Paisagens do medo.** (tradução de Livia de Oliveira) Editora: Difel São Paulo. Ano: 2006.

_____. **Topofilia. Um estudo da percepção e valores do meio ambiente,** São Paulo, Difel, 1980.

-----**Espaço e lugar: a perspectiva da Experiência,** Tradução de Livia de Oliveira São Paulo Difel 1930

VESENTINI, José W. **O ensino de Geografia no século XXI,** Campinas, SP, Papirus, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins fontes, 1994

ZABALA, Antônio. **A Prática Educativa: Como Ensinar.** Porto Alegre: Artemed, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 - Cronograma de atividades desenvolvidas em 2008 e 2009

DATA	HORA	AULAS	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
22/02	03	-	Diagnosticando o espaço da pesquisa
22/02	05	03	Conhecendo os sujeitos da pesquisa
29/02	03	-	Conhecendo o projeto político pedagógico
14/03	02	-	Conhecendo os planos de aula de Geografia
21/03	01	01	Primeira ida à sala, falar da pesquisa
04/04	01	01	Atividades prática 1 elaboração dos mapas
11/04	01	01	Atividades prática 2 elaboração dos mapas
18/04	01	01	Atividades prática 3 elaboração dos mapas
25/04	01	01	Atividades prática 4 elaboração dos mapas
02/05	01	01	Atividades prática 5 elaboração dos mapas
08/05	01	-	Ida à vila para tirar fotos
12/05	02	-	Ida à vila para tirar fotos
20/10	03	-	Registro das atividades na feira de cultura
08/02/2009	01	-	Ida à vila para levantar novos dados
12/02/2009	02	-	Ida à vila para conversar com os alunos
20/03/2009	03	-	Ida a vila pra conversar com algumas famílias

Fonte: Cronograma de atividades desenvolvidas durante pesquisa de campo no ano de 2008 e 2009 e organizado conforme registros do diário de campo.

ANEXO 2 - OBSERVANDO O ESPAÇO PERCORRIDO, O ESPAÇO VIVIDO.

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA-PPMG**

Aluno

(a): _____ **n:** _____

Mora na vila: () sim () não

Caso não resida na vila: Qual localidade ribeirinha você reside.....

ORIENTAÇÕES:

1. Nesta folha em branco, faça o percurso da sua casa à escola;
2. Indique os lugares que você encontra ao longo do caminho;
3. Indique os limites da Vila da Cachoeira. (considerando que a escola está localizada na vila).

ANEXO 3 - REPORTAGEM DO JORNAL “O ESTADÃO DO NORTE”

Alunos arriscam a vida na Cachoeira do Teotônio

RONDINELI GONZALEZ

Aproximadamente 80 alunos das comunidades ribeirinhas de Igarapé Jatuarana, Cachoeira dos Macacos e Comunidade Amazonas arriscam a vida todos os dias para irem à escola. Eles têm que fazer a travessia da Cachoeira do Teotônio, diariamente, para garantir o direito de estudar na única escola daquela vila às margens de uma das mais belas paisagens da natureza local. É o que conta a diretora da escola Antônio Augusto Vasconcelos, Vera Lúcia Borges dos Santos.

Ela explica que, embora muitas pessoas possam achar o caminho à escola e retorno para casa perigoso, a realidade é bem diferente, já que nunca houve registros de acidentes com os alunos que são conduzidos pelos experientes pilotos de lancha, todos credenciados pela Capitania dos Portos de Porto Velho. Contudo, o risco é iminente, afirmam alguns pais de alunos.

Eles usam os coletes salva-vidas, vêm e voltam, todos os dias, e até gostam dessa aventura. É uma diversão para eles. “É claro que a cachoeira tem a fama de ser perigosa, mas o caminho realizado pelos pilotos é mais calmo e as chances de acontecer acidentes são quase inexistentes”, conta a professora. O piloto de lancha Luiz Nascimento Freitas, com anos de experiência em voadeiras, conta que nunca ouviu falar em algum acidente envolvendo a travessia do rio, principalmente quando se relaciona aos alunos que fazem esse caminho. A escola - que atende à cerca de 260 alunos da 1ª à 8ª Ano - funciona no vilarejo desde 1999. O prédio pertence ao Governo do Estado, mas quem atua são professores e funcionários da Prefeitura.

“A Secretaria (Municipal de Educação) paga os pilotos e a voadeira, os motores e o combustível também são da Prefeitura. Não há o que reclamar, pois as aulas continuam bem acompanhadas, os alunos participam e não nos faltam profissionais, atendimentos sociais e a merenda é sempre bem servida”, explica a diretora. Veralúcia conta ainda que a Semed tem ampliado a busca por parcerias e tem conquistado oportunidades para oferecer aos alunos e à comunidade de Teotônio e adjacências.

“A Semed, recentemente, firmou parceria com Furnas que, por sua vez, vai trazer especialistas para promoverem cursos de artesanatos aqui. Temos marcado, já para o dia 23 de julho, um curso na escola onde toda a comunidade poderá participar”, finalizou.

Em uma rápida consulta por telefone, a secretária Epifânia Barbosa garantiu que a Semed está com projetos para ampliar o atendimento escolar nas comunidades daquela área, inclusive com o desejo de reformar a atual escola e até construir novas escolas.

Fonte: Jornal o Estadão do Norte, dia 23.5.2005.

ANEXO 4 – PREFEITURA AMPLIA ESCOLA DA CACHOEIRA

Prefeitura amplia escola da Cachoeira do Teotônio



21/05/2007 -



O prefeito de Porto Velho, Roberto Sobrinho, e a secretária municipal de Educação, Epifânia Barbosa da Silva, inauguraram no último sábado (19) duas novas salas de aula na escola municipalizada Antonio Augusto Vasconcelos, localizada nas proximidades da Cachoeira do Teotônio. A unidade também foi reformada, ganhando nova pintura e a construção de um muro de arrimo para proteger o prédio, um investimento de R\$ 146.164,10.

A solenidade aconteceu às 10h e contou ainda com a presença do deputado federal Eduardo Valverde, da Primeira Dama do Município, Lucilene Peixoto, da coordenadora da Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para as Mulheres, Mara Regina Araújo, dos

vereadores José Wildes, Ramiro Negreiros e Zequinha Araújo, além dos pais, alunos, professores e moradores da comunidade.

Além dos próprios moradores da Cachoeira do Teotônio, a escola Antonio Augusto Vasconcelos atende também alunos vindos da Vila Princesa, Morrinhos, Jatuarana, Amazonas e Trata Sério. Ao todo são 172 alunos, distribuídos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 1º seguimento (1ª à 4ª série) da Educação de Jovens e Adultos.

A ampliação, segundo a diretora da escola, Vera Lucia Borges dos Santos, vai proporcionar mais conforto aos alunos e professores. “Antes nós tínhamos salas que estavam com excesso de lotação. Agora poderemos acomodar melhor os alunos”, conta a diretora.



A secretária de Educação disse durante a inauguração que o processo para construção das novas salas iniciou em 2006, mas a obra sofreu um atraso, em função da necessidade de se construir antes um muro de arrimo. “Sem o muro não dava pra fazer as salas”, ressaltou Epifânia, informando que a escola vai receber também materiais e livros para a biblioteca, que devem chegar dentro de 60 dias. Já foram entregues armários, bebedouro, mesas e carteiras para os alunos, mesas para os professores e uniformes.

O prefeito Roberto Sobrinho destacou que além de melhorar a estrutura da escola, bem como a de outras mais, a prefeitura renovou recentemente a frota fluvial de transporte escolar. Foram adquiridos 45 cascos e 45 motores, que substituem as 45 voadeiras que faziam o transporte dos alunos até então e também está

em tramitação o processo para aquisição de 14 novos ônibus, além dos 41 que estão circulando.“ Estamos investindo também na construção de ginásios nas escolas. Entregamos recentemente ginásios de esporte em Calama, São Carlos e Nova Califórnia, e estamos construindo várias quadras para oferecer mais conforto aos alunos”, fala Sobrinho.

ANEXO 5 ; PROJETO DA UNIR BENEFICIA ESCOLAS RIBEIRINHAS

Projeto da Unir beneficia escolas ribeirinhas

O Projeto "Alfabetização de Ribeirinhos na Amazônia" desenvolve nesta sexta-feira (01/07) atividades de Extensão na Cachoeira do Teotônio. O Projeto já atua nas áreas ribeirinhas desde 1999, onde realiza pesquisas com as populações desses locais, abrangendo temas como: Pluralidade Cultural, Cultura e Educação na Amazônia, Lúdico e Linguagem, Letramento, Leitura, Escrita e outros temas de interesse do Projeto e das comunidades. O projeto está ligado ao PIBIC/UNIR - Programa de Bolsas de Iniciação Científica para alunos de graduação e foi aprovado pelo CNPq. Este ano o projeto obteve o patrocínio do BASA - Banco da Amazônia para ajudar nas despesas do projeto e na publicação de um livro que pretende registrar a cultura dos povos ribeirinhos. O projeto está ligado ao "Grupo de Estudos Integrados sobre Aquisição da Escrita", coordenado pela professora Nair Ferreira Gurgel do Amaral, doutora da UNIR, e é composto por mais de 20 alunos, 6 professores e alguns colaboradores, inclusive de fora da Universidade, como é o caso da Bibliotecária Glória Valadares Grangeiro, diretora da Biblioteca Municipal Francisco Meireles que também representa a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Atualmente, o projeto atende três escolas ribeirinhas: Escola Municipal Rural "Domingos Sávio na comunidade de São Sebastião, **Escola** Municipal Santo Antônio I, em frente ao cemitério Santo Antônio, Escola Antônio Vasconcelos, na cachoeira de Teotônio, além de visitas a outras escolas ribeirinhas em Calama, etc. Componentes do Projeto: Nair Ferreira Gurgel do Amaral, Clarides Henrich de Barba, Célio José Borges, Glória Valladares Grangeiro, Ana Cristina Vieira de Oliveira, Beatriz Ramos Correa, Edna Samáira Andrade Freitas, Ellen Mendonça, Jaqueline Gomes da Costa, Maria da Conceição Barbosa Patrícia Martinez Pimenta, Querla Mota dos Santos, Domingas Luciene Feitosa, Eliandra Oliveira Belforte, Francisca Odalice da Silva, Marcela Arantes Ribeiro e Vivian Mota de Mattos. As atividades que serão desenvolvidas na Cachoeira de Teotônio, fazem parte da parceria com a escola e retorno à comunidade. Serão oferecidos: Palestras sobre Educação Ambiental, Higiênização, Vigilância Sanitária, Saúde Bucal, Aferição de pressão, pesagem, teatro, música, dança, sorteio de brindes, gincanas, brincadeiras, leitura e narração de histórias, distribuição de camisinhas e folhetos explicativos: drogas, dengue, malária, febre amarela e outros. O projeto, que é patrocinado pelo Basa, conta com a parceria da prefeitura de Porto Velho através da Secretaria Municipal de Educação (Semed) e Biblioteca Municipal Francisco Meireles. Outros integrantes da iniciativa são a Sedam, Sesau, Senac, Biblioteca Municipal Francisco Meireles, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/FNLIJ, Eletronorte, Coca-Cola, Coordenação de Saúde - PROGRAD/UNIR, Grupo de Teatro de Fantoques, Fundação Riomar.

FONTE: Assessoria/Prefeitura